

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
MESTRADO EM TEOLOGIA**

APARECIDA PEIXOTO DA SILVA

**A PRESENÇA DAS MULHERES NA PAIXÃO E RESSURREIÇÃO DE JESUS,
SEGUNDO O EVANGELHO DE MARCOS**

CURITIBA

2015

APARECIDA PEIXOTO DA SILVA

**A PRESENÇA DAS MULHERES NA PAIXÃO E RESSURREIÇÃO DE JESUS,
SEGUNDO O EVANGELHO DE MARCOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Artuso

CURITIBA

2015

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

S586p
2015 Silva, Aparecida Peixoto da
A presença das mulheres na paixão e ressurreição de Jesus, segundo o Evangelho de Marcos / Aparecida Peixoto da Silva ; orientador, Vicente Artuso. – 2015.
141 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2015
Bibliografia: f. 136-141

1. Teologia. 2. Mulheres - Aspectos religiosos. 3. Bíblia. N.T. Evangelhos. 4. Bíblia. N.T. Marcos. 5. Jesus Cristo - Ressurreição. I. Artuso, Vicente, 1952-. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia.III. Título.

CDD 20. ed. – 230

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 094
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
APARECIDA PEIXOTO DA SILVA**

Aos dezesseis dias, do mês de março de dois mil e quinze, às catorze horas reuniu-se na Sala de Defesa – Segundo Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Vicente Artuso, Valmor da Silva e Luiz Alexandre Solano Rossi para examinar a Dissertação da candidata, **Aparecida Peixoto da Silva**, ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e treze. Linha de Pesquisa: Bíblia e Evangelização. A mestranda apresentou a dissertação intitulada: “A PRESENÇA DAS MULHERES NA PAIXÃO E RESSURREIÇÃO DE JESUS, SEGUNDO O EVANGELHO DE MARCOS”. A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, a candidata foi aprovada. pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 15 h 24 min. Para constar, lavrou-se presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Prof.Dr. Vicente Artuso _____
Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Valmor da Silva _____
Convidado Externo

Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi _____
Convidado Interno

CIENTE

Prof. Dr. Agenor Brighenti

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e sabedoria que sempre me concedeu.

Aos meus pais, Dorival e Maria, pelas orações e incentivo.

À minha família, aos meus filhos e ao meu querido esposo pela compreensão e colaboração em minha ausência.

Ao meu orientador Dr. Vicente Artuso, pela dedicação e compreensão durante o trabalho.

Aos meus amigos de sala pelo companheirismo e pela força que me deram nos momentos de dificuldades.

Aos professores da PUC de Curitiba, pelas lições, seriedade e partilha do conhecimento.

Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro
que anuncia a paz, do que proclama boas
novas e anuncia a salvação, do que diz a Sião:

O teu Deus reina.

(Is 52,7)

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo analisar a presença das mulheres na Paixão e Ressurreição de Jesus Cristo, à luz do Evangelho de Marcos, momento em que elas têm um papel fundamental. Para discutir o modo como o Evangelho apresenta as mulheres e as palavras de Jesus relacionadas a elas, dividiu-se esta pesquisa em três capítulos. No primeiro realizou-se a contextualização histórica do Evangelho de Marcos. Evangelho que foi alvo das atenções dos estudiosos dos textos bíblicos, sobretudo no que se refere à linguagem sóbria do material evangélico. Essa obra, nos últimos dois séculos, passou a ocupar lugar de destaque nas citações da crítica literária e histórica, uma vez que “na realidade um Evangelho sem a síntese sugestiva do discurso da Montanha (Mt 5—7) ou sem as parábolas da misericórdia (Lc 15), sem notícias sobre o nascimento de Jesus, estava destinado já desde o começo a uma vida difícil na Igreja. A tradição e o Novo Testamento conservaram traços da atividade de Marcos no seio da Igreja, dos seus elos com os apóstolos da primeira geração. Marcos escreve a partir das memórias de Pedro e com base em relatos dos demais testemunhos apostólicos. No segundo capítulo, procurou-se traçar um panorama histórico sobre o modo como as mulheres eram tratadas, sobretudo na cultura judaica em suas dimensões: cultural, social e religiosa. O patriarcado romano era um sistema de dominação, ocupação e exploração dos recursos naturais e humanos de forma violenta e escravagista em níveis familiar, social e político. Dentro deste contexto de dominação romana, o patriarcado judeu era o sistema de um povo em busca de sobrevivência histórico-cultural. É importante frisar, também, que as mulheres eram vítimas deste padrão patriarcal judeu e androcêntrico, eram relegadas, à condição de marginalizadas e retratadas apenas em espaço doméstico ou subordinadas ao pai, se solteiras, ou ao homem, se casadas. Mediante atenta leitura do evangelho de Marcos, é possível perceber que este padrão patriarcal é mantido em alguns aspectos e revertido em outros. Até o final do capítulo 15 do evangelho de Marcos, as mulheres são anônimas, sua presença entre os seguidores de Jesus não é mencionada. No terceiro capítulo, discutiu-se a paixão e a ressurreição de Jesus Cristo, mostrando como as mulheres tiveram papel fundamental nesse período, sendo as primeiras a testemunharem Jesus Cristo ressuscitado. Segundo o evangelista Marcos, as mulheres acompanharam Jesus e serviram-no desde a Galileia até Jerusalém (Mc 15,41). Marcos ao retratar sobre as mulheres utiliza o mesmo termo que costuma aplicar também aos discípulos homens. As mulheres têm o mesmo direito de serem chamadas de discípulas e seguidoras (Mc 15,41). Dentro desse grupo, Marcos destaca nominalmente três mulheres (Maria Madalena, Maria, a mãe de Tiago, o menor, e de Joset, e Salomé). Estas correspondem aos três discípulos que Jesus levou consigo ao Getsémani, Pedro, Tiago e João (Mc 14,37-40). Essas mulheres que estiveram junto ao túmulo, a quem se anuncia a ressurreição e às quais Jesus aparece, são as mesmas que tinham acompanhado Jesus desde a Galileia. Dessa maneira, as mulheres discípulas confirmaram e asseguraram seu seguimento e o da comunidade por meio do observar, do ver, do acompanhar e do testemunhar.

Palavras-chave: Evangelho. Mulheres no Evangelho. Ressurreição. Jesus Cristo.

ABSTRACT

The present research job aims to analyze the presence of women in the Passion and Resurrection of Jesus Christ, in light of Marcos' Gospel, at the moment that they have a fundamental role. To discuss how the Gospel presents women and Jesus' words related to them, this research was divided in three chapters. In the first was performed a historical contextualization of Marcos' Gospel. This Gospel was target of attention of scholars of biblical texts, especially with regards to the sober language of evangelical material. This work has come to occupy a prominent place in the quotations of literary criticism and historical in the last two centuries, once "really a gospel without the suggestive synthesis of the Sermon of the Mountain (Mt 5-7) or without mercy parables (Lc 15), without news about Jesus' birth, was destined to have a hard life in the church since the beginning. The tradition and the New Testament preserved traces of Marcos' activity in the church and it is linked with the first generation of apostles. Marcos writes from the memories of Pedro and based on reports from the other apostolic testimonials. In the second chapter, was searched to take a historical overview about how the women were treated, mainly in Jewish culture inside of the cultural, religious and social dimensions. The Roman patriarchy was a system of domination, occupation and exploration of natural and human resources violently and slavery in family, social and political levels. Inside this context of Roman domination, the Jewish patriarchy was the system of a people looking for historical and cultural survival. It is important to note that women were victims of this Jewish and androcentric patriarchal pattern. They were relegated to marginal condition and portrayed only in domestic space or subordinate to their father if single, or man, if married. It is possible to note that this patriarchal pattern is maintained in some aspects and reversed in other just reading carefully the gospel of Marcos. The women are anonymous and their presence between the followers of Jesus is not mentioned until the end of chapter 15 of the Marcos' Gospel. In the third chapter was discussed the passion and the resurrection of Jesus Christ, showing how the women had a fundamental role in this period, being the first to witness Jesus Christ resurrected. According to the evangelist Marcos, women followed Jesus and served him from Galilee to Jerusalem (Mc 15,41). Marcos uses the same term that is often applied to the male disciples to portray about women. The women have the same right to be called disciples and followers (Mc 15,41). Marcos highlights

nominally three women (Maria Madalene, Maria mother of Thiago, the smaller, and Joset, and Salomé) inside that group. These correspond to the three disciples that Jesus took with him to Gethsemane, Pedro, Thiago and João (Mc 14,37-40). Those women who were next to the tomb, for whom was announced the resurrection and to whom Jesus appeared, are the same who had followed Jesus from Galilee. Thereby, the women disciples confirmed and ensured their follow and the community through the observe, the view, the monitor and the witness.

Keywords: Gospel. Women in the Gospel. Resurrection. Jesus Christ.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MARCOS	13
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO EVANGELHO SEGUNDO SÃO MARCOS.....	15
1.2 AUTOR.....	25
1.3 DATA E LOCAL DE COMPOSIÇÃO	29
1.4 OS PAIS DA IGREJA	32
1.5 DESTINATÁRIOS	37
1.6 CARACTERÍSTICA DA LINGUAGEM.....	39
1.7 ESTRUTURA DO EVANGELHO DE MARCOS	41
1.7.1 Plano Geográfico.....	42
1.7.2 Plano Teológico.....	44
2 A SITUAÇÃO DAS MULHERES NO TEMPO DE JESUS	45
2.1 A FAMÍLIA JUDAÍCA EM SUA ESTRUTURA PATRIARCAL.....	46
2.2 A CONDIÇÃO DA MULHER COMO FILHA	48
2.3 A CONDIÇÃO DA MULHER COMO ESPOSA.....	50
2.4 A EDUCAÇÃO E A RELIGIÃO DAS MULHERES JUDIAS	53
2.5 JESUS INTERFERE NA ORDEM PATRIARCAL.....	57
2.6 MULHER QUE LOUVA JESUS.....	62
2.7 MARTA E MARIA AMIGAS DE JESUS.....	63
2.8 A MULHER ADÚLTERA.....	64
2.9 A cura da mulher encurvada	68
2.10 A CURA DA SOGRA DE PEDRO	69
2.11 A RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO.....	70
2.12 A CURA DA MULHER HEMORROÍSA	71
2.13 A CURA DA FILHA DE UMA MULHER PAGÃ.....	73
2.14 A RESSURREIÇÃO DO FILHO DA VIÚVA DE NAIM.....	75
2.15 A MULHER POBRE E VIÚVA	76
2.16 A MULHER QUE UNGIU JESUS	77
3 O TESTEMUNHO DAS MULHERES NA PAIXÃO E RESSURREIÇÃO DE JESUS	
CRISTO EM MARCOS	80
3.1 TEXTO DO RELATO DA PAIXÃO (MC 15,40-47)	80

3.2 CONTEXTO	80
3.3 INTERPRETAÇÃO DA PRESENÇA DAS MULHERES JUNTO À CRUZ	82
3.3.1 Olham de longe	83
3.3.2 Seguem e servem o Mestre	87
3.3.3 A unção oculta.....	89
3.3.4 Observam.....	90
3.4 TEXTO DA RESSURREIÇÃO (Mc 16,1-8).....	91
3.5 CONTEXTO	92
3.6 INTERPRETAÇÃO DA PRESENÇA DAS MULHERES NO SEPULCRO VAZIO	93
3.6.1 Perfumes para ungir	94
3.6.2 Vão ao túmulo ao nascer do sol	95
3.6.3 Conversam entre si	96
3.6.4 Veem a pedra removida	96
3.6.5 Ficam cheias de espanto.....	97
3.6.6 Ouvem o querigma	99
3.6.7 São enviadas para anunciar.....	101
3.6.8 Não contam a ninguém	103
3.7 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS DO TESTEMUNHO DAS MULHERES NA PAIXÃO E RESSURREIÇÃO DE JESUS NOS SINÓTICOS.....	107
3.7.1 Mulheres diante da cruz	108
3.8 AS MULHERES APÓS O SEPULTAMENTO DE JESUS COMEÇARAM A AGIR	110
3.9 A MANIFESTAÇÃO DO ANJO ÀS MULHERES	115
3.9.1 Jesus Cristo aparece às mulheres e as envia em missão.....	122
3.10 DISCIPULADO E MISSAÕ DAS MULHERES.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	136

INTRODUÇÃO

As mulheres atuam em diversos serviços dentro das Igrejas. Mas nem sempre foi assim. Por muito tempo, diferentes sociedades consideravam-nas indignas de participar das atividades relativas à Igreja ou opinar sobre elas. Porém, o que se nota é que o Plano de Deus, que se fez concreto por meio da pessoa de Jesus Cristo, atribuiu à mulher uma missão especial, ser missionária, assim como homem.

Diante disso, o interesse desta pesquisa voltou-se a analisar o testemunho das mulheres nos relatos da Paixão e da Ressurreição de Jesus à luz do Evangelho de Marcos, momento em que elas têm um papel fundamental. Seguidoras de Jesus, tornaram-se as primeiras testemunhas da ressurreição de Jesus Cristo, a veemência desse fato é tremenda, haja vista que, por meio das mulheres, ficou estabelecida a afirmação da Ressurreição de Jesus. Foram elas que testemunharam a morte de Jesus Cristo, o local do sepultamento e a ressurreição.

Para a realização deste estudo, foi realizada pesquisa subsidiada pelos textos bíblicos. Além do método histórico-crítico para análise de elementos essenciais: Introdução histórica do Evangelho de Marcos e análise dos textos. No que concerne à análise de textos relativos ao papel da mulher, foram utilizados elementos de análise sociológica: lado social, econômico, político e religioso. No campo da teologia, a proposta a trabalhar versa na área bíblica, na visão de Marcos, com vistas a apresentar um posicionamento da relação de Jesus com as mulheres nos relatos de sua Paixão e Ressurreição.

Para discutir o modo como os Evangelhos apresentam as mulheres e as palavras de Jesus relacionadas a elas, dividiu-se esta pesquisa em três capítulos. No primeiro deles, aborda-se o evangelho de Marcos, que foi alvo das atenções dos estudiosos dos textos bíblicos, sobretudo no que se refere à linguagem sóbria do material evangélico. Essa obra, nos últimos dois séculos, passou a ocupar lugar de destaque nas citações da crítica literária e histórica, uma vez que “na realidade um Evangelho sem a síntese sugestiva do discurso da Montanha (Mt 5—7) ou sem as parábolas da misericórdia (Lc 15), sem notícias sobre o nascimento de Jesus, estava destinado já desde o começo a uma vida difícil na Igreja.”¹ Marcos não foi um

¹ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos (I)**. São Paulo: Loyola, 1990, p. 423.

apóstolo. A tradição e o Novo Testamento conservaram traços da atividade de Marcos no seio da Igreja, dos seus elos com os apóstolos da primeira geração. Marcos escreve a partir das memórias de Pedro e com base em relatos dos demais testemunhos apostólicos. Os destinatários para os quais Marcos escreve são cristãos provenientes do mundo pagão. Percebe-se que o evangelista não se prende em demasia às questões da lei mosaica, tem o cuidado de explicar os costumes judaicos, que seus leitores desconhecem e, por isso, necessitam de explicação. Outro fato importante é que neste Evangelho os pagãos não são mencionados de maneira negativa; antes, porém, em muitos casos, são mencionados com exemplos positivos (Mt 15,21-28; Mc 7,24; 11,17; 13,10).

Marcos escreve em grego, língua inserida na cultura judaica, sobretudo, para aqueles que viviam fora da Palestina, uma vez que seus leitores são de origem gentílica, torna-se natural a opção pela língua grega. Dentre os evangelhos, o evangelho de Marcos é o que possui mais expressões aramaicas. Embora seja destinado aos gentios, esta obra se caracteriza pelo uso de várias expressões traduzidas para o grego, algumas delas se encontram neste livro. Na obra de Marcos, encontram-se também expressões latinas. Os latinismos poderiam evidenciar a hipótese de que Marcos tenha escrito sua obra em Roma, destinado-a aos cristãos daquela região, embora se deva levar em consideração que se trata de termos veiculados em todo o Império Romano. Seu Evangelho é o menos sistemático e o mais pobre em estilo literário, sendo redigido de modo coloquial. Utiliza-se muito o presente histórico e seu vocabulário é reduzido e muito espontâneo.

Na segunda seção, procurou-se traçar um panorama histórico sobre o modo como as mulheres eram tratadas, sobretudo na cultura judaica. À época, tempo de Jesus, as mulheres eram consideradas seres humanos de segunda categoria. O motivo que levava a esta discriminação residia no fato de terem nascido mulher. As mulheres tinham que cumprir vários preceitos, como não sair de casa sem estarem acompanhadas do varão. Traziam o rosto coberto com um manto ou véu, dessa forma, não era possível reconhecer os traços de seu rosto. Uma mulher não devia ficar sozinha no campo. “Não lhes era permitido falar em público com nenhum varão, mesmo que fosse a esposa, filha ou irmã.”²

² BONNIN, Pomar Isabel. Jesus e a Mulher: uma novidade radical. **Grande Sinal, Revista de Espiritualidade**. Petrópolis, v. XLVIII, p. 475.

A principal incumbência das mulheres como esposas consistia em satisfazer sexualmente o marido e dar-lhe filhos varões para assegurar a subsistência da família. “No entanto, parece que as mulheres tinham grande influência dentro da família, pois, muitos homens as respeitavam como mães de seus filhos.”³ O controle sobre as mulheres estava fortemente condicionado pela discriminação fisiológica; era considerada impura no período menstrual e também após o parto. “Era essa a principal razão porque as mulheres eram excluídas do sacerdócio, da participação plena no culto e do acesso às áreas mais sagradas do Templo.”⁴

As mulheres eram definidas pelo aspecto biológico, como mães procriadoras; do ponto de vista sociológico, eram dependentes, primeiro do pai e depois do marido; e, sob o prisma psicológico, eram inábeis a dedicar-se a temas apresentados como sérios ou importantes, específicos dos homens. Todavia, na libertação das mulheres, supõe-se uma mudança radical, uma revolução profunda, uma nova forma de relação entre homens e mulheres, enfim, uma transformação social. Nesse contexto, a prática de Jesus se revela não só inovadora, mas até mesmo chocante.

No terceiro capítulo, discutiu-se a paixão e a ressurreição de Cristo, mostrando como as mulheres tiveram papel fundamental nesse período, sendo as primeiras a encontrarem novamente com Jesus ressuscitado.

Na pedagogia da inclusão, Jesus rompe as barreiras, inaugura uma nova era religiosa, apresenta outra atitude em relação ao homem e à mulher. Para ele, deve existir igualdade entre ambos. Jesus não fazia distinção ao revelar os seus segredos, ele falava tanto para homens como para mulheres que seguiam e aceitavam a sua proposta. Na missão de Jesus, a presença das mulheres como discípulas é uma realidade clara, explícita e narrada pelos evangelistas com a máxima importância. Elas protagonizaram passagens que definiram o cristianismo, estiveram com ele nas pregações e não o abandonaram no calvário. Segundo o evangelista Marcos, as mulheres acompanharam Jesus e serviram-no desde a Galileia até Jerusalém.

O legado feminino deixado pelas mulheres contemporâneas de Jesus tem valor inestimável. “Serviu de referência para o corpo de fiéis que começou a se formar nos primórdios do cristianismo e nos últimos dois mil anos teve papel

³ Ibid, p. 258.

⁴ PAGOLA, José A. Jesus: **Aproximação Histórica**. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 257

fundamental na criação da identidade católica.”⁵ As mulheres não foram somente as primeiras receptoras da mais importante mensagem do cristianismo, mas também as primeiras a proclamá-la. Jesus não só revalorizou a existência das mulheres em uma sociedade patriarcal, mas as inseriu em seu grupo. O movimento cristão dentro e fora da Palestina fez com que as mulheres fossem consideradas pessoas dignas e com competência para participarem nas comunidades em igualdade de condições como os homens.

Na visão de Jesus, as mulheres estavam aptas para serem suas discípulas, pois para ser discípulo de Jesus era necessário chamado, desejo de seguir, serviço, visão, escuta e missão. As mulheres preencheram esses requisitos e se inseriram nessa missão, desde a Galileia até Jerusalém (Mc 15,40-41). O testemunho daquelas mulheres que viveram a fé de forma plena, por meio de atos e palavras, deixou sua marca e continua estimulando transformações estruturais e religiosas.

⁵ AS MULHERES DA VIDA DE JESUS. In: **Revista Isto e**. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/116637as+mulheres+da-vida+de+Jesus+parte+1>. Acesso em: 12 dez 2014.

1 INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MARCOS

O Evangelho de Marcos não teve na antiguidade um destino e um sucesso comparáveis com os de Mateus, Lucas e João. Ninguém nunca duvidou da qualidade do livro sagrado, ao contrário, muitas vezes, desde o século II d.C., os “[...] autores cristãos citaram o seu conteúdo, o incluíram no número dos quatro Evangelhos, o exaltaram como um eco da voz de Pedro.”⁶ Porém, nos comentários homiléticos dos escritores antigos este Evangelho foi muitas vezes ignorado.⁷

Foi a partir do fim do século passado e nos princípios deste que o Evangelho de Marcos começou a ganhar atualidade. Primeiro porque foi pautado como Evangelho histórico, que fornecia as primeiras informações da pessoa e da prática de Jesus. Porém, mais tarde, foi alvo de discórdia, que se chegou a demonstrar que não era uma história e era de fato uma teologia primária. Na questão da origem comum dos sinóticos, começou-se a ter consistência própria como uma das duas fontes das quais derivaram Lucas e Mateus e, com esta hipótese, estudaram-se as formações das tradições pré-sinóticas.⁸

Foram dedicados muitos anos de estudo à chamada questão sinótica; que se dedica ao estudo das mútuas relações dos evangelhos. Nesse ponto, a crítica concluiu que o evangelho de Marcos é o mais antigo, o primeiro exemplar escrito a chegar até nós.⁹

Comumente, passou-se a estudar o Evangelho em si mesmo, sem relacioná-lo com a problemática sinótica, buscando a chamada linha redacional. O Evangelho de Marcos tem todas as características de um documento histórico, porque é a narração de Pedro, testemunha ocular dos fatos; porque tem a sobriedade de uma narração tirada da vida e porque, mais do que qualquer outro, tem a finalidade de ensinar narrando.¹⁰

A redescoberta da obra de Marcos é de tempos atuais. Aparece hoje como um Evangelho humilde, contemporâneo, vivaz. A sobriedade de seu material

⁶ BATTAGLIA, O.; URICCHIO, F.; LANCELLOTTI, A. **Comentário ao Evangelho de São Marcos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 9.

⁷ O fenômeno é devido ao fato de que o material de Marcos encontra-se quase todo nos Evangelhos, mais amplo e mais organizado, de Mateus e de Lucas. Alguns escritores antigos, como Santo Agostinho, o consideram até como um resumo do Evangelho de Mateus (Ibid., p. 9).

⁸ CALLE, Francisco de la. **A teologia de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 19.

⁹ Ibid., p. 23

¹⁰ BATTAGLIA et al., op. cit., p. 12.

desempenhava no passado o papel do parente pobre em relação aos outros dois Evangelhos sinóticos e ao Evangelho de João.

Marcos é o único evangelista a dar o título no início da obra: “Evangelho de Jesus Cristo Filho de Deus” (Mc 1,1). Tem a intenção de relatar que sua obra é o anúncio de Jesus, Messias (Cristo) e Filho de Deus. A brevidade da narração e a supressão da maioria dos discursos que caracterizam os outros evangelhos permitem a Marcos atrair toda atenção do leitor sobre a figura de Jesus. No título, está contida a resposta de Pedro à pergunta que foi elaborada por Jesus aos seus discípulos em Cesareia de Filipe: “E vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou?” (Mc 8,29).

Em um breve itinerário histórico, o leitor é convidado por Marcos a trilhar pessoalmente o caminho da fé apostólica, para constatar o embasamento da fé de Pedro. Só assim, ele repetirá com Pedro, líder dos apóstolos: “Tu és o Cristo” (Mc 8,29). A obra de Marcos evidencia um profundo interesse histórico pela pessoa de Jesus, bem como o entusiasmo rude e cheio de vida da pregação de Pedro, mestre de Marcos.

Ao acessar o texto, pode-se perceber que a história do Evangelho de Marcos também define o papel das mulheres e como deve ser a relação com elas.

As personagens femininas no Evangelho de Marcos aparecem de diversas maneiras. Em sua maioria, são tidas como exemplos positivos de discípulos em termos de seguimento e serviço em paralelo com os doze. São elas que acompanham Jesus até a hora da cruz, enquanto os discípulos e o restante da multidão fogem e se dispersam. Várias mulheres são retratadas pelo evangelista sem identificação. A exemplo, têm-se: (Mc 1,29-31) a cura da sogra de Pedro, em (Mc 5,25-34), a mulher hemorroísa que desafia as regras de pureza; em (Mc 7,24-30); a mulher siro-fenícia vence o debate com Jesus; em (Mc 12,38-44), a viúva pobre é admirada por Jesus e em (Mc 14,3-9), a mulher que unge Jesus e assume função sacerdotal. Essas mulheres não são citadas pelo nome. Reimer argumenta mesmo que o autor tenha tentado supri-las, ao revelar sua presença entre os discípulos apenas no final de seu Evangelho¹¹ e, em maior parte, como anônimas, confinadas a espaços domésticos subordinadas a pais, aos maridos, aos filhos e aos genros. Ainda assim, o padrão patriarcal parece ser quebrado em pontos importantes.

¹¹ REIMER, Ivone Richter. **Compaixão, cruz e esperança**. teologia bíblica feminista. São Paulo: Paulinas, 2012a, p. 202-205.

Também cabe ressaltar que as passagens referentes às mulheres dão ocasião a simbologias, a ensinamentos e a denúncias específicas e valiosas do ponto de vista da comunidade marcana. Por exemplo, Horsley considera que a mulher hemorroísa e a filha de Jairo, o líder da sinagoga, representam Israel sob as ações de Jesus.¹² A passagem da mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30) pode representar uma abertura étnica e de gênero, o ensino sobre as construções familiares e comunitárias não-patriarcais Mc 3,35, a denúncia da opressão causada pelo templo que também marginalizava as mulheres.

Fica claro que no Evangelho de Marcos estão contidos a definição de valores, comportamentos, estrutura social, relações, ritos e o entendimento explícito que em conjunto formam a comunidade cristã mista que vive numa situação limite dentro do império.

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO EVANGELHO SEGUNDO SÃO MARCOS

Esta seção tem por objetivo apresentar a análise histórica do Evangelho de Marcos. Primeiramente, analisar-se-á de que maneira a política do Império Romano se aplicava à Palestina. A situação da Palestina desde 145 a.C. sob o governo do imperador Romano Adriano era de opressão, vivia na dependência de grandes impérios circunvizinhos como: Babilônia, Pérsia, Macedônia, dentre outros, estendendo-se ao Império Romano¹³. Com o domínio romano, estabeleceram-se novos valores, culturas pagãs, que comprometeram a índole religiosa dos judeus. “Nota-se que a presença da cultura romana pagã tornava-se uma ameaça, como também gerava a opressão mais odiosa e aviltante dada a índole religiosa do povo judeu”¹⁴. A partir dos anos (40 a.C.) até o ano (4 d.C.) Herodes, o grande, alia-se a Roma e é nomeado rei dos judeus, subjugando-os com a ajuda das legiões. Portador da educação romana, grande admirador e incentivador da cultura helênica,

¹² HORSLEY, Richard A. **Jesus e o Império: o reino de Deus e a nova desordem mundial**. São Paulo: Paulus, 2012, p.22.

¹³ O império romano dominou países, reinos e culturas diferentes. SCHIAVO, L.; SILVA, V. **Jesus milagreiro e exorcista**. 3ªed. São Paulo: Paulinas, 2011, p.24.

¹⁴ BOFF, Leonardo **Paixão de Cristo paixão do mundo: os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.22-25.

em sua administração, ele constrói cidades e obras grandiosas nos moldes gregos tais como: fortalezas, palácios, piscinas, teatros e templos dedicados a diversas divindades, inclusive ao culto ao imperador. Para compensar as exorbitantes despesas com suas obras, quem sofreu as consequências foram os camponeses, pois os gastos implicaram a elevada taxa de cobrança de tributos.¹⁵

As famílias camponesas eram obrigadas pela elite dominante a produzirem, cada vez mais, excedentes para poder pagar os tributos e taxas exigidas pelo império e pelo rei local. Além dessas cobranças, os judeus ainda deviam pagar os dízimos exigidos pela elite religiosa judaica para a manutenção do templo.

Um empregado de fazendeiro na Galileia podia ficar com a metade da colheita obtida como renda para si. Os pequenos arrendatários estavam sujeitos ao imposto da terra ou tributo dos reis herodianos [...] cada um deles variando de um quarto a um terço da colheita. Aí não se achavam incluídos os dízimos para as autoridades judaicas (...).¹⁶

O sistema de produção da Palestina do século I era mantido pelas aldeias, que desenvolviam relações de afinidade entre seus membros, garantindo, assim, uma economia familiar de subsistência, e pelo estado classista, que se apropriava dos bens produzidos através da cobrança do tributo e do controle do comércio.¹⁷ Com a propagação do Helenismo, os padrões sociais da Palestina também são alterados. Com a morte de Herodes, o Grande, no ano (4 d.C.), estouram as rebeliões populares nacionalistas por toda parte, na perspectiva de libertarem o povo da forte opressão. Essas rebeliões levaram a Palestina a grande instabilidade, fazendo com que Roma “dividissem administrativamente a Palestina entre os filhos de Herodes: a região da Galiléia e da Peréia fica sob o controle de Herodes Antipas (4 a.C. a 39 d.C.) e as regiões da Idumeia, da Judéia e da Samaria passam a ser controladas por Herodes Arquelau.”¹⁸ A situação se agrava cada vez mais, a tributação sobre o povo se torna um fardo pesado, provocando mais uma vez grande instabilidade na região. Roma depõe Arquelau e transforma a Judeia em província romana, governada por intermédio de procuradores.¹⁹

¹⁵ MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**: grande comentário bíblico. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 79.

¹⁶ Ibid. p. 80.

¹⁷ Ibid., p. 76.

¹⁸ PAGOLA, José A. **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 37-38

¹⁹ SCHIAVO, Luis; SILVA, Valmor. **Jesus milagreiro e exorcista**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 116.

Os escravos eram aliciados como pagamento de dívidas e hipotecas ou se tornavam prisioneiros de guerras.²⁰ Senadores, cavaleiros e decuriões constituíam os grupos de maior poder social, a exercer poder sobre a população e sobre os principais meios de produção. A estrutura socioeconômica da sociedade romana pode ser descrita como uma estrutura de categorias que no todo tinha caráter de classe.²¹

Galileia era a região mais fértil da Palestina, possuía um grande número de latifundiários e, conseqüentemente, as grandes massas camponesas eram as vítimas deste sistema que as tornava mais pobres.

De acordo com Horsley e Hanson, com a conquista de Jerusalém pelo general Pompeu em (63 a.C.), seguiu quase uma geração de conflitos. Os romanos exerceram uma forma de governo insustentável, no qual os habitantes galileus eram coagidos de modo brutal com o intuito de induzi-los a submissão. Os exércitos romanos destruíram completamente as cidades, incendiaram, massacraram, crucificaram e escravizaram suas populações. Cássio conquistou a Tariqueia, na Galileia, escravizou cerca de 30 mil homens.²²

A interferência do poder imperial sobre a Palestina gera sérios problemas políticos, econômicos e sociais, tal como: o acréscimo da população demográfica da região. Com isso, no campo religioso, surgem sérios atritos, conflitos que se desencadeiam em repressões, perseguições e exclusões.²³

Ademais da dominação romana na Palestina, além da exploração na cobrança de impostos diretos e indiretos, desenvolveu-se, também, um processo de romanização e helenização da cultura. Todo período do governo romano direto, que foi de (6 a 66 d.C.), foi marcado por um descontentamento generalizado, e periódica turbulência na sociedade judaica palestinese.²⁴

O controle era exercido pela força, por meio de uma legião de 4.000 a 6.000 mil homens do exército com suas tropas. O objetivo era exercer autoridade absoluta de um território imenso que se estendia desde a “Espanha, e as Gálias até a Mesopotâmia; desde as fronteiras do Reno, do Danúbio e do Mar Morto, até o Egito

²⁰ MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **Enfoques sociais, históricos e teológicos**. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2006, p.87-89.

²¹ Ibid., p.91.

²² HORSLEY Richard. A.; HANSON Jonh. S. **Bandidos Profetas e Messias**: movimentos populares nos tempos de Jesus. São Paulo: Paulus, 1995, p. 43.

²³ MÍGUEZ, O. Nestor. **Contexto Sócio Cultural de Palestina**. *Ribla* n. 22, 1995, p. 4.

²⁴ FRAZÃO, Lopes Cristina Andréia. **A Palestina no século I d.C.** Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/palestina.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

e o norte da África”²⁵. Todos esses povos e culturas sofreram as consequências de um governo que dominava o Império no âmbito político, econômico e social.

Marques assinala que a repressão das autoridades contra as revoltas populares eram bastante violentas. Nesta ocasião, apareceram diversos acontecimentos impostos pela política imperial. Em Roma, a comunidade cristã sofreu a perseguição de Nero (66 d.C.).²⁶ Por volta do ano (64 d.C.), Nero pratica mais uma de suas atrocidades, incendiou Roma, colocando a culpa nos cristãos. Tácito, escritor da época, registra a ação do imperador:

[...] Nero inventou bodes expiatórios, e puniu com refinadas torturas os notoriamente depravados cristãos, como popularmente eram chamados. Fê-los morrer debaixo de zombarias. Vestiam-nos com peles de animais selvagens, para serem despedaçados por cães, ou crucificados, ou queimados como tochas para iluminar a noite. Nero abriu seu jardim para este espetáculo; fazia também exhibições no Circo máximo, misturando-se com a turba, ou saindo num carro vestido de auriga.²⁷

Em diversos lugares do Império, surgiram protestos por parte dos judeus, sendo o principal na Palestina. A onda de revolta popular se transformou na famosa guerra Judaica que durou quase dez anos (66 d.C. a 73 d.C.). Guerra esta que resultou na tomada de Jerusalém por diferentes grupos do judaísmo, e, por conseguinte, na represália romana. O medo era constante, guerras, maus-tratos e fome afligiam as pessoas diariamente.

Os soldados atearam fogo ao Templo de Deus, com isso, o Judaísmo perde dois referenciais importantes: o Templo e a Cidade Santa. Com a destruição do templo, foi abolido o culto sacrificial e a adoração ao Deus de Israel continuaria nas sinagogas. A partir de 70 d.C., inicia-se uma nova fase do Judaísmo. O mesmo acontece com o movimento cristão. A sinagoga se tornará o lugar de encontro e de referência para ambos os grupos.

O Evangelho de Marcos foi escrito nos anos (70 d.C.). À época, o povo passava por uma situação difícil, era perseguido pelo Império Romano. Dentro das comunidades, o povo vivia as incertezas, as crises e as tensões. Muitos discípulos e discípulas tinham morrido. Alguns tinham negado a fé (Mc 14,71), tinham traído (Mc

²⁵ PAGOLA, op. cit., p. 30.

²⁶ MARQUES, Maria Antonia. **No caminho de Jesus**: uma leitura do evangelho de Marcos. Vida Pastoral n. 286, 2012, p. 3.

²⁷ PERONDI, Ildo. **A fé que realiza sonhos**: história de João Marcos, discípulo de Pedro e autor do segundo Evangelho. São Paulo: Palavra & Prece, 2010b, p. 159.

14,10.45) ou fugido (Mc 14,50) e se dispersaram (Mc 14,27). Outros tinham caído do primeiro fervor (Ap 2,4).²⁸

A rotina estava tomando conta das vidas. A perseguição gerava discórdias, devido à ousadia de alguns indivíduos que não permaneciam incógnitos. Além disso, os judeus diziam que Jesus não podia ser o Messias, pois o Primeiro Testamento ensinava que um condenado à morte de cruz era considerado um maldito diante de Deus (Dt 21,23). Convictos desse ensinamento, os judeus não-cristãos rejeitam Jesus como Messias afirmando: “Como é que um maldito de Deus poderia ser o Messias? (Mc 8,32). A cruz era um impedimento para crer em Jesus. A cruz era uma loucura (1Cor 1,18,23).”²⁹ Para eles, a cruz não deveria fazer parte da vida cristã. Essas questões levaram as pessoas à divergência sobre Jesus. Elas questionavam: Afinal, quem é Jesus? (Mc 4,41). Será que ele é realmente o Messias, o Filho de Deus? (Mc 14,61). E o que quer dizer Messias e Filho de Deus? A incipiente perseguição das autoridades romanas ganhava força com a alegação de que a lealdade a Jesus Cristo e a seu reino colidia com a lealdade a César. Sofrendo com as tensões internas e ataques externos, a comunidade cristã em Roma necessitava de ajuda.

Myers afirma que Marcos escreveu seu evangelho no ano (70 d.C.), período em que a Palestina foi destruída por Roma. Já nos primeiros capítulos do Evangelho, tem-se refletida um pouco da realidade social em que vivia a maioria do povo perseguida pelo império romano: doenças, fome, pobreza e exploração que caracterizavam cerca de 95% da Palestina do século I.³⁰

Sob a dominação do Império Romano, as condições de vida na Galileia eram as piores possíveis. Os exércitos romanos, nas décadas antecedentes ao nascimento de Jesus, já haviam invadido a região, queimando aldeias e eliminando aqueles considerados por eles incapazes. A administração da Galileia, por ordem do imperador, ficou sob a responsabilidade do filho de Herodes Antipas, que fora educado na corte imperial. Os galileus eram explorados e extorquidos pelas altas taxas de tributos, condenados a viverem na pobreza. Reconhece-se, portanto, que para compreender Jesus nesse contexto histórico, urge a necessidade de se ter uma ideia mais clara, de como as práticas imperiais romanas afetavam os habitantes da

²⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Caminhamos na estrada de Jesus: o evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 18.

²⁹ Ibid., p. 19. CONFERENCIA

³⁰ MYERS, op. cit., p. 66-69.

Galileia. Estima-se que até a época de Jesus, os galileus, samaritanos e judeus viveram sob o domínio de um Império um ano após outro, durante 600 anos.³¹

Os gregos idealizavam os seus deuses dentro de uma hierarquia liderada por Zeus, que proporcionava uma harmonia entre os homens e a natureza. À luz dessa ideologia, o Império Romano introduziu o ideal de paz.

Era por meio das guerras que o império crescia. Segundo Mesters e Lopes, para enganar o povo, os romanos forjaram a ideia da chamada Paz Romana. Porém, esta paz de vitória favorecia apenas os interesses próprios do Império Romano e de Herodes.³² As consequências dessa proposta de paz, que visava somente aos interesses do poder romano, foi um dos fatores que contribuíram para os judeus na Palestina permanecerem na pobreza. O poder romano foi enriquecendo seus cofres à custa da política administrativa direta e indireta das colônias, como também do poder do sumo sacerdote e da aristocracia religiosa. Vale ressaltar também que existia o partido dos saduceus³³, que vivia no Templo em Jerusalém e cuja função era o exercício de domínio a partir da religião, sob as ordens do império romano. Aquele lugar, que deveria ser local de encontro, da alegria, e da explicitação da fé, converte-se em gerador de medo e repressão psicológica.

O partido dos saduceus tornou-se uma pedra de tropeço para a realização da missão de Jesus, que é a instauração do Reino. “Os alinhamentos políticos mutáveis, dos grupos de renovação judaica, principalmente dos fariseus³⁴ e essênios³⁵, as várias frentes de resistência popular e de dissidências sobre as massas contribuíram para a revolta de (66 d.C.)”³⁶ Em (70 d.C.), os romanos cercaram e dominaram a cidade de Jerusalém, derrubaram suas muralhas e

³¹ HORSLEY, Richard A. **Jesus e o Império: o reino de Deus e a nova desordem mundial**. São Paulo: Paulus, 2012, p.22.

³² MESTERS, Carlos.; LOPES, Mercedes. **Caminhando com Jesus: círculos bíblicos do Evangelho de Marcos**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

³³ Saduceus, elite liderada pelos sumos sacerdotes e que controlava o Templo, não esperam nenhum Messias libertador ou Reino de Deus. Ao contrário, legitimam a dominação romana, pois são seus principais beneficiários. BALANCIN, Euclides. M. **Como ler o evangelho de Marcos: Quem é Jesus?** 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2005, p.134.

³⁴ O termo Fariseu do grego ‘perushim’ = separados ou separatistas. Os fariseus acreditam que o Messias e o Reino de Deus chegariam mais rápido se a Lei fosse cumprida em todos os detalhes. Julgam o povo como o culpado pelo atraso do Messias, pois não observa as leis e, assim, mantém a impureza, incompatível com o Messias. Por isso considera o povo como ‘maldito’. BALANCIN, op. cit., p. 134.

³⁵ Os essênios, que vivem em comunidades fechadas, consideram-se os únicos “filhos da luz” e pensam que o Messias viria só para os que pertencem à seita. Procuram apressar a vinda do Mestre da Justiça mediante purificações e atos rituais. BALANCIN, op. cit., p. 135.

³⁶ MYERS, op. cit. p. 83.

desencadearam uma orgia de violência contra seus habitantes. Todos que cruzavam seus caminhos eram massacrados, e os corpos empilhados sobre o Monte do Templo. Os soldados atearam fogo ao Templo de Deus, o incêndio foi tão devastador ao ponto de ultrapassar o Monte do Templo, atingindo os campos de Jerusalém, as terras cultivadas e as oliveiras. Flávio Josefo assevera que a devastação foi tão completa que não restou nenhum resquício que pudesse identificar que a cidade de Jerusalém tivesse sido habitada.³⁷

Outro fator que causou grande dor e sofrimento no povo foi quando o governador romano da Palestina mandou crucificar dezenas de judeus na cidade de Jerusalém. Mosconi relata que esta tragédia aconteceu entre os anos (67-79 d.C.)³⁸

Revoltados com a situação e liderados pelo movimento guerrilheiro dos zelotas, os judeus conseguiram expulsar o exército romano da cidade. No entanto, a reação dos adversários foi quase que imediata e a trégua perdurou por pouco tempo. Koester descreve que o General Tito Flávio Vespasiano, nos anos (70-79 d.C.), reage por meio das forças militares, enviando legiões e tropas auxiliares, cercando Jerusalém com seus habitantes e peregrinos.³⁹ Schiavo e Silva sustentam que Vespasiano envia um numeroso exército de 60.000 mil homens, reconquista a Galileia, e o governo provisório é preso. Foi uma guerra aberta com duração de 4 anos, a cidade acabou nas mãos dos romanos a sua destruição foi total.⁴⁰

Em agosto (70 d.C.), o General Tito, filho do imperador Vespasiano, com quatro legiões e tropas auxiliares bem equipadas, coloca o fim à rebelião. Conquista Jerusalém, destrói suas muralhas, arrasa a cidade matando seus habitantes e saqueando tudo que podia dela.

Os sobreviventes foram vendidos como escravos. Dos vencidos, “escolheu-se 700 jovens combatentes entre os mais fortes. Foram trazidos para Roma para participar no desfile em honra de Tito, o general vitorioso”. Após o desfile, desses 700 jovens combatentes alguns foram mortos e outros vendidos como escravos.⁴¹

³⁷ ASLAN, Reza. **Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p.22.

³⁸ MOSCONI, Luis. **O Evangelho segundo Marcos**. 10. ed. CEBI, 2006, p.11.

³⁹ KOESTER, Helmut. **Introdução ao novo testamento: história, cultura e religião do período helenístico**. v.1. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2012, p. 319.

⁴⁰ SCHIAVO ; SILVA, loc. cit.

⁴¹ MOSCONI, L. **O Evangelho segundo Marcos**. CEBI, 1989, p.22.

A situação social da Palestina era outro fator que implicava sobre a vida do povo. De acordo com Moraes e Crossan⁴², a atividade econômica da Palestina, no tempo de Jesus, dependia totalmente da agricultura, pecuária, pesca, artesanato e do comércio. As condições de trabalho dos camponeses, nas aldeias, eram pesadas e rudimentares. Consumiam suas forças arando, vindimando ou ceifando as messes com as foices. Quando o serviço não era braçal, só podiam contar com a ajuda de alguns animais, tais como: bois, burros e camelos. A região do lago onde Jesus mais anunciou a mensagem do Reino de Deus era uma comarca muito rica e povoada, que ficava ao redor de um lago de água doce e rico em peixes, fonte de sobrevivência para muitas famílias. A população de Cafarnaum, Mágdala ou Betsaida vivia do lago e da pesca.⁴³ Essa atividade era exercida de forma bem rudimentar, pescava-se com diversos tipos de redes, armadilhas ou tridentes. Muitos utilizavam barcos; porém, os mais pobres pescavam nas margens. Os fiscais de Herodes Antipas impunham taxas para se ter direito à pesca e à utilização dos embarcadouros.⁴⁴ A base principal que dava sustentação para os habitantes da Galileia, na região norte da Palestina, era a agricultura.

A população da Palestina, do ponto de vista socioeconômico, estava dividida em três classes: a classe rica e poderosa era constituída pelos príncipes e membros da família real, estendendo-se à aristocracia sacerdotal, aos latifundiários, aos grandes comerciantes e cobradores de impostos. A classe média, muito reduzida, compreendia os que se encontravam mais em Jerusalém, cuja fonte de renda estava ligada ao Templo e aos peregrinos, aos artesões proprietários, pequenos comerciantes, aos donos de hospedaria e ao baixo clero. A classe pobre abarcava a imensa maioria, tais como: assalariados, camponeses, pescadores, inúmeros mendigos e, finalmente, escravos que, em sua maior parte, encontravam-se concentrados em Jerusalém, viviam em torno do Templo a pedir esmola para sobreviver.⁴⁵

Crossan⁴⁶ explicita que as classes, as quais compunham as sociedades agrárias, eram formadas por governantes e dirigentes, sacerdotes, arrendatários, mercadores, camponeses, artesãos, os degredados e dispensáveis. Cerca de 1%

⁴² CROSSAN, John. Dominic. **O Jesus histórico**: a vida de um camponês judeu contemporâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p.105-113.

⁴³ PAGOLA, op. cit., p. 39.

⁴⁴ Ibid. p. 41.

⁴⁵ MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. **Jesus e a sociedade do seu tempo**. São Paulo: Paulus, 1992, p.17.

⁴⁶ CROSSAN, Jonh. D. **O Jesus histórico**: a vida de um camponês judeu contemporâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p.105-113.

dos governantes apreendia a metade das terras; os sacerdotes podiam possuir até 15% da terra; os arrendatários iam de gerais a burocratas especializados; os mercadores poderiam conseguir alguma riqueza e até mesmo algum poder político; a grande maioria da população era constituída pelos camponeses, principais responsáveis pelo sustento e manutenção das classes altas. Os artesãos vêm em seguida, formando 5% da população. Abaixo deles, somente as classes dos degradados (rejeitados por sua origem, ocupação ou condição), e dispensáveis (mendigos, foras da lei, ladrões, trabalhadores diaristas e escravos).⁴⁷

A distância entre a classe rica e os humildes era enorme. Para suprir seus interesses, a população era obrigada pela corte romana a pagar taxas, que eram designados para a manutenção do império, seus exércitos e o financiamento de obras públicas como estradas, pontes e construções. O valor era de 25% das colheitas, bem como o pedágio para a circulação de pessoas, bens e taxas de alfândega.⁴⁸

Era exigido também, pelos romanos, o pagamento de tributos do Templo, estipulados em um denário, valor equivalente à diária de um trabalhador; os diversos dízimos, assim como as colheitas. Essa forma tributária junto à ambição dos governantes do Império levou o povo ao empobrecimento e a vários tipos de escravidões. Diversos mecanismos eram utilizados para controlar o que se produzia no campo e obter dos camponeses o máximo de benefício possível. Benefícios estes que recaíam sobre quase todos os bens: terra, gado, plantas frutíferas, água, carne, sal, e sobre todos os caminhos. “Um dos traços mais característicos das sociedades agrícolas do império era a enorme desigualdade de recursos que existia entre a grande maioria da população camponesa e da pequena elite que existia na cidade”.⁴⁹ Esta organização econômica, na verdade, não tinha a intenção de promover o bem comum do país, mas favorecer o crescimento das classes dominantes em Jerusalém.

As pequenas propriedades familiares, meio que servia como principal fonte da economia rural, foram gradativamente tragadas pelas imensas propriedades, administradas por aristocratas. O acelerado processo de urbanização sob o domínio romano foi um dos fatores que despertou no povo a migração interna em massa, do

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ SCHIAVO; SILVA. op. cit., p. 29.

⁴⁹ PAGOLA, op. cit., p. 43.

campo para as cidades, em busca de uma vida melhor e mais digna. Esta imigração gerou uma superpopulação, criando miséria e fome para os camponeses. Aslan relata que os camponeses, além de serem obrigados a contribuírem continuamente com os impostos e dízimos para os sacerdotes do Templo, eram forçados a pagarem um alto tributo a Roma.⁵⁰ Esta situação difícil dos camponeses agravou-se mais ainda. Para atender às reivindicações tributárias do governo Herodiano e dos impostos religiosos, os camponeses galileus afundavam-se em dívidas como empréstimos oferecidos, sobretudo por funcionários da administração herodiana e aristocratas sacerdotais. Esta situação induziu as famílias a perderem suas terras, entregues como garantia de pagamento. A dominação herodiana e romana era uma grande ameaça para os camponeses judeus, visto que as frequentes cobranças tributárias⁵¹abusivas levavam algumas famílias a perderem a metade do que produziam. Muitos foram expulsos das suas terras.⁵² Nesta situação de desagregação e degradação, sua única opção era o trabalho como diaristas em propriedades alheias. Havia os que se vendiam como escravos, outros passavam a viver na mendicância e algumas mulheres entravam na prostituição. Não faltava também quem se unisse a grupos de bandidos ou salteadores em alguma região inóspita do país.⁵³ Esta política agrária gerava a pobreza, a opressão e a exclusão das grandes massas camponesas na região da Palestina.⁵⁴ Toda Palestina ficou sob o governo direto de Roma, isso fez com que se acentuasse o processo de concentração de terras nas mãos de uns poucos proprietários, seja pela política de compensação a generais e altos funcionários romanos, seja pela política tributária.

É importante ressaltar que, para Israel, a terra é dom de Deus, vista como um dogma de fé. Portanto, perder seu dom mais precioso (a terra) representava perder seu campo de trabalho para a sobrevivência, como também a dignidade. Do ponto de vista religioso, sentiam-se amaldiçoados por Deus.

É, sobretudo, em 66 d.C. que a situação de opressão se agravou, quando o procurador romano, Floro, apossou-se de parte do dinheiro do templo. Alguns judeus

⁵⁰ ASLAN, R. **Zelota**: a vida e a época de Jesus de Nazaré. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 43.

⁵¹ Havia dois impostos a serem pagos por Israel: o primeiro denomina-se o *tributum soli* era o imposto sobre as terras cultivadas, consistia em pagar um quarto do total da produção a cada dois anos. O segundo, o *tributum capitis*, cada um dos membros adultos da casa devia pagar um denário por ano: os varões a partir de quatorze anos e as mulheres desde os doze anos. (PAGOLA, op. cit., p. 44).

⁵² HORSLEY; HANSON, loc. cit.

⁵³ PAGOLA, op. cit., p. 46.

⁵⁴ HORSLEY; HANSON, op. cit., p.47.

então foram para as ruas de Jerusalém, pedindo esmolas aos romanos. O procurador, insatisfeito com a atitude dos judeus, mandou soldados a Jerusalém, para saquearem a cidade e insultaram o povo.⁵⁵ Esses eram os problemas que afetavam a vida do povo na Palestina e, principalmente, na Galileia. Instalou-se uma situação de desconforto, suscitando revoltas de todo os lados, em especial dos mais pobres. É neste contexto que Marcos escreveu o seu Evangelho.

1.2 AUTOR

O autor de um Evangelho é denominado evangelista, cujo significado é proclamador de boas-novas, nesse caso, de forma escrita. Como os títulos possivelmente foram adicionados aos Evangelhos algum tempo depois de sua composição, depende-se da tradição antiga e extrínseca, bem como das provas intrínsecas, ou seja, provas contidas nos próprios Evangelhos, para definir questões de autoria. Quanto ao Evangelho de Marcos, sabe-se relativamente pouco sobre o autor. Em lugar algum se encontra referência ao eu literário do compositor, diferente do que acontece, por exemplo, no prólogo de Lucas (Lc 1,3). Para compreender a obra, é preciso levar em conta o caráter anônimo da autoria ou da paternidade literária, pois, o autor, que era conhecido por seus destinatários, permaneceu oculto indicando outra autoridade. É então a autoridade da palavra que sustenta a pregação do Evangelho. O autor busca recorrer à palavra em suas numerosas interpretações já existentes, deseja falar novamente delas no Evangelho, já que se tem consciência disso, diminui-se, conseqüentemente, a necessidade de atribuir um nome ao autor.

O nome Marcos se tornou conhecido somente pelo título do Evangelho que foi possivelmente adicionado no século II, quando foram reunidos os quatro Evangelhos. De qualquer modo, é possível que o autor assim o chamasse “[...] em razão de Marcos não ser um personagem de grande relevo no panorama do cristianismo primitivo.”⁵⁶ Ele é identificado como João Marcos de Jerusalém, por ser o único “Marcos” que os escritores do Novo Testamento mencionam. Marcos não foi

⁵⁵ MOSCONI, Luis. **O Evangelho segundo Marcos**. 10. ed. CEBI, 2001, p.20.

⁵⁶ LENTZEN-DEIS, Fritzeo. **Comentário do Evangelho de Marcos**: modelo de nova evangelização. São Paulo: Ave-Maria, 2003, p. 35.

um apóstolo, nem discípulo de Jesus; todavia foi um dos poucos personagens de segundo plano que viu a própria obra, aceita e venerada pela Igreja Apostólica.

Algumas informações sobre Marcos se encontram em (At 12,12; 12,25; 13,5.13; 15,36-39); na Carta de Paulo ao Colossenses (Cl 4,10); na Segunda Carta de Paulo a Timóteo (2Tm 4,11) e na Primeira Carta de Pedro (1Pd 5,13).

A carta de (1Pd 5,13) enfatiza que Pedro teve participação decisiva na evangelização e no discipulado de João Marcos, ambos desenvolveram laços de profunda amizade e respeito mútuo, pois Pedro se referia a Marcos como “meu filho Marcos”. João Marcos, cujo “[...] primeiro nome vem do grego *Ioannes*, derivado do hebraico *Yohanan* que significa *Yahweh* tem sido gracioso. O segundo nome é romano tem origem no latim e significa martelo grande”⁵⁷, foi um grande escritor sobre a vida de Jesus. Embora alguns estudiosos dissessem da existência de dois personagens Marcos e João Marcos, hoje se sabe que se trata de uma só pessoa, com nomes diferentes. Marcos era judeu de linhagem levita, conforme (At 4,36). Para Taylor, o nome “João Marcos” é uma denominação errônea, porque nunca fora chamado desta maneira no Novo Testamento. No texto de (At 12,12), Lucas se refere a João por sobrenome Marcos.⁵⁸

Entre os anos (45 e 48 d.C.), João, cognominado Marcos, realizou a sua primeira experiência missionária. Seu primo Barnabé (Cl 4,10) juntamente, com Paulo, deixou Jerusalém, depois da perseguição de Herodes Agripa. Quis levá-lo consigo, para ser um *hyperetes*, ou seja, um “auxiliar” ou “ministro” na viagem que junto com Paulo empreendeu em território pagão, no sul da Ásia Menor (At 12,25; 13,1–14,27-28). Em Perge, na Panfília, “ocorreu um episódio desconcertante por motivo não precisado.”⁵⁹ Marcos separa-se dos companheiros, abandona sua missão e retorna para Jerusalém (At 13,13). Tal fato fez com que Paulo perdesse a confiança nele:

Mais tarde, por ocasião dos preparativos da segunda viagem missionária, quando Barnabé, talvez pelos laços de família com Marcos (Cl 4,10), tenta incorporá-lo na missão, Paulo é radicalmente contra que se retorne como companheiro alguém que os abandonará na Panfília e, portanto, não participara do trabalho deles (At 15,38). Tal questão em torno de Marcos

⁵⁷ BENTO XVI. **Marcos**: o primeiro evangelista. Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/evangelizadores/2009/03/26/marcos-o-primeiro-evangelista/>>. Acesso em: 10 fev 2011.

⁵⁸ TAYLOR Vicent. **Evangelio Según San Marcos**. Madrid: Huesca, 1979, p. 53.

⁵⁹ McKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1983, p. 580.

determinou a separação de Paulo e Barnabé: ‘eles partiram cada um para seu lado. Barnabé tomou consigo Marcos e embarcou para Chipre, enquanto Paulo associava Silas a si e partia’ para Síria e Cilícia (At 15,38-40).⁶⁰

Os conflitos aconteciam também entre as lideranças da Igreja. Mas, não eram empecilho para que a missão paralisasse. Assim, as Igrejas eram confirmadas na fé e cresciam em número, de dia para dia (At 16,1). A base principal dessa ação pastoral visa dar assistência às comunidades, com o intuito de motivá-las a perseverar na fé. Desse ponto em diante, o livro de Atos omite qualquer referência a Marcos e também a Pedro. Marcos só reaparece nas Epístolas (60-65 d.C.), reconciliado com Paulo quando este estava preso em Roma pela segunda vez. Porque, na carta a Filêmon Fm (1,24), Paulo fala dele como um dos seus colaboradores. Encontra-se referência também sobre Marcos na carta a Timóteo, certamente pós-paulina, Marcos é mencionado como alguém mais íntimo do círculo de Paulo, o apóstolo pede sua presença alegando que ele é útil no ministério (2Tm 4,11). A última citação no Novo Testamento sobre Marcos é de (1Pe 5,13): “A que está em Babilônia, eleita como vós, vos saúda, como também Marcos, o meu filho”. A relação entre Paulo e Marcos é de estreita intimidade, remonta os primeiros tempos da Igreja em Jerusalém, pois a carta petrina alude à colaboração entre Pedro e Marcos em Roma, por volta do ano 64 ou um pouco antes.⁶¹ As teologias de Marcos e de Paulo evidenciam um relacionamento estreito.⁶² Após a morte de Jesus, “Marcos foi batizado pelo próprio Pedro, que costumava frequentar sua casa⁶³, juntamente com Maria, mãe de Jesus e outros cristãos primitivos.”⁶⁴ Assim, já era membro das primeiras famílias cristãs de Jerusalém, quando Paulo e Barnabé

⁶⁰ SOARES, Sebastião. A. G. CORREIA, João J.L. **Evangelho de Marcos**: refzer a casa. Petrópolis: Vozes, 2002, v. 1. p. 18.

⁶¹ TAYLOR, op. cit., p. 53.

⁶² Ambos enfatizam a cruz de Cristo e sua humilhação como caminho da glorificação. Ambos pregam a harmonia para a comunidade cristã formada por gentios e judeus, sem abrandarem as denúncias ao legalismo judeu. Outros temas comuns como lugar da Lei mosaica na comunidade cristã, as hostilidades dos líderes civis e religiosos contra Cristo, e o cumprimento dos propósitos de Deus como revelados no Antigo Testamento, se encontram tanto nos escritos de Marcos como nos de Paulo (MULHOLLAND, M. Dewey. **Marcos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1999, p.17).

⁶³ Talvez aquela casa já fora frequentada por Jesus; e naquelas visitas, o evangelista, ainda criança, deve ter-se impressionado profundamente com o olhar e a pessoa de Cristo, porque no seu Evangelho, lhes dedica uma atenção toda especial (Mc 3,5.34; 5,32; 10,21.23.27; 11,11). (BATTAGLIA et al., op. cit., p. 9).

⁶⁴ JOÃO Marcos, o evangelista. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/SaoMarco.html>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

advérbio *eu*”, que significa ‘bem’, e o verbo *angello*, que significa “eu” anuncio, trago uma mensagem, uma notícia. Portanto, Evangelho significa Boa Nova.”⁶⁸

Marcos escreve para o leitor de seu tempo, interpreta e traduz o que ele avalia que seu leitor ou ouvinte já não entende. Obteve informação a partir do apóstolo Pedro⁶⁹. Com poucas exceções, o Evangelho de Marcos é caracterizado pela ação e não por longos discursos. Apresenta sua narrativa organizada, livre e em ritmo acelerado, sinalizada sobretudo pelas palavras ou locuções: “Imediatamente”, “Logo em seguida”, “A seguir”, “Então”⁷⁰ e outras palavras de sentido próximo ou equivalente. Ele relata os atos de Jesus como do poderoso e soberano Filho de Deus. A intenção de Marcos ao escrever sua obra é contar as boas novas de Jesus Cristo. Nessa obra, Marcos apresenta como essencial a missão de Jesus, sua pedagogia e sua proposta.

1.3 DATA E LOCAL DE COMPOSIÇÃO

De acordo com as tradições, o Evangelho, segundo Marcos, surgiu em um ambiente de fé cristã, ambiente este que era favorável a Marcos, pois conhecia muito bem a comunidade primitiva de Jerusalém. Foi neste ambiente que tomou conhecimento das ações, feitos e doutrina de Jesus, que transmite no seu Evangelho.

Existem muitas teorias a respeito do local onde teria sido escrito o evangelho de Marcos e seus principais destinatários. Analisar-se-á as três teorias mais significativas. A primeira teoria é citada por Páprias (120 d.C.). Ele atribui o Evangelho a Pedro e a redação, a seu discípulo Marcos. Marcos aprendeu de Pedro

⁶⁸ AUNEAU. J.; BOVON F.; GOURGUES M. ; CHARPENTIER, E. ; RADERMAKERS, J. **Evangelhos sinóticos e Atos dos apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 11.

⁶⁹ Segundo a tradição Pedro, também, passou seus últimos anos em Roma e foi martirizado da mesma forma que Paulo. Marcos tinha estado com ele no princípio em Jerusalém; agora no final da vida do apóstolo, eles estavam juntos diariamente. As vividas narrativas de Marcos e o uso distintivo dos pronomes refletem a influência do testemunho ocular de Pedro. Por meios das narrativas de Marcos, Pedro relata até mesmo suas próprias falhas em compreender o significado da morte de Jesus. O entendimento completo só veio para ele depois da ressurreição, quando Jesus abriu a mente de seus seguidores para que pudessem entender as escrituras (Lc 24,27; At 13,1). Sob a direção do Espírito Santo (Jo 16,21; 2 Tm 3,16; 2 Pe 1,20), Marcos derivou o material de seu Evangelho das experiências pessoais de Pedro com Jesus (MULHOLLAND, op. cit., p.17).

⁷⁰ GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.175.

tudo que sabia sobre Jesus.⁷¹ Após a morte de Pedro em Roma, ele teria registrado o que ouvira. Esta teoria diz que o evangelho de Marcos foi escrito em Roma, justificando-se os erros de localização geográfica cometidos pelo narrador ao descrever as viagens de Jesus e também o uso de vários termos aramaicos no texto.⁷²

A segunda teoria, defendida por Myers dentre outros estudiosos, afirma que a comunidade de Marcos se encontrava na Galileia. Seu principal argumento baseia-se nas várias citações da Galileia que aparecem no evangelho (Mc 1,9.14.28; 3,7-8; 14,28; 15,41; 16,6-7), assim como na intensa atividade de Jesus nesta região⁷³.

A terceira teoria é sustentada de modo especial por Vaage, o qual enfatiza que a composição do Evangelho de Marcos foi na região siro-palestina. O Evangelho estaria destinado às comunidades formadas por um grande grupo de gentios, como também por judeus que saíram de Jerusalém por não compactuarem com a estrutura do Templo. Segundo esta teoria, as comunidades, às quais Marcos escreve, teriam forte influência de Paulo: ao fazer com que o evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus (Mc 1,1) indicasse, desde o começo, para a morte do protagonista, a imagem de Jesus que o Evangelho de Marcos oferece torna-se uma visão extremamente paulina.⁷⁴ Porém, a possibilidade mais aceita é que tenha sido escrito em Roma. Esta hipótese era aceita e defendida por Clemente de Alexandria, São Jerônimo, Eusébio, Santo Agostinho e outros escritores antigos.⁷⁵

As evidências externas em relação à composição do Evangelho evidenciam um lugar fora da Palestina, mais precisamente em um contexto cultural romano. João Marcos não tem interesse em situar o Evangelho em relação à Lei da antiga Aliança, nele se encontram apenas duas ou três menções pessoais sobre a realização da profecia (Mc 1,2-3; 14,49; 15,28). No entanto, por outro lado:

Procura elucidar os costumes judaicos (Mc 7,3-4; 14,12; 15,42). Traduzir as palavras aramaicas (Mc 3,17; 5,41; 7,11. 34; 10,46; 14,36; 15,22. 34), fazer algumas precisões de ordem geográfica (1,5.9; 11,11) e enfatizar o significado do Evangelho para os pagãos (7,27; 10,12; 11,17; 13,10). Explicação das moedas hebraica com sua equivalência romana (Mc 12,42),

⁷¹ GNILKA, Joachim. **El Evangelio según San Marcos**. Salamanca: Sígueme, 1986, p. 39.

⁷² MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 68.

⁷³ Ibid.

⁷⁴ VAAGE, Leif. E. **Que o leitor de Marcos tenha cuidado!** O evangelho de Marcos e os cristianismos originários da Síria-Palestina. Revista de Interpretação Bíblica Latina-Americana, Petrópolis, v.1, n. 29, 1998, p.25.

⁷⁵ PERONDI, op. cit., 2010a, p. 9.

apresentação como o primeiro que descobre a identidade de Jesus (Mc 15,39)... mas, a crítica não nos permite assinalar um lugar determinado.⁷⁶

Marcos escreve para os pagãos e não para os judeus, como fez Mateus. Por isso, explica muitos termos e práticas dos judeus ou expressões aramaicas. “Mateus procura ressaltar mais a figura do Pai, Lucas, a ação do Espírito Santo e Marcos, a missão do Filho, Jesus Cristo. No entanto, os três Evangelhos não deixam de ser trinitários.”⁷⁷ Há muita discussão entre os especialistas quanto à data exata em que se concluiu a redação de cada um dos Evangelhos. Para muitos, o texto de Marcos pode não ter sido o primeiro Evangelho a ser editado, é provável que no decorrer do processo de redação possam ter acontecido contatos e influências recíprocas entre os textos que iam construindo.

Há outros autores, como, por exemplo, Soares, que defendem a ideia de que os “[...] três Evangelhos sinópticos tiveram sua redação final no mesmo ambiente das Igrejas Paulinas.”⁷⁸ Todavia, é bastante provável que o texto de Marcos tenha sido o primeiro a ser editado, pois em Marcos se encontra a forma mais antiga da catequese da Igreja. Isso é confirmado quando se compara o Segundo Evangelho com os outros. O evangelista Marcos procede seguindo o esquema do Querigma primitivo:

Inicia a narrativa com a pregação de João e conclui com o arrebatamento de Jesus, exatamente o esquema da primeira pregação em At 1,22. Nada refere de desenvolvimentos catequéticos mais recentes, como a mediação sobre a infância do Messias e os detalhes das aparições do Ressuscitado. Em nosso texto, ainda estamos longe da formulação catequética que nos é apresentada na cristologia do prólogo do Evangelho segundo João. E nem temos as grandes composições de discursos de Jesus, como já as encontramos em Lucas, e, sobretudo, em Mateus e João.⁷⁹

O essencial prende-se ao fato de o “Evangelho ser testemunho apostólico, com toda autoridade que lhe é conferida conforme a tradição da Igreja primitiva.”⁸⁰ Portanto, mesmo que a subscrição segundo Marcos seja tardia, ela, de algum modo, informa um nome de origem romana amplamente difundido que dá autoridade aos escritos. Nos últimos anos, sobretudo com a *Dei Verbum*, o magistério eclesiástico ensina que se deve sempre ver, na formação de um Evangelho, pelos menos três

⁷⁶ ARTUSO, V. **Evangelho de Marcos**. Londrina: [s. n.], 2010. Apostila, p. 2.

⁷⁷ PERONDI, op. cit., 2010b, p. 162.

⁷⁸ SOARES; CORREIA op. cit., p. 12.

⁷⁹ Ibid., p. 13.

⁸⁰ AUNEAU et al., op. cit., p. 116.

grandes etapas: “O magistério, terreno de Jesus, a pregação dos primeiros cristãos, e finalmente, o trabalho do que deu a forma atual do Evangelista.”⁸¹

É possível verificar esse assunto, também, ao analisar algumas afirmações dos pais da Igreja, de que tratará a próxima seção.

1.4 OS PAIS DA IGREJA

A autoria de Marcos é sustentada pelos pais da Igreja a partir do início do século II, (110 anos d.C.). Essa afirmação foi testemunhada por Pápias, bispo de Hierápolis, na Frígia. Irineu saúda-o como um homem antigo, pertencente à outra geração a quem se deve ouvir com veneração. É significativo o fato de seu testemunho ter sido conservado por Eusébio de Cesareia (263-369 d.C.) Ele acolhe, em sua História Eclesiástica; porém, parece apreciá-lo com reservas.

O presbítero dizia o seguinte: Marcos, que foi o intérprete de Pedro, escreveu fielmente, embora desordenadamente, tudo o que recordava sobre as palavras e as ações do Senhor. De fato, ele não tinha ouvido o Senhor, nem o havia seguido. Mais tarde, como já disse, ele seguiu a Pedro, que lhe dava instruções conforme as necessidades, mas não como quem compõe um relato ordenado das sentenças do Senhor. Assim, Marcos em nada errou, escrevendo algumas daquelas coisas da forma como as recordava. Com efeito, sua preocupação era uma só: não omitir nada do que tinha ouvido, nem falsificar nada do que transmitia. Esse é o relato de Pápias a respeito de Marcos.⁸²

Esse fragmento compreende a tradição do Presbítero que se resume em três indicações preciosas: Marcos foi intérprete⁸³ de Pedro, escreveu com exatidão, não tinha ordem nos escritos. Desde o início do século II, o testemunho de Pápias mostra que este Evangelho estava atribuído a um personagem de segunda ordem. Porém, “[...] seu critério de composição não sendo de ordem cronológica dos fatos não diminui, em nada, a exatidão e a fidelidade do autor da obra.”⁸⁴

⁸¹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Dei Verbum***. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 133–134. n. 17-19.

⁸² PÁPIAS. **Padres apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 331.

⁸³ Tornar-se intérprete consistiria transcrever literalmente; a ordem visaria a composição literária e não a sucessão cronológica; a palavra grega *chreiai* habitualmente traduzido *corho* necessidades é transcrita *chries*, termo que, em literatura designa pequeninas histórias ou diálogos compostos de pequenas frases (AUNEAU et al., op. cit., p.117).

⁸⁴ XAVIER, Léon D. **Os Evangelhos e a história de Jesus**. São Paulo: Paulinas 1972, p. 78.

Irineu de Lião ensinava aos cristãos de seu tempo (cerca de 190 d.C.), depois da morte de Pedro e Paulo, também Marcos, “[...] o discípulo e intérprete de Pedro, nos transmitiu por escrito o que Pedro anunciava.”⁸⁵ Esse autor, em outro ponto de sua obra, continua indicando a autoria do Evangelho da seguinte forma: “[...] por isso, Marcos, companheiro e intérprete de Pedro, inicia assim a redação do Evangelho.”⁸⁶ Também Tertuliano (193-216 d.C.), em seu tratado contra Márcion (IV.5), aponta que “[...] o Evangelho que Marcos publicou pode afirmar-se ser de Pedro, do qual Marcos foi intérprete”.⁸⁷

Clemente escritor de Alexandria, um dos Pais apostólicos da Igreja, caracterizado pela edificação e fortalecimento dos crentes na fé, no sexto livro das *Hypotyposes* elaborado por ele, delinea esse fato e confirma com seu testemunho o bispo de Hierápolis, chamado Pápias. Pedro menciona Marcos na sua primeira carta, na qual diz: “Ele mesmo compôs em Roma.”⁸⁸ O Evangelho, segundo São Marcos, foi o primeiro entre os Evangelhos canônicos a ser escrito.

Orígenes, que viveu por volta do ano (201-250 d.C.), também é citado por Eusébio de Cesárea (*História Eclesiástica*, VI xiv. 67), assinalando-a com o nome simbólico, no seguinte trecho:

Em segundo lugar, o [Evangelho] segundo Marcos, quem o escreveu de acordo com as instruções de Pedro, e também a quem Pedro em sua epístola geral lhe reconhece como a seu filho, dizendo ‘A que está em Babilônia, eleita como vós, vos saúda, como também Marcos, o meu filho’ (1Pd 5,13).⁸⁹

São Justino, no século II, denomina o Evangelho de Marcos de “memórias de Pedro”. Nos escritos de São Clemente de Roma, na Carta de Barnabé e no Pastor de Hermas e também em Policarpo, “[...] pode-se encontrar indícios do Evangelho de Marcos, embora estes não o citem nominalmente.”⁹⁰

Quanto ao valor histórico de Pápias, pode-se concluir positivamente. Entre os pais da Igreja pode haver discordância acerca de vários temas da fé cristã. Contudo, deve-se agir com sobriedade e não negar a importância histórica do testemunho que os pais da Igreja oferecem. Se considerar-se Pápias como uma testemunha digna

⁸⁵ IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 246.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 276.

⁸⁷ HENDRIKSEN, G. **El Evangelio Según San Marcos**. Grand Rapids: SLC, 1987, p. 19.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 92.

⁸⁹ HENDRIKSEN, op. cit. p.19.

⁹⁰ PERONDI, op. cit., 2010b, p. 156.

de confiança, então, pode-se afirmar que a identificação de Marcos como autor do Evangelho remonta à primeira geração dos cristãos.⁹¹

A reflexão sobre o liame entre Marcos e Pedro segue dois caminhos conexos: primeiro, refere-se à relação de influência ou de dependência e, segundo, diz respeito a como Pedro é apresentado no Evangelho. A dependência de Marcos em relação a Pedro foi por inúmeras vezes confirmada. A tradição dos primeiros séculos e o Novo Testamento leva em consideração o relacionamento entre ambos, tanto em Jerusalém (At 12,12) como em Roma (1Pd 5,13).

Marcos, em seu Evangelho, transmite a imagem de Pedro com base em tradições diversas. Pedro é descrito no decorrer do Evangelho como um entusiasta, fascinado pela personalidade de Jesus, embora privado da visão necessária para perceber a realidade do Mestre (Mc 1,21-28; 8,31-39; 9,5; 14,29-31; 14,66-72). Somente a conversão torna essa percepção possível (Mc 14,72) e justifica o lugar eminente de Pedro (Mc 16,7). Logo, Marcos se esforça para respeitar o progresso da fé dos discípulos, apenas sublinhando com grandes pinceladas a compreensão deles, baseado no testemunho de Pedro.

Após Páprias, não faltaram testemunhas na Igreja antiga:

Para afirmar que o segundo Evangelho foi escrito por Marcos em decorrência da Pregação de Pedro. Esses testemunhos provêm de diferentes regiões: Egito, África, Roma. Justino (c. 150), sem nomear Marcos atribui às memórias de Pedro, um pormenor próprio de Marcos, o título de Boanerges dados aos filhos de Zebedeu (Mc 3,17).⁹²

Pesch chama a atenção sobre o caráter apologético do testemunho de Páprias, “[...] a associação com Pedro poderia depender de (1Pd 5,13), em que Marcos é chamado de meu filho.”⁹³ No prólogo antimarcionista⁹⁴, por volta de 190, no prólogo do Evangelho de Marcos, relata-se que Marcos foi intérprete de Pedro e, após a morte deste, colocou por escrito esse Evangelho na Itália. A morte de Pedro poderia ter sido um motivo importante para escrevê-lo. “Não no sentido do

⁹¹ CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.103.

⁹² AUNEAU et al., op. cit., p. 118.

⁹³ LENTZEN-DEIS, op.cit., p. 35.

⁹⁴ Os prólogos antimarcionistas são antigas introduções de manuscritos que visam combater as ideias de Márcion, uma vertente da heresia gnóstica (GUNDRY, op. cit., p. 178).

testemunho de Pápias, mas como sinal de alarme de que devem ser conservadas as tradições de Jesus existentes nas comunidades.”⁹⁵

Marcos foi o primeiro dos quatro evangelistas a concluir o seu Evangelho. Sua composição está situada por volta do ano (60-70 d.C.). Portanto, antes da destruição de Jerusalém. Barbaglio expõe que, em favor desta datação, está o fato de que no texto não há alusão clara à ruína de Jerusalém pelo fogo, pois em Marcos está escrito: ‘não ficará pedra sobre pedra’ Mc 13,13. A diferença entre a datação mais remota (65-70 d. C.), e a mais próxima (70-75 d.C.), “[...] depende da interpretação que no discurso apocalíptico, se dá referência à destruição do Templo em Jerusalém, que aconteceu no ano 70 d.C..”⁹⁶

A autoria de Marcos é sustentada também pela Pontifícia Comissão Bíblica que, em 1912, definiu-se por uma data anterior à destruição do Templo. “Temos aí um documento de identificação a mais para comprovarmos a antiguidade do Evangelho de Marcos e a confirmação de proximidade do Jesus histórico.”⁹⁷

A conjectura romana ainda conta com numerosos simpatizantes:

Para os que estudam a relação entre o cristianismo e o movimento zelota, o Evangelho de Marcos, escrito em Roma, após o triunfo de Tito em 71, é uma apologia destinada aos cristãos de Roma. O autor reage aos acontecimentos que marcaram o fim do judaísmo, apartando os cristãos de seus compatriotas judeus. Marcos é o primeiro a disponibilizar o Evangelho; ver, por exemplo, o imposto a César, a responsabilidade da morte de Jesus que passa dos romanos para os judeus etc. A hipótese romana é igualmente aceita no quadro de uma leitura materialista do Evangelho de Marcos. Em última análise, o Evangelho de Marcos pode muito bem ter sido redigido por volta do ano 70, em Roma, senão pela comunidade romana. Ele estabelece uma relação consciente com o ministério de Jesus que estreou na Galileia, e incorpora grande número de suas tradições. Ele provém, em todo caso, de uma comunidade onde a missão em favor dos pagãos é uma escolha primordial.⁹⁸

A confiabilidade que podem merecer essas tradições, mesmo estas não terem vindo diretamente do século I, é digna de nota, assim como a concordância de todas elas quanto ao fato de ser Marcos o autor do segundo Evangelho, como também de todas elas ligarem-no à pregação de Pedro. As tradições se divergem a respeito da relação do Evangelho com o tempo de vida de Pedro.⁹⁹ Portanto, é digno de

⁹⁵ GNILKA, J. **El Evangelio según San Marcos**. Salamanca: Sígueme, 2005, p. 42.

⁹⁶ BARBAGLIO et al., op. cit., p. 428.

⁹⁷ ARTUSO, op. cit.; 2010, p. 2.

⁹⁸ AUNEAU et al., op. cit., p. 95.

⁹⁹ O Prólogo Anti-marcionita e Ireneu (ambos datados 180 d.C.) concordam que o Evangelho foi escrito depois da morte de Pedro, presumivelmente entre 65 e 68 d.C., enquanto que Clemente e

credibilidade que esse Evangelho foi elaborado por um homem que conheceu alguém da comitiva apostólica e que teve longo e direto contato com sua respectiva pregação.

Podem-se fazer algumas deduções dos fatos precedentes: Marcos foi criado no ambiente do judaísmo, pode ter sido testemunha ocular de alguns dos fatos registrados no Evangelho, cujo título leva o seu nome. Foi cooperador íntimo dos dirigentes apostólicos da Igreja primitiva e deve ter se familiarizado completamente com a sua pregação a respeito de Jesus e com “as boas novas” que eles propagavam. Ele próprio participava do trabalho da pregação e testemunhava o começo da missão gentílica.¹⁰⁰

A esses acontecimentos, podem-se acrescentar um ou dois deduzidos do evangelho: o autor colocava em relevo fatos e não temas ou tópicos. Em uma particular perícopes (Mc 14,51-52), relatada somente pelo segundo Evangelho, Marcos parece estar presente na narração da prisão de Jesus no Getsêmani.¹⁰¹ No episódio já está presente toda a personalidade do futuro evangelista, curioso, corajoso, cheio de iniciativas e vivaz. Nada diz respeito a sua identidade, tampouco a sua posição, também não há nenhum esclarecimento sobre esse jovem na sequência da obra.

Todavia, no que concerne à narrativa, a omissão referente a ele não quebraria sua continuidade. Se esse fato se refere a Marcos, então ele foi uma testemunha ocular das últimas horas da vida de Jesus, e é presumível que a posteridade lhe deva muito do que se sabe dessas últimas horas. Outro fato importante é quando Marcos (Mc15,21) faz referência a Simão Cireneu, “pai de Alexandre e Rufo”. Esses dois homens não têm parte na narrativa; são mencionados só aqui. Por quê?¹⁰² Marcos não é um apóstolo. A tradição e o Novo Testamento

Origines afirmam que ele foi concluído ainda durante a vida de Pedro e autorizado por este (TENNEY, Merrill. C. **O Novo Testamento: sua origem e análise.** São Paulo: Shedd, 2008, p.175).

¹⁰⁰ Ibid., p.175.

¹⁰¹ Um estranho jovem, que dormia naquele lugar e que foi acordado pelo barulho dos guardas que vieram prender Jesus, saiu de seu esconderijo. A pressa e a curiosidade lhe impediram de vestir-se, e ele se pôs a seguir, corajosamente, o cortejo dos guardas, enrolado em um simples lençol. Quando um dos guardas notou-o e prendeu-o, ele deixou nas suas mãos o lençol e fugiu nu (Mc 14,51-52) (BATTAGLIA, op. cit., p. 9).

¹⁰² Provavelmente, porque eram conhecidos do autor e de seus leitores, conhecidos pessoais dele. Se é assim, a data do Evangelho deve ser colocada na geração da cruz, mas apenas se admitirmos que esses dois homens eram crianças quando ocorreu a crucificação (TENNEY, op. cit., p.176).

conservaram traços da atividade de Marcos no seio da Igreja e dos seus elos com os apóstolos da primeira geração, especialmente Pedro e Paulo.

1.5 DESTINATÁRIOS

Face à importância que se repara no escrito atual de Marcos, é possível reconstruir seus centros de interesse e também a mensagem que ele quer ressoar na comunidade cristã. A imagem que se projeta é a de uma comunidade que busca, caminha; ela se desembaraça da febre apocalíptica (Mc 13,6-8); distancia-se das relações judaicas, o sábado, por exemplo (Mc 2, 27-28); preocupa-se com os outros pagãos, sob a inspiração da liberdade de Jesus que, para recolocar o homem no centro da criação de Deus, foi preciso transpor muitas barreiras.¹⁰³

Marcos escreve para uma comunidade cristã formada em sua maioria por gentílicos. Este evangelho é conhecido como “o Evangelho aos gentios”. Percebe-se a ausência de traços judeu-cristãos que é tão comum em Mateus. Na passagem que retrata a história da mulher siro-fenícia, o Evangelho de Marcos não apresenta, como Mateus, Jesus respondendo: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15,24). E Jesus, em seu sermão escatológico em (Mc 13), faz a seguinte observação no (v. 10), “É necessário que primeiro o evangelho seja proclamado a todas as nações”. Marcos está profundamente interessado em espalhar o Evangelho a todas as nações, pois seu Evangelho tem um apelo universal como por exemplo: uma multidão de todos os países veio ao encontro de Jesus (Mc 3,7-8). Ele esteve em território pagão (Mc 5,1-20; 7,24), o sinal dos pães é dado tanto aos judeus (Mc 6,34-44), quanto aos não-judeus (Mc 8,1-10).

Ao situar o segundo relato da multiplicação dos pães em terra pagã, Marcos realça a extensão da obra de Jesus aos pagãos. Entre esses dois relatos de multiplicação, Jesus guarda reserva diante das tradições judaicas (Mc 7,1-23) e acolhe a fé de uma siro-fenícia (Mc 7,24-30). O primeiro a confessar que Jesus era o Filho de Deus foi um pagão, o centurião romano, no instante em que o véu do santuário se rompia de alto a baixo (Mc 15,38-39).

¹⁰³ MARGUERAT, Daniel. **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 63.

A tradição da Igreja considerou Roma a pátria do segundo Evangelho. Em Roma, deveriam existir diversas comunidades domésticas nas quais viviam cristãos de várias origens (Rm 16). Em vista disso, fica claro que Marcos escreve para uma comunidade que tem relações com o cristianismo de Jerusalém e da Galileia, “e ao mesmo tempo, encontra-se vinculado à tarefa missionária entre os gentios, portanto, uma igreja composta de judeus e pagãos.”¹⁰⁴ O relacionamento entre os crentes judeus e gentios tornou-se complicado, na medida em que os líderes das sinagogas, insatisfeitos, denunciavam aqueles judeus que não aceitavam as antigas tradições.

Essa comunidade deseja saber quem é Jesus e como segui-lo, mas, por conseguinte, é uma comunidade que quer receber o ensinamento de Jesus Cristo. Assim sendo, a preocupação cristológica ocupa um lugar central no segundo Evangelho, haja vista se tratar de um texto que surge dentro de um contexto histórico marcado por intenso conflito externo entre Judaísmo e Roma e uma profunda crise interna entre judeus e gentios. O cristianismo primitivo passava por dolorosos problemas quando buscou incluir, na mesma comunidade, pagãos e procurou fazer integração entre judeus e pagãos. Nos capítulos (10–11; 15), dos Atos dos Apóstolos, encontram-se referências a estes conflitos, assim como o combate de Paulo em Gálatas (Gl 1–2). Já na Epístola aos Efésios, os fatos são descritos com certa serenidade. Ao apresentar a mensagem de Jesus em profundidade, Marcos o faz com a intenção de preparar e exortar a todos os crentes, para viverem e proclamar as Boas Novas, tanto para judeus como para os gentios. Como um pastor atento às lutas das comunidades cristãs, o autor deste Evangelho aborda essas necessidades ao escrever a pessoas de diferentes níveis de entendimento.

A comunidade marcana, além de etnicamente mista, apresentava forte presença de mulheres. Marcos, ao fazer três críticas aos três sistemas de poder: a dominação política, o patriarcado e o sistema de família, pretendia mostrar também que os três têm relação com o domínio das mulheres pelos homens. “Contra isto, Marcos argumentou que as mulheres deviam ter direito iguais no contrato de matrimônio; depois, ele defenderá as mulheres contra a ideologia patriarcal (Mc 12, 18-27).”¹⁰⁵ É preciso considerar o fato de que os casais vinculados por laços matrimônios estão totalmente ausentes na narrativa de Marcos, exceto duas

¹⁰⁴ LENTZEN-DEIS, op. cit., p. 35.

¹⁰⁵ MYERS, op. cit., p. 338.

pequenas exceções, uma é Jairo e sua mulher (Mc 5,40) e a outra é a união ilegítima de Herodes (Mc 6,17). De resto, as mulheres aparecem sem maridos. “Myers relata que o sistema patriarcal considerava as mulheres como cidadãs de segunda classe e as mulheres solteiras como cidadãs de terceira classe, esta é uma estratégia narrativa subversiva.”¹⁰⁶

Marcos se desvia do seu itinerário para fazer incidir o descrédito sobre os discípulos (do sexo masculino) especialmente com referência às suas aspirações à liderança e ao poder, suscitando a discórdia e a competição entre eles (Mc 9,34; 10,35-40). Em contrapartida, Jesus defende uma vocação de liderança pregada sobre a ideologia de “serviço”, mostra que o mais importante para o discípulo é seguir o exemplo dele: servir e não ser servido (Mc 10,42). Myers salienta que só as mulheres desempenham a vocação de *diakonia* em Marcos, desde o começo da narrativa de (Mc 1,31) até o fim (Mc 15,4).¹⁰⁷ A diferença entre a discipulação de Marcos dos discípulos e a das discipulas será intensificada na sua conclusão. Enquanto os homens abandonam Jesus justamente no momento em que seu seguimento se transforma em maior risco político, as mulheres permanecem com ele até a cruz. Marcos não se apresenta contra a vocação ao matrimônio, assim como não rejeita a vocação para liderança. Contudo, ele compreende que todo sistema social do patriarcado, que faz dos homens superiores e as mulheres subordinadas em casa, precisa ser transformado.

1.6 CARACTERÍSTICA DA LINGUAGEM

Dentre os Evangelhos, o de Marcos é o que possui mais expressões aramaicas. Embora seja um Evangelho destinado aos gentios, esta obra se caracteriza pelo uso de várias expressões aramaicas traduzidas para o grego, algumas delas só se encontram neste livro. Segundo a tradição, Marcos foi discípulo de Pedro 1Pd 5,13, por certo Pedro falava aramaico e algumas dessas expressões eram excessivamente próprias para que Marcos as julgasse traduzíveis ou adaptáveis à terminologia helênica daquele período. Como exemplo se menciona:

¹⁰⁶ Ibid., p. 339.

¹⁰⁷ Ibid., loc. cit.

Abiatar (Mc 2,26), Idumeia (Mc 3,8), Boanerges (Mc 3,17), *Talítha Kum* (Mc 5,41), Corban (Mc 7,11), siro-fenícia (Mc 7,26), *Effatha* (Mc 7,34), Dalmanuta (Mc 8,10), Bartimeu e Timeu (Mc 10,46), *Rabbuni* (Mc 10,51), *Abbá* (Mc 14,36), *Eloi, Eloi, lama sabachtháni* (Mc 15,34).¹⁰⁸

O Evangelho de Marcos é conciso, claro e direto, estilo este que agradaria à mentalidade romana que não gostava de abstrações e fantasias literárias. Algumas construções parecem ter um sabor latino em Marcos, como: abrir um caminho (Mc 2,23), mandou que lhes desse de comer (Mc 5,43), eles o condenaram à morte (Mc 10,33), contentar (Mc 15,15), de joelhos (Mc 15,19). “Esse Evangelho é rico em diversas palavras latinas transcritas em grego. Essas evidências testemunham que o Evangelho de Marcos foi composto em Roma aos cristãos romanos.”¹⁰⁹

Encontra-se um número considerável de latinismos como: *vasilha* (Mc 4,21); *legion* para legião (Mc 5,9.15); *speculator* para carrasco (Mc 6,27); *census* para imposto, *centurio* para centurião (Mc 12,14, Mc 15,39.44.45); denário (Mc 6,37; 12,15; 14,5); Jarro (Mc 7,14); *efatá* para abre-te (Mc 5,41); *quadrantis* para quadrante (Mc 12,42); flagelar (Mc 15,15)¹¹⁰. Acredita-se que Marcos utilizou termos latinos por serem mais comuns e mais familiares. Esse Evangelho fala com restrições sobre a lei e os costumes judaicos, quando os menciona, explica-os mais completamente do que os outros sinóticos. Além destas características, soma-se o conhecimento de nomes aramaicos, latinos e gregos de personagens secundários, que somente são citados por ele, por exemplo: Levi e Alfeu (Mc 2,14), Boanerges (Mc 3,17), Jairo (Mc 5,22), Bartimeu (Mc 10,46), Simão (Mc 14,3), Salomé (Mc 15,40; 16,1), Alexandre e Rufo (Mc 15,21). “Isso comprova uma informação mais do que particular dos acontecimentos, e evidencia também um conhecimento dos personagens que participaram dos fatos.”¹¹¹

Os critérios de língua e de estilo representam papéis importantes na determinação do que pertence à tradição e à redação, pois as tomadas de posição literária terão incidência na compreensão teológica da passagem. Isso porque nem todas as perícopes são claras (Mc 4,1-2). Essas características indicam que o autor

¹⁰⁸ AUNEAU et al., op. cit., p. 91.

¹⁰⁹ Ibid., p. 79.

¹¹⁰ TENNEY, op. cit., p. 176.

¹¹¹ POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos**: comentário esperança. Curitiba: Evang. Esperança, 1998, p. 21.

era alguém que possuía uma excelente noção dos acontecimentos por ele narrados e que, em muitos casos era, de fato, uma testemunha ocular.

Marcos escreveu em língua grega¹¹² popular (*Koiné*) que ele e Pedro haviam aprendido na Palestina no contato com o pobre povo que vivia nos subúrbios das cidades do império romano. O grego, evidentemente, não era sua língua materna, “[...] mas sua simplicidade lingüística não deve levar o intérprete a deduzir simplicidades nos padrões de pensamentos.”¹¹³ Nisto consiste toda a originalidade de Marcos, ensinar, narrando de modo sucinto, verdades que brotam espontaneamente dos fatos. É possível que a pregação de Pedro, o rude pescador da Galileia, tenha sido semelhante, quando falava aos fiéis de Roma, provenientes, na maioria, das camadas sociais mais heterogêneas da população da capital. No texto grego, usa-se o presente histórico que, em geral, as bíblias traduzem por passado. Um exemplo está em (Mc 1,12). “O texto usa o verbo *ekbalei* que é presente, isto é, lança, empurra, mas o verbo vem traduzido como lançou; ‘impeliu’ para o deserto”¹¹⁴. Este estilo oferece ao texto mais realismo e permite à linguagem e ao relato mais vivacidade.

1.7 ESTRUTURA DO EVANGELHO DE MARCOS

A estrutura do Evangelho de Marcos aparece, basicamente, em três amplos conjuntos: a proclamação inicial (Mc 1,1-13); o ministério de Jesus até sua permanência em Jerusalém (Mc 1,14-10,52) e os acontecimentos ao redor de Jerusalém (Mc 11,1-16,8) com a conclusão posterior em (Mc 16,9).

¹¹² “Em Roma, onde escreveu, tinha podido usar o latim, mas talvez se sentia menos seguro na língua de Cícero, na qual apesar disto traduzia a mensagem de Pedro. E além disso o grego teria alargado o círculo de seus leitores, também fora da capital, lá onde o latim não tinha ainda prevalecido. Marcos pensava nas igrejas da Grécia e da Ásia que Paulo tinha evangelizado. Deve ter sido difícil para o evangelista escrever numa língua que não tinha aprendido no regaço materno, e sim na convivência com os humildes [...]. A personalidade do escritor, porém, compensou sua limitação lingüística. A vivacidade, o espírito de observação, a espontaneidade têm um arranjo e uma simplicidade popular encantáveis. As narrações são breves, mas particularizadas e vivenciadas por detalhes pitorescos. São pequenas cenas tiradas da vida com observações próprias e de outros, que mostram claramente o significado fundamental e mais empenhativo da fé” (BATTAGLIA et al., op. cit., p. 9).

¹¹³ MULHOLLAND, op. cit., p. 20.

¹¹⁴ ARTUSO, op. cit., 2010.

Nesses conjuntos, duas linhas de força permitem sua dinâmica: uma é a pregação, ou Querigma, que faz tudo convergir para a paixão e à morte; a outra da história ou narração sobre Jesus, cujo ministério tem início com a atividade de João Batista.

A partir dessa visão de conjunto, os autores procuraram apresentar sistemas diferentes desse Evangelho. Face às várias propostas dos comentadores, a estrutura desse Evangelho apresenta-se da seguinte forma: um plano geográfico, e outro teológico.

1.7.1 Plano Geográfico

O Evangelho de Marcos apresenta traços principais do ministério histórico de Jesus de Nazaré. Do ponto de vista geográfico, a atividade de Jesus é distribuída em duas regiões, iniciada ao norte da Palestina (Galileia) e depois ao sul da Judeia. No meio está a viagem para Jerusalém, em direção à cruz.

- a) *Preparação do ministério de Jesus (Mc 1,1-12)*: pregação de João Batista; Batismo de Jesus; Tentação no deserto.
- b) *O ministério de Jesus na Galileia (Mc 1,14-7,23)*: Jesus inaugura sua pregação; Vocação dos quatro primeiros discípulos; Jesus ensina em Cafarnaum e cura um endemoninhado; Cura da sogra de Pedro; Jesus deixa secretamente Cafarnaum e percorre a Galileia; Cura de um leproso; Um paralítico; Chamado de Levi; Refeição com os pecadores; Debate sobre Jejum; As espigas arrancadas; Cura do homem com a mão atrofiada; As multidões seguem Jesus; Instituição dos doze; Providências da família de Jesus; Calúnias dos escribas; Os verdadeiros parentes de Jesus; Parábola do semeador; Por que Jesus fala em parábolas; Explicação da parábola do semeador; Como receber e transmitir o ensinamento de Jesus; Parábola da semente que germina por si só; Parábola do grão de mostarda; Conclusão sobre as parábolas; A tempestade acalmada; O endemoninhado geraseno; Cura da hemorroíssa e ressurreição da filha de Jairo; Visita a Nazaré; Missão dos doze; Herodes e Jesus; Execução de João Batista;

Primeira multiplicação dos pães; Jesus caminha sobre as águas; Curas na região de Genesaré; Discussões sobre as tradições farisaicas; Ensino sobre o puro e impuro.

- c) *Viagens de Jesus fora da Galileia (Mc 7,24-10,52)*: Cura da filha de uma siro-fenícia; Cura de um surdo gago; Segunda multiplicação dos pães; Os fariseus pedem um sinal no céu; O fermento dos fariseus e de Herodes; Cura de um cego em Betsaida; Profissão de fé de Pedro; Primeiro anúncio da paixão; Condições para seguir a Jesus; A transfiguração; Questão sobre Elias; O epilético endemoninhado; Segundo anúncio da paixão; Quem é o maior; Uso do nome de Jesus; Caridade para com os discípulos; e escândalo; Discussão sobre o divórcio; Jesus e as crianças; O homem rico; O perigo das riquezas; Recompensa prometida pelo desprendimento; O pedido dos filhos de Zebedeu; Os chefes devem servir; O cego à saída de Jericó.
- d) *O ministério de Jesus em Jerusalém (Mc 11,1-13,36)*: Entrada messiânica em Jerusalém; A figueira estéril; Os vendeiros expulsos do Templo; A figueira seca. Fé e oração; Questão dos judeus sobre a autoridade de Jesus; Parábola dos vinhateiros homicidas; O imposto César; A ressurreição dos mortos; O primeiro mandamento; O Cristo filho e senhor de Davi; Os escribas julgados por Jesus; O óbulo da viúva; Discurso escatológico. Introdução; Princípio das dores; A grande tribulação de Jerusalém; Manifestação gloriosa do Filho do Homem; Parábola da figueira; Vigiar para não ser surpreendido.
- e) *A paixão e a ressurreição de Jesus (Mc 14,1-16,20)*: Conspiração contra Jesus; A unção em Betânia; A traição de Judas; Preparativos para a ceia pascal; Anúncio da traição de Judas; Instituição da eucaristia; Predição da negação de Pedro; No Getsêmani; A prisão de Jesus; Jesus perante o Sinédrio; Negação de Pedro; Jesus perante Pilatos; A coroação de Espinhos; O caminho da cruz; A crucifixão; Jesus é escarnecido e injuriado na cruz; A morte de Jesus; As santas mulheres no Calvário; O sepultamento; O túmulo vazio. Mensagem do Anjo; Aparição de Jesus ressuscitado.¹¹⁵

¹¹⁵ SLOYAN, Guillermo. S. **Evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 8.

1.7.2 Plano Teológico

Ao escrever o Evangelho, o autor fez uma composição teológica, com o intuito de mostrar o sentido da pessoa e missão de Jesus. Sua proclamação visa suscitar a fé, desenvolve-se por meio de um dinamismo bem arquitetado. “Marcos dirige seu anúncio para um ambiente bem determinado e que se caracteriza por duas realidades: controvérsia com os judeus que recusam em acreditar em Jesus, e pregação em vista da formação da comunidade cristã.”¹¹⁶

O livro contém seis partes:

- I. A proclamação inicial (Mc 1,1-13);
- II. O poder de Jesus e a cegueira dos fariseus (Mc 1,14-3,6)
- III. Parábolas e sinais diante da cegueira do mundo (Mc 3,7- 6,6a);
- IV. Atividade de Jesus entre os pagãos e cegueira dos seus discípulos (Mc 6,6b- 8,26);
- V. Atividade de Jesus aos discípulos que o seguem (Mc 8,27-10,52);
- VI. Paixão e Ressurreição do Filho do Homem (Mc 11,1-16,8-20).

Marcos é original, escreve um Evangelho. Para ele, o Evangelho é o próprio Jesus presente, atuante, proclamado pela palavra da Igreja.

Portanto, o Evangelho é o anúncio que torna Cristo, morto e ressuscitado, atualmente presente. Seu livro é uma obra de pregação, a fim de revelar e preparar o encontro com Jesus Cristo sempre vivo. A missão de Jesus é universal, pois acolhe a todos sem distinção de pessoas, inclusive as mulheres que era tão discriminada naquele tempo.

¹¹⁶ Ibid., loc. cit.

2 A SITUAÇÃO DAS MULHERES NO TEMPO DE JESUS

Neste capítulo, são analisadas as condições das mulheres no tempo de Jesus, as quais foram vítimas de discriminação, mas autoras de grandes ações.

O patriarcado romano era um sistema de dominação, ocupação e exploração dos recursos naturais e humanos de forma violenta e escravagista em níveis familiar, social e político.¹¹⁷ Dentro deste contexto de dominação romana, o patriarcado judeu era o sistema de um povo em busca de sobrevivência histórico-cultural. É importante frisar, também, que as mulheres eram vítimas deste padrão patriarcal judeu e androcêntrico, eram relegadas, à condição de marginalizadas e retratadas apenas em espaço doméstico¹¹⁸ ou subordinadas ao pai, se solteiras, ou ao marido, se casadas. O cristianismo era um movimento inserido no judaísmo em busca da sobrevivência e da reconstrução de identidade e, como tal, participava quanto resistem a esse patriarcado.¹¹⁹

Mediante atenta leitura do evangelho de Marcos, é possível perceber que este padrão patriarcal é mantido em alguns aspectos e revertido em outros. Até o final do capítulo 15 do evangelho de Marcos, as mulheres são anônimas, sua presença entre os seguidores de Jesus não é mencionada.¹²⁰ Portanto, em relação às mulheres, em Marcos, percebe-se que: a) a maior parte das pessoas masculinas curadas por Jesus é anônima; b) mulheres não assumem papéis tradicionais de esposa e mãe; c) elas apresentam caracterizações positivas, sendo exemplos de seguimento por meio da fé, da perseverança no seguimento e da diaconia. Mostram-se, de certa forma, como mulheres livres, independentes e comprometidas com a *práxis* e com a proposta libertadora de Jesus.

Várias passagens são apresentadas pelo evangelista, em que as mulheres aparecem como sujeito histórico-narrativo, nelas, Jesus altera o padrão patriarcal e androcêntrico das relações de gênero, haja vista que as inclui no serviço mútuo, nas curas e no meio dos discípulos.

¹¹⁷ REIMER, Ivone. R. **Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista**. São Paulo: Paulinas, 2005b, p.69-70.

¹¹⁸ A sogra de Pedro, a filha de Jairo, a filha da mulher siro-fenícia, a mulher que unge Jesus são retratadas em casa. REIMER, op. cit., 2012a, p. 68.

¹¹⁹ REIMER, op. cit., 2005b p.70-71.

¹²⁰ SCHOTTROFF, Luise. **Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista**. São Paulo: Paulinas, 1995, p.24.

2.1 A FAMÍLIA JUDAÍCA EM SUA ESTRUTURA PATRIARCAL

Para compreender a natureza revolucionária dos ensinamentos de Jesus, verifica-se a posição das mulheres quando Jesus entrou em cena, na Palestina.

A família hebreia do tempo de Jesus era grande e ampla, com sua estrutura radicalmente patriarcal, tudo girava em torno do homem. A poligamia era permitida, somente o homem poderia assumir mais de uma mulher.

No entanto, isso se tornava possível somente àqueles que tinham uma condição financeira mais abastada. Na “Casa do Pai”, como era chamada a família, vivia: a esposa principal, as secundárias, os filhos e filhas de todas, juntamente com os criados e escravos.¹²¹ Conforme a cultura hebreia da época, as mulheres tinham muitos filhos, isto era sinal de que Deus havia abençoado a mulher (Sl 127,3), por este motivo, a família judia era numerosa. As mulheres, de uma forma geral, no oriente, não tinham muita vida social, conforme relata Joachim Jeremias:

No Oriente, a mulher não participava da vida pública; o mesmo acontecia no judaísmo do tempo de Jesus, pelo menos as famílias judaicas fieis à Lei. Quando uma mulher saía de casa, trazia o rosto escondido por um manto, peça de pano dividida em duas partes, uma cobrindo-lhe a cabeça e a outra, cingindo a fronte e caindo até o queixo, tipo de rede com cordões e nós. Desta forma, não se podia reconhecer os traços de seu rosto. Certa vez, um sumo sacerdote de Jerusalém não reconheceu a própria mãe, quando lhe aplicou a sentença prescrita para a mulher acusada de adultério.¹²²

A sociedade daquele tempo era vista e organizada em função da lógica e dos interesses masculinos. O feminino se achava praticamente excluído, dominado e colocado a serviço do homem, pois as mulheres eram consideradas seres humanos de segunda categoria.

A razão para essa discriminação residia no fato de terem nascido mulheres. Privadas do apoio de um varão, eram elas as mais vulneráveis. Da época surgiram alguns estereótipos sobre as mulheres que, até hoje, estão registrados e são, dessa forma, transmitidos há séculos.

Criado neste ambiente, Jesus foi percebendo tais estereótipos em sua própria família, entre seus amigos e na convivência diária. Pagola explica, em seu livro

¹²¹ JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2005, p.474.

¹²² JEREMIAS, op. cit., p.473-474.

Jesus: Aproximação Histórica, que, segundo um antigo relato, Deus havia criado a mulher somente para ser uma colaboradora do varão. Era esse o destino dela.

No entanto, longe de ser uma colaboradora, foi ela precisamente quem lhe deu para comer o fruto proibido, provocando a expulsão de ambos do paraíso (Gn 2,4–3,24). Este relato, transmitido de geração em geração, foi desenvolvendo no povo judeu uma visão negativa da mulher como fonte sempre perigosa de tentação e de pecado.¹²³

Portanto, a atitude mais sábia era aproximar-se das mulheres com muita cautela e mantê-las sempre em situação de submissão. Sendo assim, a imagem das mulheres, no judaísmo, foi de certa forma associada ao pecado. Com base nesse antigo relato, verifica-se que as mulheres eram consideradas uma ameaça, geradoras de medo, por isso, viviam confinadas aos espaços privados domésticos e conventuais, em que poderiam ser mais facilmente controladas e silenciadas.

O escritor judeu Filon de Alexandria, contemporâneo de Jesus, descreve que “[...] enquanto o varão se guia pela razão, a mulher se deixa levar pela sensualidade.”¹²⁴ Flávio Josefo resume bem o sentimento generalizado no tempo de Jesus: “De acordo com a Torá, a mulher é inferior ao varão em tudo.”¹²⁵

As mulheres eram consideradas um ser vulnerável, era dever dos homens protegê-las publicamente e também da agressão sexual de outros varões.

Conforme a cultura judaica, as mulheres não podiam sair de casa sem estar acompanhadas de um varão, caso contrário seria motivo de escândalo e vergonha para a família e a mulher. Era dever dos varões cuidar da honra da casa. Uma mulher não devia ficar sozinha no campo. “Não lhes era permitido falar em público com nenhum varão, mesmo que fosse a esposa, filha ou irmã.”¹²⁶

De pai para filho, estes provérbios eram transmitidos: “‘Não fale muito com uma mulher’ [...], ‘Quem fala muito com uma mulher chama a desgraça sobre si, descuida das palavras da lei, merece finalmente o inferno’.”¹²⁷ Também quando tomavam parte em refeições ou atividades privadas aos varões, eram consideradas mulheres de conduta desviada, própria de mulheres que descuidavam de sua reputação e de sua honra sexual. Na realidade, as mulheres de famílias judaicas

¹²³ PAGOLA, Jose. A. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 256.

¹²⁴ PAGOLA, op. cit., p. 257.

¹²⁵ Ibid, loc. cit.

¹²⁶ BONNIN, P. I. Jesus e a mulher: uma novidade radical. In: Grande Sinal, Petrópolis, v. 43, 1994, p. 475-478.

¹²⁷ Ibid., loc. cit.

fiéis à lei não tinham lugar na vida social, não gozavam dos mesmos direitos que os varões.

2.2 A CONDIÇÃO DA MULHER COMO FILHA

Na “casa do pai”, seu governo soberano e absoluto sobre a família implicava domínio total sobre os bens. Enquanto os filhos eram os herdeiros, as filhas aumentavam seu patrimônio, pois era comum que os pretendentes pagassem por suas filhas.¹²⁸ Na casa paterna, o lugar das filhas vinha após o dos filhos. A formação das meninas limitava-se ao aprendizado dos trabalhos domésticos e a cuidar dos irmãos e irmãs menores.

Assim, também o faziam com o pai, tinham os mesmos deveres que os filhos: alimentá-lo e dar-lhe de beber, vesti-lo e cobri-lo, ajudá-lo a entrar e sair de casa. Quando o pai se tornava idoso, era tarefa da filha lavar-lhe o rosto, as mãos e os pés.¹²⁹

Eram privadas dos mesmos direitos dos irmãos, do ponto de vista da sucessão, por exemplo, os filhos homens e seus descendentes passavam à frente.

Desde a infância, o menino e a menina eram tratados e educados de forma diferente. O menino hebreu, além de conhecer a lei, devia também aprender uma profissão. Era responsabilidade do pai ensiná-la, assim como era de sua responsabilidade ensinar o significado das festas. Ao completar 13 anos, ele se tornava um *bar-mitzvah*. Um filho da lei e, do ponto de vista religioso, era considerado um homem adulto. Passava a fazer parte da *minyan*, o grupo de dez homens adultos, em cuja ausência não era possível celebrar um ofício religioso na sinagoga. No primeiro sábado sucessivo, ele lia a lei em hebraico e recebia a bênção do chefe na sinagoga.

O menino tinha o direito de frequentar a escola, quanto mais adquirisse conhecimento e aprendizado mais era valorizado e elogiado pelo pai. Já a menina não frequentava a escola. No entanto, nas famílias de classe alta, dava-se às jovens

¹²⁸ MORACHO, Félix. **Como ler os Evangelhos**. São Paulo: Paulus, 1994, p. 22.

¹²⁹ JEREMIAS, op. cit., p. 478-479.

moças uma formação profana, ensinando-lhes, por exemplo, o grego, pois isso era um adorno para elas.

O pátrio poder era fortemente exercido sobre as filhas menores. Até se casarem eram totalmente dependentes do pai.

1° a menor (qetannah, menina até a idade de doze anos e um dia); 2° a moça (na'arah, entre 12 anos e 12 anos e meio); e 3° a maior (bôgeret, acima de 12 anos e meio. A filha nada podia possuir; a renda de seu trabalho pertence ao pai. A filha com menos de doze anos e um dia também, não dispõe de si mesma: a aceitação ou recusa de um pedido de casamento pertence exclusivamente ao poder paterno ou ao de um representante seu. Até a idade de doze anos e meio, uma jovem não tem o direito de recusar o casamento decidido pelo seu genitor, mesmo que o escolhido seja disforme. A filha com a idade acima de doze anos e meio era autônoma. Seu noivado pode ser decidido sem o consentimento paterno. Porém, mesmo que a filha tivesse maior idade, a quantia para o casamento, que o noivo pagava por ocasião do noivado, pertenceria ao pai.¹³⁰

Portanto, esse autoritarismo tão exacerbado do pai levava-o naturalmente a considerar as filhas, principalmente as menores, como aptas ao trabalho e vê-las como fonte de rendas. “As filhas só aumentavam o patrimônio do seu pai, uma vez que podiam ser comercializadas, por dinheiro ou por contrato, e não eram herdeiras. Não tinham participação do lucro de seu trabalho.”¹³¹

As leis judaicas não era favorável as mulheres, pelo contrário, faziam-nas dependerem das leis e estas muitas vezes as escravizavam.

Geralmente sem nome, pertencente ao pai, depois do casamento propriedade do marido, ele governava como senhor absoluto, sem autonomia, não era nem contada entre os habitantes, se estéril, era relegada ou substituída, pela escrava, sua participação era passiva somente para procriação, convivia com a poligamia do marido, sem poder reclamar, pois a poligamia era aceita.¹³²

Ao contrair matrimônio, geralmente realizado um ano após o noivado, a moça saía da própria família e perdia definitivamente o poder do pai, passando de submissa ao pai para o esposo. Doravante, toda a sua vida será a serviço e obediência ao esposo, por isso, chamava o esposo de *ba' ali*, meu senhor.¹³³

¹³⁰ Ibid.

¹³¹ CASONATTO, Odalberto D.; VIERBRANTZ, Rosalir **Jesus e as mulheres**: a mulher nos evangelhos sinóticos. 6 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=autor=1623&idautor=66&idutente=&caso=artigo>>. Acesso em: 10 set. 2014.

¹³² CASONATTO; VIERBRANTZ, op. cit.

¹³³ PAGOLA, op. cit., p. 257.

2.3 A CONDIÇÃO DA MULHER COMO ESPOSA

Após o contrato¹³⁴ de casamento, a noiva passa a se chamar esposa, consumando “a aquisição” (*qinyan*) da noiva pelo noivo, assim, era o casamento. Fica também sujeita às implicações inerentes à mulher casada dentro da sociedade judaica de sua época.¹³⁵ Como por exemplo, com o falecimento do noivo, a noiva era considerada viúva, mas se durante o tempo de noivado a noiva cometesse adultério, era repudiada e castigada de morte. Joachim Jeremias reflete sobre o valor da mulher perante a sociedade na Palestina contemporânea a Jesus, enfatizando que era comum à situação legal da noiva que a aquisição da mulher e a do escravo sejam postas em paralelo.

Adquiria-se a mulher pelo dinheiro, contrato e relações sexuais, assim adquiria-se também o escravo pagão por dinheiro, contrato e tomada de posse, consistindo para o escravo em fazer, para o novo patrão, um serviço inerente aos deveres do escravo. Assim se formula a pergunta à qual se responde negativamente: Há, pois, por acaso, alguma diferença entre a aquisição de uma mulher e a de um escravo?¹³⁶

Os recém-casados, quase sempre, iam morar com a família do cônjuge, o que representava para a esposa, na maioria das vezes ainda muito jovem, o árduo e penoso dever de ingressar numa comunidade familiar que lhe era estranha e que não ocultava, em relação a ela, seus sentimentos hostis. Sua vida de casada não diferenciava muito em relação a sua vida de solteira.

Juridicamente, a esposa se diferenciava de uma escrava. Primeiro por poder conservar o direito de possuir (mas não de dispor) bens que trouxera consigo como bens parafernais;¹³⁷ em segundo lugar, pela garantia que lhe dava o contrato de

¹³⁴ A importância fundamental do contrato de casamento consistia: Na regulamentação das relações jurídicas entre os cônjuges para as questões financeiras. Suas principais disposições eram: a) Determinação do que o pai da noiva deveria pagar: bens parafernais bens de usufruto, isto é, bens cuja propriedade ficava para a mulher e cujo marido tinha o usufruto. O dote bens em moeda, que quer dizer, bens que se tornava propriedade do marido, mas cujo equivalente devia ser garantido à mulher no caso de rompimento do casamento. b) Estabelecimento do contrato de casamento, isto é, da quantia devolvida à mulher em caso de separação ou morte do marido (JEREMIAS, op. cit., p. 483).

¹³⁵ Ibid., p. 484.

¹³⁶ Ibid., p. 438.

¹³⁷ Bens parafernais, no regime dotal do casamento, “[...] são propriedade da mulher, que os administra e deles dispõe, salvo quanto à alienação dos imóveis, ou seja, não lhe era permitido vendê-los (BENS parafernais. In: DICIONÁRIO de termos jurídicos. Disponível em:

casamento, fixava a quantia que se devia pagar à mulher, em caso de separação ou morte do marido.¹³⁸

Seus deveres domésticos eram sempre os mesmos, consistiam em, além de servir ao esposo, lavar o rosto, as mãos, e os pés dele, moer o trigo, fazer o pão, cozinhar, tecer, fiar, lavar, cuidar dos filhos. Em relação ao marido, a principal incumbência das mulheres como esposa consistia em satisfazer sexualmente o marido e dar-lhe filhos varões para assegurar a subsistência da família.

A constituição familiar no Judaísmo foi sempre patriarcal. Tudo girava em torno das decisões masculinas e ao homem se voltava. No entanto, destaca-se na cultura judaica o papel das mulheres como mãe.

Existem dentro do Judaísmo alguns princípios que tentam segurar a consistência do ser Judeu. Assim Judeu é aquele que nasce de mãe judia (chamada por eles a 'lei do ventre'), não existe outra possibilidade. É portanto, a mãe, não o pai, que determina a identidade judaica do filho; é a mãe a principal responsável pela educação dos filhos, pela manutenção do espírito judaico, da cultura e das tradições familiares. No âmbito da formação do lar judaico a Mãe representa uma peça fundamental.¹³⁹

Porém, parece que as mulheres também tinham grande influência dentro da família, pois muitos homens as respeitavam como mães de seus filhos. Certamente, eram elas as responsáveis do clima familiar e religioso dentro de casa.

Depois de realizado o casamento, as mulheres tinham o direito de ser sustentadas pelo marido e podiam exigir a aplicação de tal direito diante do tribunal. Cabia ao marido provê-la de alimento, vestuário, habitação e cumprir o dever conjugal; do mesmo modo tinha obrigação de resgatá-la em caso de eventual cativo. Quando a esposa estava enferma, era responsabilidade do marido providenciar-lhe medicamentos, em caso de falecimento, a sepultura. Até mesmo o mais pobre tinha de contratar pelo menos dois tocadores de flauta e uma carpideira, pois era costume haver discurso fúnebre no enterro das mulheres, o esposo se incumbia de providenciar as carpideiras, as quais, no contexto do Antigo Testamento, eram.

<http://buenoecostanze.adv.br/index.php?option=com_glossary&letter=B&id=9075&Itemid=532>.

Acesso em: 6 jul. 2014.

¹³⁸ JEREMIAS, op. cit., p. 484.

¹³⁹ CASONATTO; VIERBRANTZ, op. cit.

Mulheres profissionais do pranto e do luto. Essas senhoras eram conhecidas pela alcunha de carpideiras, no hebraico *lam^eqōn^enōt* – literalmente, aquelas que são como fontes de lágrimas. Essas profissionais eram contratadas para lamentar, chorar, e lamuriar nos velórios. [...]. Esperava-se que através da simulação de angústia e dor manifestadas por estas mulheres, o participante lutuoso fosse contagiado pela tristeza e aflição, como afirma o profeta das lágrimas: Apressem-se e levantem sobre nós o seu lamento, para que nossos olhos se desfaçam em lágrimas, e as pálpebras destilem água (Jr 9,16).¹⁴⁰

O objetivo principal das mulheres carpideiras era levar os partícipes ao choro e lamento, mesmo que o falecido não merecesse. No judaísmo, as relações entre filhos e pais eram determinadas pela obediência que a mulher devia a seu marido; ou seja, os filhos tinham de colocar o respeito ao pai acima do respeito à mãe. Na gravidez, em caso de perigo de morte, a vida materna tinha preferência, isto é, era necessário primeiro salvar a vida da mãe.

O marido podia ter várias esposas (poligamia), como consequência, a esposa era obrigada a conviver com concubinas a seu lado¹⁴¹. Entretanto, conforme já assinalado, só os mais abastados podiam se dar a este luxo.

O direito de requerer o divórcio só era concedido ao marido, bastava-lhe escrever uma carta de repúdio que lhe era concedida a separação. Em raríssimos casos, as mulheres tinham o direito de requerer a anulação jurídica do casamento. A esse respeito, relata Flávio Josefo: “Quando Salomé, irmã de Herodes, o Grande, enviou o libelo de divórcio a seu marido Costabaro, ela estava agindo na contramão de uma sociedade que só concedia ao marido este direito.”¹⁴²

Em relação ao divórcio, assim apresenta Joachim Jeremias:

Na época de Jesus (Mt 19,3) os chamaítas discutiam com os hilelitas sobre a exegese de Dt 24,1 que menciona, como justo motivo para o homem repudiar a esposa, o caso em que ele encontre nela qualquer coisa de vergonhoso, *erwat dabar*. Contrariando a exegese do chamaítas, anuindo ao sentido do texto, os hilelitas explicavam essa passagem da seguinte maneira; 1º impudícia (*erwat*) da mulher e 2º qualquer coisa (*dabar*) que desagradasse ao marido *davam-lhe* o direito de afastar de casa a mulher. Como vemos, o ponto de vista hilelita reduzia a uma total fantasia o direito unilateral de divórcio que o marido detinha.¹⁴³

¹⁴⁰ (BENTHO, Esdras. C. **Carpideiras**: a profissional do luto! Disponível em: <http://teologiaegraca.blogspot.com/2011/03/apressem-se-e-levantem-sobre-nos-o-seu.html>>. Acesso em: 10 jul. 2014).

¹⁴¹ JEREMIAS, op. cit., p. 486.

¹⁴² *Ibid.*, loc. cit.

¹⁴³ JEREMIAS, op. cit., p. 486-487.

De uma forma geral, a situação das mulheres dependia muito de cada particularidade. Dois fatores representavam certa relevância: de um lado, as mulheres podiam contar com o apoio de seus parentes consanguíneos, sobretudo seus irmãos; tal fato era fundamental para a sua posição na vida conjugal. De outro lado, aos olhos da sociedade, o valor de uma mulher estava vinculado a sua habilidade de dar à luz. A esterilidade era um estigma social terrível, era vista até mesmo como castigo divino, pois, sendo mãe, as mulheres eram valorizadas; justo porque deram ao marido o mais precioso presente. As mulheres eram bem mais valorizadas quando dava à luz a bebês do sexo masculino que perpetuavam, desta maneira, o nome do pai. “Era característica a alegria ao nascer um menino, enquanto o nascimento de uma menina era acompanhado de indiferença, até mesmo de tristeza.”¹⁴⁴

Outro fator que implicava na vida das mulheres era sua viuvez, pois permaneciam eventualmente ligadas a seu marido, se ele morresse sem deixar filhos (Dt 25,5-10; Mc 12,18-27). Nessas circunstâncias, a viúva deveria esperar sem questionar a decisão dos irmãos do falecido marido, para que contraíssem com ela o casamento levirático¹⁴⁵ ou lhe manifestassem a recusa sem a qual ela não poderia tornar a se casar.

2.4 A EDUCAÇÃO E A RELIGIÃO DAS MULHERES JUDIAS

A educação para o povo judeu era tão fundamental, que não fugia às regras das demais coisas, confundia-se com sua própria religião. Nos primeiros anos era responsabilidade da mãe cuidar dos filhos, mas a partir do quarto ano cada caminho já começa a ser traçado, é dever do pai instruir o seu filho, já a filha fica a cargo de sua mãe. Enquanto a menina aprende a cozinhar e a fazer os trabalhos domésticos para se tornar uma futura esposa e mãe, o filho, em geral, aprende a profissão do pai. Para que o filho aprendesse outro ofício, eventualmente a família o enviava para

¹⁴⁴ Ibid., p. 493.

¹⁴⁵ Casamento levirático é o costume, observado entre alguns povos, que obriga um homem a casar-se com a viúva de seu irmão quando este não deixa descendência masculina. Este costume é mencionado no Antigo Testamento como uma das leis de Moisés. O vocábulo deriva da palavra *levir*, que em latim significa cunhado (LEVIRATO. In: Wikipedia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Levirato>>. Acesso em: 5 jul. 2014).

a casa de outro parente. Porém, o destino da filha muitas vezes era incerto, poderia ser vendida como escrava, mas não antes de completar seis anos de idade. Após esta idade, o pai não é mais obrigado, juridicamente, a sustentar os filhos.¹⁴⁶

Uma das características primordiais da educação religiosa do povo judeu era o ensino da Torá aos filhos, cuja tarefa competia ao pai. As meninas eram incumbidas de aprenderem somente os preceitos negativos, ou seja, tudo aquilo que viesse legitimar sua condição inferiorizada de mulher. No entanto, quanto ao menino, este deveria se dedicar ao conhecimento geral da lei, que seria a concretização de sua dedicação religiosa. Sobre a educação na Palestina, assim explana Saulnier:

A educação não visa somente ao aprendizado de um ofício: consiste sobretudo em ensinar a Torá aos filhos. E aqui também, esta função compete aos pais. Mas há uma grande diferença neste ponto entre as meninas e os meninos. A menina, evidentemente, deve conhecer todos os preceitos negativos: 'Tu não farás...' e os que se referem à sua condição; mas fora disso, quanto menos se lhe ensina, melhor é. O menino, ao contrário saber o mais possível da Lei, a fim de melhor conhecê-la e honrar o Senhor. Deve saber ler o texto sagrado e ser capaz de interpretá-lo. Mas como muitos pais não podem fazê-lo por si mesmos, inventa-se a escola, destinada só a meninos; as meninas conseguem, no entanto, adquirir certa formação, graças sobretudo aos comentários do ofício sinagoga. De acordo com uma tradição judaica, só por volta de 63 a.C. é que o sumo sacerdote decidiu criar em cada aldeia uma escola gratuita para todos os meninos a partir de 6 ou 7 anos; mas alguns fazem a instituição do ensino público remontar a 130 a.C.. Embora sua finalidade não fosse outra senão preparar leitores para a sinagoga.¹⁴⁷

Do ponto de vista religioso, controlado pelos varões, as mulheres também eram colocadas sob uma condição de inferioridade. Somente na celebração doméstica, elas tinham uma participação significativa, eram encarregadas de acender as velas, pronunciar certas orações e cuidar de alguns rituais na festa do sábado. De resto, sua presença era completamente secundária. Os direitos religiosos das mulheres eram tão limitados quanto seus deveres religiosos.

Não era permitido que as mulheres se aproximassem do lugar sagrado no templo. Josefo elucida esta proibição, afirmando que no Templo, só era permitido às "mulheres penetrarem no átrio dos gentios e das mulheres."¹⁴⁸ No tempo de Jesus, havia um pátio no templo para as mulheres, localizado fora dos recintos reservados

¹⁴⁶ SAULNIER, Christiane.; ROLLAND, Bernard. **A Palestina no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 73.

¹⁴⁷ Ibid., p. 73.

¹⁴⁸ JEREMIAS, op. cit., p. 401.

para sacerdotes e outros homens e uns 15 degraus abaixo, que indicava a posição subordinada das mulheres.¹⁴⁹

A lei do puro e impuro estava veementemente presente na época e era aplicada também às mulheres. Durante os dias de purificação mensal e, além desses, no período de 40 dias após o nascimento de um filho, e de 80 dias após o nascimento, se fosse menina não lhes era permitido penetrar nem mesmo no átrio dos gentios. Após dar à luz, as mulheres tinham que oferecer em sacrifício no Templo para serem purificadas (Lc 22,22; Lv 12,1-8).

O controle sobre as mulheres estava fortemente condicionado pela discriminação fisiológica; “[...] era considerada impura no período menstrual e também após o parto. Era essa a principal razão porque as mulheres eram excluídas do sacerdócio, da participação plena no culto e do acesso às áreas mais sagradas do Templo.”¹⁵⁰ O mesmo acontecia nas sinagogas (casa de reunião e oração), em que “[...] era permitido às mulheres, como aos homens e às crianças, penetrar na parte da sinagoga utilizada para o culto, embora estacas e grades separavam o local o qual as mulheres iriam ocupar.”¹⁵¹ Mais tarde, foi construída para elas uma tribuna com entrada particular. No serviço litúrgico, as mulheres estavam presentes somente como ouvintes. Podiam estar presentes na sinagoga até quinhentas mulheres, mas a celebração não começava se pelo menos dez homens *bar mitzvah* não estivessem presentes.

Na realidade, o verdadeiro protagonista da religião judaica era o varão:

Não devemos esquecer que a circuncisão era o rito que constituía alguém como membro do povo da Aliança. A mulher não tem a mesma dignidade que o varão diante da Lei. De fato, estava sujeita a todas as proibições da mesma forma que o varão, mas não se contava como sujeito ativo da vida religiosa do povo: as mulheres não tinham a obrigação de recitar diariamente o *Shemá*, confissão oficial da fé em Israel. Também não estavam obrigadas a subir em peregrinação a Jerusalém nas festas da Páscoa, de Pentecostes ou das Tendas.¹⁵²

Tudo o que se referia à relação com Deus era obrigação dos homens. Tudo era dirigido pelos sacerdotes e pelos escribas da lei. Assim sendo, não era

¹⁴⁹ Ibid., p. 97.

¹⁵⁰ PAGOLA, op. cit., p. 257

¹⁵¹ JEREMIAS, op. cit., p. 491.

¹⁵² PAGOLA, op. cit., p. 259.

necessário às mulheres estudar a Torá.¹⁵³ Não estavam obrigadas ao estudo da lei, tampouco os escribas aceitavam-nas como discípulas.

É surpreendente a dureza de certos ditos rabínicos que, embora sendo posteriores a Jesus, podem sugerir algo daquilo que se vivia também em seu tempo: “Quem ensina à sua filha a Torá ensina-lhe a libertinagem, pois ela fará mau uso do que aprendeu.”¹⁵⁴ Não era socialmente admissível para as mulheres judias entrar em contato próximo com homens que não pertenciam à sua família e, por conseguinte, não era lícito às mulheres estudar sob a orientação de um rabino. Sob estas circunstâncias, não era apenas inaudito, para as mulheres, abandonar o seu lar para acompanhar um rabino em seu ministério itinerante, era até escandaloso.

Um mestre da lei chegou a escrever: “Ainda que as palavras da Torá pegassem fogo, não devem ser transmitidas à mulher.”¹⁵⁵ Homens tinham o dever de rezar pela manhã, nas refeições. Mas, as mulheres, crianças e escravos, eram dispensados deste dever.

No século I e II depois de Cristo, os judeus na sinagoga faziam três vezes ao dia oração agradecendo a Deus pelo fato de não terem nascido pagão, escravo e mulher, enfatizando seu privilégio religioso. Dentre as orações cotidianas dos judeus daquele tempo encontra-se esta recomendada pelo enérgico representante da antiga tradição Rabi Yehuda:

Bendito seja Deus que não me fez pagão: porque todas as nações diante dela são como nada (Is 40,17). Bendito seja Deus que não me fez mulher: porque a mulher não está obrigada a cumprir os mandamentos. Bendito seja Deus porque não me fez ignorante: porque o ignorante não se envergonha de pecar.¹⁵⁶

As mulheres judias eram relegadas à mesma categoria dos gentios e dos ignorantes, haja vista que a elas não era permitido estudar a lei. Num mundo de leis e rituais, o mais importante para o homem era o cumprimento exato das 613 prescrições que haviam elaborado e nas quais pretendiam atender à vontade de

¹⁵³ “Torá ou Torah, que é também chamada de Pentateuco, é formado de 5 livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. A palavra Torah, ou Torá, vem do hebraico e significa Lei (ou Instrução). A palavra Pentateuco vem do grego e significa cinco divisões. Os 5 livros da Torah são históricos, mas para os judeus são considerados como Lei porque eles formam uma unidade onde a Lei, dada por Deus, é o ponto principal” (TORAH. Disponível em: <<http://www.fisemg.com.br/?pg2=paginas&id=38>>. Acesso em: 9 jul. 2014).

¹⁵⁴ Ibid.

¹⁵⁵ BONNIN, op. cit., p. 475.

¹⁵⁶ MORACHO, op. cit., p. 24.

Deus. Preocupavam-se com as orações e rituais os quais deviam ser observados e se esqueciam de praticar a justiça, principalmente com as mulheres.

Elas eram impedidas de testemunhar em um tribunal, mesmo como testemunha de acusação. Esta prática era legitimada pela exegese que faziam de Gn 18,11-15, pois consideravam que seu testemunho não era confiável, devido a sua inclinação à mentira.¹⁵⁷ Somente em fatos excepcionais era considerado seu testemunho e, nos mesmos casos, aceitava-se o testemunho de um escravo pagão, por exemplo. Para o novo casamento de uma viúva, contentavam-se com o testemunho de uma mulher acerca da morte do primeiro marido.

As mulheres judias eram discriminadas religiosa e juridicamente, constituíam um setor marginalizado de forma profunda na sociedade judaica. O patriarcado no tempo de Jesus perpassava a cultura, a família, as leis, a religião, estava presente em todas as estruturas sociais.

2.5 JESUS INTERFERE NA ORDEM PATRIARCAL

Jesus, por meio de seus ensinamentos, quebrou a tradição de sua época, agindo à contramão de uma sociedade na qual as mulheres eram consideradas seres inferiores. As mulheres confiantes em Jesus encontram forças e segurança, assim, romperam os paradigmas da exclusão e, paulatinamente, ocuparam seu espaço na sociedade e na evangelização.

O cristianismo nasce com a pedagogia da inclusão. A opção cristã é apresentada como rejeição a todos os privilégios e solicita uma capacidade de integração do diferente, como expressa o apóstolo Paulo: “Não há judeu, nem grego, não há escravo, nem livre, não há homem, nem mulher; pois todos vós sois um só em Jesus Cristo (Gl 3,29).”¹⁵⁸

Na pedagogia da inclusão, Jesus rompe as barreiras, inaugura uma nova era religiosa, apresenta outra atitude em relação à mulher. Para ele, deve existir

¹⁵⁷ Ibid., p. 25.

¹⁵⁸ MAZZAROLO, Isidoro. **Evangelho de Marcos: estar ou não com Jesus**. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004, p. 365.

igualdade entre o homem e a mulher. Por conseguinte, os elementos culturais têm outros espaços e lugares.

O sinal de igualdade entre o homem e a mulher aparece desde a narração do livro de Gênesis: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher” (Gn 1,27). Assim sendo, o homem e a mulher são criados a imagem de Deus. Ambos recebem ordem de dominar a terra (Gn 1,28). Diante dessas perícopes, não há nenhuma alusão à dominação. Homem e mulher criados juntos e abençoados juntos, são chamados (homem) Adão (Gn 5,2).

A mulher, igualmente ao homem, é criada somente por Deus conforme relata Clements:

O varão não é participante, nem espectador da divina atividade que edifica uma mulher de uma costela. A criação da mulher não é pensada depois. A estrutura de Gn 2 é exemplo de inclusão. A criação do homem primeiro e da mulher por último constitui uma composição em anel pelo que as duas criaturas são paralelas. De nenhum modo a ordem desmerece a mulher.¹⁵⁹

Deus quando criou a mulher a criou para ser colaboradora do homem, uma colaboradora apropriada, igual e adequada ao homem. Esse modo de pensar vem embasado na tradição bíblica, mulher e homem como pessoas distintas, iguais, livres em comunhão recíproca, desde a criação, representam igualmente a imagem de Deus sobre a terra, pois é na pessoa humana que Deus se revela.

O Papa João Paulo II, em sua Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, faz importantíssimas afirmações quando declara que mulher e homem são ambos imagem do Deus criador:

A imagem e semelhança de Deus no homem, criado como homem e mulher (pela analogia que se pode presumir entre o Criador e a criatura), exprime portanto também a unidade dos dois na comum humanidade. Esta ‘unidade do dois’ que é sinal da comunhão interpessoal, indica que na criação do homem foi inscrita também uma certa semelhança com a comunhão divina (‘communio’). Esta semelhança foi inscrita como qualidade do ser pessoal dos dois, do homem e da mulher, e, conjuntamente, como uma chamada e um empenho. Na imagem e semelhança de Deus que o gênero humano traz consigo desde o ‘princípio’, radica-se o fundamento de todo o ethos humano: o Antigo e Novo Testamento irão desenvolver esse ethos, cuja vértice é o mandamento do amor (nº 7).¹⁶⁰

¹⁵⁹ CLEMENTS, R. E. **O mundo do Antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas.** São Paulo: Paulus, 1995, p. 373.

¹⁶⁰ BINGEMER, op. cit., p. 30.

As mulheres que se aproximavam de Jesus pertenciam, de modo geral, ao estrato mais baixo daquela sociedade. Muitas eram enfermas, curadas por Ele, de espíritos maus como Maria de Madalena, significando que eram mulheres suspeitas, consideradas pecadoras, conforme entendimento da época. Outro grupo vigente naquele tempo era de mulheres não vinculadas a nenhum homem: viúvas indefesas, esposas repudiadas, em geral, mulheres sozinhas, sem recursos, pouco respeitadas e de má fama. Havia também as prostitutas, consideradas por todos como a pior fonte de impureza e contaminação. A todas Jesus acolhia. Estas mulheres estão entre os indesejáveis que sentam a comer com Jesus. Aquela mesa não é a mesa pura dos setores fariseus mais radicais, que tomam seus alimentos observando a pureza ritual dos sacerdotes.¹⁶¹

Na visão de Jesus, essas refeições representavam o símbolo e antecipação do Reino de Deus anunciado por Ele. Diante da atitude de Jesus, já se podia ver como os últimos do povo santo e as últimas daquela sociedade patriarcal eram os primeiros a fazer parte do Reino de Deus, já que nos Evangelhos Jesus afirma: “Muitos que agora são os primeiros, serão os últimos, e muitos que agora são os últimos, serão os primeiros” (Mc 10,31; Mt 19,30; 20,16), essas palavras aplicam-se também às mulheres e à sua situação de inferioridade nas estruturas dominadas pelos homens, em uma sociedade patriarcal.

A presença dessas mulheres nas refeições de Jesus, diante de uma sociedade patriarcal, era motivo de escândalo. As mulheres que se moviam fora de casa, acompanhando homens, eram consideradas mulheres de fácil acesso para qualquer comensal, sobretudo, se não estivessem na companhia do esposo.

Por outro lado, homens como os arrecadadores de impostos tinham fama de viver em contato com os ambientes de prostitutas. Alguns deles administravam pequenos bordéis ou forneciam mulheres para os banquetes. Jesus nem se assusta nem as condena, pelo contrário: “Acolhe-as com amor compassivo do Pai. Nunca aquelas mulheres tinham estado tão perto de um profeta. Jamais haviam ouvido falar assim de Deus.”¹⁶² Na mentalidade judaica, partilhar o alimento era oferecer perdão, fraternidade, confiança, paz. A esse respeito, elucida Moracho:

¹⁶¹ PAGOLA, op. cit., p. 260.

¹⁶² PAGOLA, op. cit., p. 261.

Era um ato de solidariedade para com os comensais, era como partilhar a vida. A cada refeição o judeu louvava a Deus. E todo aquele que participava da refeição participava também da benção de Deus e se punha em comunhão com a divindade. Comer com alguém, portanto, era aceitá-lo diante de Deus, esquecer seu passado e abrir-lhe novo horizonte de vida.¹⁶³

Aos olhos dos adversários de Jesus, fariseus e saduceus, povo que se considerava santo do Deus Santo, da lei e do Templo, a prática de Jesus e de seus seguidores foi simplesmente inusitada e escandalosa, o comportamento de Jesus Cristo foi contra as regras de conduta social e religiosa. Certa vez Jesus, desafiou de maneira provocativa os fariseus e saduceus, dizendo-lhes: “Os arrecadadores de impostos e as prostitutas entram antes de vós no Reino de Deus” (Mt 21,31). No tempo vivido por Jesus, a maior parte das prostitutas era formada por mulheres sem recursos e qualificações. Eram levadas a esse tipo de vida devido ao sistema vigente, dominante e opressivo para as mulheres. Por isso, os “chefes do povo vivem e se encontram à vontade, num patriarcado que propiciava essencialmente a prostituição das mulheres. E não querem converter-se e seguir o caminho para ser justo.”¹⁶⁴

Jesus não exclui ninguém de seu amor e da salvação. Com coragem e ousadia, derruba as barreiras entre os justos e malditos, assinalando com sua mensagem a igualdade entre todos. Toda esta revolução causada por Jesus ia de encontro da ideologia patriarcal da época, chegou até mesmo a ser chamado de comilão: “Eis aí um glutão e beerrão, amigo de publicanos e pecadores (Lc 11,19). Sentado à mesa com os pecadores, Jesus mostrava sua solidariedade com os desprezados justamente pela religião, oferecendo-lhes sua amizade e revelava que Deus o enviou, também, para os pecadores.

O código de pureza também não foi obstáculo para Jesus se aproximar das mulheres. De fato, o estado quase permanente das mulheres é o de impureza ritual. É difícil compreender como elas viviam e quais consequências práticas tinham para a convivência cotidiana. Portanto, o mais grave era sua consciência de inferioridade é a sensação de afastamento de Deus Santo que habita no Templo.

Jesus, em nenhum momento, teve a intenção de criticar o código de pureza e de enredar em questões de sexo e pureza ritual. Não era sua característica. Simplesmente, a partir de sua experiência do Reino de Deus, Jesus Cristo passou a

¹⁶³ MORACHO, op. cit., p. 184.

¹⁶⁴ Ibid., p. 40.

atuar com liberdade total, aproximava-se das mulheres sem receio algum. Não as olhava como fonte de tentação, nem de possível contaminação, tratava as mulheres, sem se deixar condicionar por nenhum preconceito. Portanto, para as mulheres, só podia ser atraente aproximar-se dele, sentiam-se valorizadas e libertas da vida de marginalização, condicionada pela sociedade patriarcal.

É surpreendente a maneira simples e natural com que Jesus vai redefinindo, a partir da experiência com Deus, a importância das mulheres, derrubando os estereótipos vigentes naquela sociedade machista. Não aceitava a ideia de que as mulheres eram consideradas levemente como fonte de tentação e ocasião de pecado para os homens. Contra essa tendência geral, Jesus nunca preveniu os homens contra as artes sedutoras das mulheres, mas os alertava diante de sua própria luxúria: “Todo aquele que olha a mulher desejando-a, já cometeu adultério com ela em seu coração” (Mt 5,28-29).

Diante de uma sociedade em que a luxúria do varão não era considerada tão grave como a sedução das mulheres, Jesus põe o acento na responsabilidade dos homens. Estes não deviam se justificar jogando sobre as mulheres a culpa por seu mau comportamento. Nos tempos de Jesus havia duas escolas principais, na qual dois mestres, Hallel e Shammai, tinham um papel muito importante, justamente no que se referia ao divórcio:

Ambos acreditavam que o divórcio era um privilégio concedido por Deus aos homens judeus [...]. Shammai considerava falta grave se, por exemplo, uma mulher cometesse adultério; Hallel, ao contrário, acreditava que se poderia incluir algo um tanto banal, como o fato de a esposa ter deixado queimar a comida no fogo. E justamente esta escola é a que se impôs; favorecia absurdamente o homem, e deixava a mulher francamente desprotegida.¹⁶⁵

Jesus não estava de acordo com a opinião daqueles respeitados mestres, jogava por terra todas as pretensões de superioridade, de uma sociedade machista que desprezava as mulheres. Tanto os homens como as mulheres foram criados por Deus, porém, a mulher é razão suficiente para que o homem deixe seu pai e sua mãe, suas raízes, sua proteção, para unir-se a ela de tal maneira que já não são dois seres distintos, mas um só. Por isso, “o que Deus uniu, o homem não separe” Gn 2,24. Novamente Jesus se colocava ao lado dos desprezados, marginalizados,

¹⁶⁵ GALLARDO, Carlos B. **Galileia ano 30**: para ler o Evangelho de Marcos. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 107.

sem direitos, ao defender as mulheres. A posição de Jesus, a respeito do casamento, representava novidade ímpar¹⁶⁶. Ele não se satisfaz em insistir a favor da monogamia; proíbe categoricamente o divórcio a seus discípulos (Mc 10,9). Não hesita em criticar a Torá por permitir o divórcio por causa da dureza do coração humano (Mc 10,5). O casamento é para Ele indissolúvel e considerava adultério o novo casamento dos divorciados, homem ou mulher, pois o primeiro casamento subsiste.¹⁶⁷

Jesus recusava-se a ver o matrimônio a partir de permissões ou restrições legalistas, por isso, reconduz o matrimônio ao seu sentido fundamental: é aliança de amor, abençoado por Deus e com vocação de eternidade. Cristo leva a sério a palavra da Escritura que declara ser o casamento uma disposição criadora de Deus.

Esta ingerência que Jesus faz, recriminando a prática do divórcio, tem o sentido também de resguardar e proteger o direito das mulheres. O homem tinha várias formas de repudiar sua mulher, geralmente com direitos totais aos bens, enquanto que a mulher raramente podia pedir o divórcio. De acordo com sua visão, o repúdio está na lei e isso é causa da dureza de coração dos homens e de sua atitude machista.

Todavia, o projeto original de Deus não foi um matrimônio patriarcal. Deus criou o homem e a mulher para que sejam “uma só carne” (Mc 10,7), como pessoas chamadas a compartilhar seu amor, sua intimidade e sua vida inteira em comunhão total. Jesus fica ao lado das vítimas, procura pôr fim aos privilégios dos varões de repudiar as esposas por qualquer motivo, a exigir para elas uma vida mais segura, digna e estável.

2.6 MULHER QUE LOUVA JESUS

A eventual menção ao mundo das mulheres e às relações vitais femininas nas palavras de Jesus é significativa, porque apresenta uma exceção numa cultura androcêntrica. Cada alusão explícita nos ensinamentos de Jesus faz com que as

¹⁶⁶ JEREMIAS, op. cit., p. 494.

¹⁶⁷ Ibid., loc. cit.

mulheres sejam visíveis, acolhidas e valorizadas. Nesse sentido, vai incorporando seu valor contra os dogmas de uma cultura patriarcal.

A escolha de mulheres como atrizes nas parábolas contadas por Jesus as transforma em figura de identificação. “As mulheres aparecem na tradição de Jesus como destinatárias do anúncio e, desta forma, como sujeitos religiosos responsáveis por si mesmos.”¹⁶⁸ O carisma milagreiro de Jesus para com as mulheres tinha como objetivo não usá-las como artifício de sua ação, mas antes as envolver em um processo no qual elas têm um papel ativo.

Em certa ocasião, uma mulher do povo louva Jesus exaltando sua mãe pela única coisa importante para uma mulher naquela cultura: “Um ventre fecundo e peitos capazes de amamentar os filhos!”¹⁶⁹ Jesus via as coisas de outro modo. Ter filhos não era tudo, corrigia a avaliação que se fazia das mulheres atribuindo-lhes como incumbência suprema o ter filho. Por mais importante que fosse para as mulheres, havia algo mais contundente e primordial: “Felizes antes aquelas que ouvem a Palavra de Deus e a cumprem” (Lc 11,28).

Assim, Jesus revelava que a grandeza e a dignidade das mulheres, da mesma maneira que a do homem, partem de sua capacidade de ouvir a mensagem do Reino de Deus e inserir-se nele. Para Jesus, acolher sua Palavra é dom maior do que o fato de ser mãe dele.

2.7 MARTA E MARIA AMIGAS DE JESUS

Que melhor exemplo poderia ter do alto conceito que Jesus fazia das mulheres do que a famosa cena na casa de Marta e Maria, amigas de Jesus? Ele também corrigia a visão generalizada de que as mulheres deviam dedicar-se exclusivamente às tarefas do lar. “Marta fatigava-se em acolher Jesus com todo esmero, enquanto sua irmã Maria, sentada a seus pés, ouve suas palavras.”¹⁷⁰ Marta reclamou para Jesus da falta de colaboração de sua irmã Maria, nas tarefas domésticas (que era o trabalho que se esperava das mulheres naquela época).

¹⁶⁸ THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. Jesus histórico: um manual. São Paulo: Loyola, 2004, p. 244.

¹⁶⁹ PAGOLA, op. cit., p. 263.

¹⁷⁰ Ibid, loc. cit.

Jesus responde à Marta dizendo: “Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só” (Lc 10,38-42). Por meio de seus ensinamentos, Jesus vai rompendo os paradigmas da época e deixa claro que mais importante do que fazer coisas é fazer de modo novo. “Diante do reinado de Deus, fazer (Lc 17,35) ou não (Mt 6,28) as tarefas de mulher é uma questão secundária. Em (Lc 10,38-42) se dá prioridade ao aprendizado de Maria em vez de ao trabalho doméstico de Marta.”¹⁷¹

Para tanto, é necessário ouvir a Palavra de Jesus, a qual mostra o que fazer e como fazer. Com esta atitude, Jesus vai além dos estereótipos pregados pelos homens, alegando que as mulheres não deviam ficar reduzidas apenas aos serviços domésticos. Há algo melhor e mais incisivo, cujo direito têm as mulheres tanto quanto os varões: ouvir a Palavra de Deus, colocando-se sentada aos pés do mestre. “Era assim que um rabino formava seus discípulos, ensinando-os enquanto estavam sentados aos seus pés, a escutar sua palavra. Aqui Jesus aplica essa prática a uma discípula mulher.”¹⁷²

Verifica-se que Jesus reage com ousadia diante do critério de moralidade que usava para julgar de maneira desigual o varão e a mulher. Desse modo, mostrou que a educação não era apenas um monopólio dos homens, antes, porém, as mulheres também tinham o mesmo direito de aproveitarem as oportunidades para se educar.

2.8 A MULHER ADÚLTERA

Outra cena comovente praticada por Jesus diz respeito ao momento em que acolhe e defende uma mulher adúltera, mostrando-lhe a compaixão de Deus. Traziam diante de Jesus uma mulher pega em adultério. Nada se falou do homem com quem a mulher teve relações sexuais. É o que acontecia sempre naquela sociedade patriarcal, em outras palavras, humilhava-se e condenava-se a mulher,

¹⁷¹ A narrativa sobre Maria e Marta também mostra as limitações dessa reflexão. Uma mulher (Maria) pode até assumir o lugar privilegiado de discípula, mas os homens (também o Jesus de Lucas) não estão dispostos a abrir mão de seus privilégios patriarcais (de serem servidos). Por isso exigências contraditórias (aprender e cuidar da casa) recaem sobre a responsabilidade da hospedeira (Marta). THEISSEN; MERZ, op. cit., p.247.

¹⁷² CASONATTO; VIERBRANTZ, op. cit.

porque desonrou sua família. Enquanto isso, nenhuma acusação é feita ao homem, embora, paradoxalmente, é dele que a Torá ordenava não possuir nem desejar uma mulher que pertencesse ao outro.¹⁷³

A lei foi dada somente para os homens, como cumpridores e verdadeiros responsáveis da sociedade; porém, ao reprimirem os delitos, castigavam-se com dureza as mulheres. Jesus Cristo não tolerava essa hipocrisia social construída pelos homens e questionou: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra!” (Jo 8,7). A começar pelos mais velhos, os acusadores vão saindo um a um, envergonhados pelo desafio proposto por Jesus.

A mulher continua ali no meio, não se moveu, humilhada e envergonhada, fica sozinha com Jesus, Ele olhou-a com ternura expressando-lhe todo seu respeito e carinho e pergunta a ela: “mulher ninguém te condenou?” A mulher que acaba de escapar da morte, responde atemorizada: “Ninguém Senhor”. As palavras de Jesus são inesquecíveis, nunca poderão ouvi-las aqueles que quiseram condená-la, que se retiraram irritados. Somente aquela mulher assustada: Também eu não te condeno. “Vai e, doravante, não peques mais”. Jesus teve uma atitude serena e majestosa, da qual desprendia uma força desmascaradora, mais uma vez mostra que a pessoa humana está acima de qualquer lei, e isso equivale também para as mulheres.

Aquela mulher não necessitava mais de condenações. Jesus adquire confiança nela, quer para ela o melhor e a anima a não pecar. Trata-a como pecadora; porém, com compreensão e misericórdia. Contudo, de seus lábios não brotou nenhuma condenação, ao contrário, defendendo a mulher, coloca em risco sua própria vida, já que, ao fazê-lo, viola claramente um preceito legal.

[...]. A mulher é deixada só, é exposta diante da opinião pública com o seu pecado, enquanto por detrás deste seu pecado se esconde um homem como pecador, culpado pelo pecado do outro, antes, co-responsável do mesmo. E, no entanto, o seu pecado escapa à atenção, passa sob silêncio: aparece como não responsável pelo pecado do outro! Às vezes ele passa a ser até acusador, como no caso descrito, esquecido do próprio pecado. Quantas vezes, de modo semelhante, a mulher paga pelo próprio pecado

¹⁷³ Êxodo 20,14-17. Ao varão é proibido ter relações sexuais com esposa ou noiva do outro. Pois, o adultério equivale a um roubo. O pecado não consiste em ofender a própria esposa, mas em possuir uma mulher que pertence a outro homem. O verdadeiro culpado é o varão; a mulher não é senão vítima ou, no máximo, cúmplice (PAGOLA, op. cit., p. 264).

(pode acontecer que seja ela, em certos casos, a culpada pelo pecado do homem como, pecado do outro), mas paga ela só e paga sozinha.¹⁷⁴

Jesus não só critica como confronta explicitamente os costumes excludentes de seu povo e de sua época. Para começar, o Reino de Deus, anunciado por Jesus, não exclui ninguém¹⁷⁵, visto que todos eram convidados: as mulheres e os homens, as prostitutas, os pobres e excluídos, ou seja, todos tinham a mesma dignidade, categoria e direitos, sem que aceção por gênero fosse posta em prática, como era recorrente. Essa atitude de Jesus gerava uma nova comunidade, baseada em um novo mandamento: a igualdade, a participação de mulheres e homens unidos, pois Deus não faz distinção de pessoas, mas ama a todos igualmente.

Com uma sensibilidade nada comum em uma sociedade patriarcal, Jesus falava explicitamente das mulheres, tornando-as visíveis e revelando sua atuação.

A maneira como Jesus olhava e tratava as mulheres era completamente diferente daquela dos homens de sua época. Notava-as entre seus ouvintes, cobertas com o véu, e considerava-as dignas de ouvir a Boa Nova de Deus e comunicá-la a outras mulheres que não se atreveram a sair de casa.

Jesus gostava muito de falar em parábolas para expressar aos seus ouvintes a justiça de Deus. Uma delas é a do amigo impertinente que, com sua insistência, conseguiu ser ouvido pelo vizinho. Ao mesmo tempo, falou também da mulher viúva inoportuna que reclamava obstinadamente seus direitos até conseguir que o juiz fizesse justiça a ela (Lc 11,5-8; 18, 1-8). Insatisfeita com a situação, a mulher insiste e persevera para conseguir o que deseja, não se desespera, nem se resigna; insiste calmamente. É sua única arma; pois se resignar seria fazer o jogo da injustiça. “Jesus não ficou preso a uma linguagem androcêntrica, que considerava tudo a partir da perspectiva do varão. Ele se colocava no lugar das mulheres e as fazia protagonistas de suas parábolas.”¹⁷⁶

Quando Jesus Cristo anunciava às pessoas sobre o amor e a misericórdia de Deus pelas suas criaturas, levava-as a olhar as aves do céu, que “não semeiam nem colhem, não têm celeiro nem depósito; mas Deus as alimenta” (Lc 12,24). Os homens, que diariamente iam trabalhar no campo, compreendiam-no muito bem.

¹⁷⁴ JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem***. 15 ago. 1988. Disponível em: <http://212.77.1.247/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_15081988_mulieris-dignitatem_po.html>. Acesso em: 10 jul. 2014.

¹⁷⁵ MORACHO, op. cit., p. 29.

¹⁷⁶ PAGOLA, op. cit., p. 265.

Jesus ensinava que somente Deus pode dar ao homem a riqueza que é a própria vida. Em seguida, levava-os a observarem os lírios do campo, que “não fadigam nem fiam. Contudo, eu vos asseguro nem Salomão, em todo seu esplendor, se vestiu como um deles” (Lc 12,24-28; Mt 6,26-29). “As mulheres que passavam horas nos pátios de suas casas fiando e tecendo as roupas de sua família o endendiam perfeitamente.”¹⁷⁷

Jesus deu outro exemplo sobre a parábola do semeador, que saiu a semear (Mt 13,1-23), mas não deixou de contar a da “mulher que põe o fermento na massa de farinha” (Lc 13,20; Mt 13,33). Finalmente, alguém lembrou dos trabalhos dessas mulheres. Quando Jesus se referiu ao semeador, não falava só de semeadura, trabalho importante entre os camponeses, pensou também em outros trabalhos indispensáveis feitos por mulheres antes mesmo do amanhecer, para que todos pudessem ter pão para se alimentar. “Como as mulheres sentem Jesus tão próximo e como Ele as ajuda a acolher sua mensagem, Deus está fazendo algo como o que elas fazem ao produzir o pão: introduzir no mundo uma força transformadora.”¹⁷⁸

Por meio das parábolas, Jesus ensinava e surpreendia de modo especial muitas pessoas, falava de um Deus que sente os que vivem perdidos como algo tão seu que não sossega até recuperá-los. Outra parábola tocante é sobre um Pai comovido que saiu de um povoado, foi ao encontro do filho e o recebeu com um abraço; tomava a imagem de uma figura muito comum na época, o pastor que não descansa enquanto não encontra a ovelha perdida. Não deixa de mencionar também a parábola da mulher angustiada que varria a casa com todo cuidado em busca da “moeda de prata que se perdera” (Lc 15,8-10). “E a razão que apresentam é que assim é Deus, comparando-o com a mulher que busca com afinco, incansavelmente, uma de suas dez moedas, dinheiro que tem enorme importância para ela.”¹⁷⁹

Essa linguagem de Jesus rompe todos os esquemas tradicionais vigentes na cultura judaica, que tendem a imaginar Deus sob a figura de um homem. Ressalta ainda que um pai que acolhe um filho ou um pastor que procura sua ovelha perdida

¹⁷⁷ Ibid., loc. cit.

¹⁷⁸ PAGOLA, José A. op. cit., p. 266.

¹⁷⁹ MORACHO, op. cit., p. 42.

são metáforas dignas de pensar em Deus. Para Jesus, a mulher varrendo a casa à procura da moeda perdida é o símbolo do amor de Deus pelos perdidos.¹⁸⁰

2.9 A CURA DA MULHER ENCURVADA

Outro belo exemplo de como Jesus tratava as mulheres é a cura da mulher encurvada (Lc 13,10-17). Ela fazia parte de uma maioria silenciada e sem nome. Devido a sua corcunda, a mulher praticamente só conseguia olhar para o chão, com muita dificuldade mal conseguia olhar o céu, os pássaros, as montanhas, o arco-íris. Era uma mulher aparentemente sem horizonte. Durante dezoito anos foi prisioneira da enfermidade, no entanto, não desanima de viver, sobrevive com um fio de esperança.

A resistência da mulher fica registrada na sua fé no Deus da Vida, no fato de estar na sinagoga escutando os ensinamentos de Jesus. Não se fecha na pequenez do mundo reservado a ela, não se deixa ficar trancada em casa, restringindo-se ao âmbito doméstico. A mulher sem nome sai à rua, vai à sinagoga, procura, espera, resiste e, sobretudo, acredita que a hora da libertação se aproxima cada vez mais.¹⁸¹

Jesus Cristo olha para a mulher. Ela não podia vê-lo, mas Jesus vai ao seu encontro junto à grade. As separações desaparecem, estabelecendo assim uma nova relação. Com sua força libertadora transformou todo aquele sofrimento em alívio. Jesus colocou a mão sobre a mulher e disse: “Mulher, você está livre da sua doença!” (Lc 13,12), apenas com um toque o véu da opressão se rasga, o corpo da mulher se endireita e sua dignidade é recuperada. “Endireitando-se, ela descortina um novo horizonte, no futuro. As cores da vida enchem de luz seu olhar ressuscitado.”¹⁸² Com o corpo transformado, a mulher não mais se curva diante do medo, mas persiste na coragem de ser, de decidir, e de se expressar. “A dignidade e o valor das pessoas são coisas tão importantes que até as leis devem levar isso em

¹⁸⁰ De acordo com alguns, teria sido Lucas quem sublinhou esta atenção explícita à mulher, pensando em seu interesse para a catequese da comunidade cristã (Parrey, Corley, Elizabeth Meier). No entanto, não há motivos sérios para não atribuir essa sensibilidade ao próprio Jesus (Jeremias, Witherington III, Theissen e Merz) (PAGOLA, op. cit., p. 266).

¹⁸¹ BONNIN, op. cit., p. 475.

¹⁸² BONNIN op. cit., p. 475.

conta. [...] As leis e os costumes devem existir para proteger e ajudar as pessoas e não para atrapalhar a vida delas.”¹⁸³

Observa-se que Jesus desafia um costume desumano em seu tempo, para ensinar que as pessoas têm valor. Mesmo que seja uma pessoa simples, pobre, doente, como a mulher encurvada, ousou violar a lei religiosa do sábado, devolvendo saúde a uma mulher enferma.

2.10 A CURA DA SOGRA DE PEDRO

Uma pequena e importante cena ligada às recordações de Pedro permite a Marcos concluir as atividades de Jesus do dia em Cafarnaum. A narrativa conserva alguns traços vivos e realísticos do primitivo relato da testemunha ocular: o ingresso de Jesus na casa da sogra de Pedro junto com os discípulos, que contam a Jesus o estado em que se encontrava a mulher.

Nesta cena, verifica-se a intervenção de Jesus, tão espontânea e de maneira eficaz.¹⁸⁴ O Evangelho de Marcos ao retratar a primeira cena na qual aparece uma mulher apresenta também a primeira cura de Jesus (Mc 1,29-31). A sogra de Pedro é a primeira beneficiária do poder curador de Jesus, transmitido pelo contato de sua mão. O autor do (Sl 73,23-24) diz que o Senhor “toma pela mão direita” para introduzi-lo na glória. Ao chegar à casa da sogra Pedro e vendo-a deitada, porque estava enferma, Jesus tomou a iniciativa e curou-a da febre. Simplesmente Ele a tomou pela mão, sem dizer nenhuma palavra e a levantou e, de pronto, ela colocou-se na *praxis* da diaconia. O gesto de Jesus é descrito por Marcos com um termo que lembra aos cristãos a ressurreição (Mc 5,41; 9,27) “se levantar”. Este simples gesto de Jesus na intimidade familiar antecipa a vitória sobre a morte. Os milagres de Jesus são gestos de fraternidade e solidariedade, que deixam transparecer de que lado o Reino de Deus entra na vida mundana.

¹⁸³ SILVA, Oriane.; CARMO, Solange. M. **Jesus, nosso salvador**: encontros com crianças de 8 a 11 anos. São Paulo: Paulus, 2009, p. 70.

¹⁸⁴ FABRIS, RINALDO. Como ler o Evangelho. In. **Os Evangelhos (I)**. São Paulo: Loyola, 1990, p. 439.

A próxima menção referente às mulheres é descrita por Marcos com traços bem significativos. Aparece na narrativa biográfica de Jesus e sua família: a mãe e os irmãos dele junto com suas irmãs (Mc 3,31-35).

Segue-se a cena dentro de uma série de milagres: a cura da filha de Jairo com doze anos (Mc 5,21-24.35-43), intercalada com a cura da mulher hemorroísa que sofria há doze anos (Mc 5,24-34). A primeira mulher ainda menina é subordinada ao pai¹⁸⁵, é apresentada no ambiente doméstico, a segunda mulher quebra os paradigmas de uma sociedade patriarcal e toma a iniciativa em prol de sua cura.

2.11 A RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO

Enquanto a mulher hemorroísa recebe a notícia alegre de sua cura, chega uma notícia de morte. Aproximaram-se algumas pessoas da casa do chefe da sinagoga e disseram a Jairo "Tua filha morreu". Por que pertubas ainda o Mestre? (Mc 5,35). Diante da notícia que Jairo acabara de receber, parece redundante a afirmação de Jesus, Jairo é convidado a superar o medo da morte por meio da fé: "Não temas; crê somente" (Mc 5,36). Quando Jesus chegou à casa do chefe da sinagoga, todos choravam, já se celebravam a morte conforme os ritos de participação social ao luto. Nesta passagem, há também um contraste: Jesus redimenciona a tragédia da morte e quer jogar um véu sobre o que está para cumprir. A criança não morreu; está dormindo (Mc 5,39). Os presentes caçoam dele.

Por uma fresta da janela, segundo Balancin, Marcos entrevê-se o que acontece no quarto da menina, onde Jesus entrou com três discípulos que foram as testemunhas do milagre Pedro, Tiago e João (Mc 5,37; 9,2; 14,33).

Ele tomou a menina pela mão e lhe disse: *Talítha Kum* o que significa: "Menina, levanta-te" (Mc 5,41). A vida da menina que tinha apenas doze anos, que se esvaía prematuramente, ressurgiu pela mão e palavras de Jesus (Mc 5,42).¹⁸⁶ No

¹⁸⁵ O pai supõe que as mãos de Jesus transmitam força vital de cura, até numa moribunda. O pedido soa em grego "se salve e viva": de duplo sentido, segundo a entende aquele homem e segundo soa aos ouvidos da comunidade cristã: "O Senhor é minha luz e minha salvação... baluarte de minha vida" Sl 27,1. Jesus atende. A BÍBLIA do Peregrino. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 2407.

¹⁸⁶ BALANCIN, op. cit., p. 77.

segredo do quarto há uma palavra – ordem de Jesus, que Marcos tem o cuidado de relatar em aramaico e traduzir para seus leitores, depois de ditas as palavras, a menina se levanta. Para os leitores cristãos, os termos utilizados por Marcos – ressurgente ressuscita (Mc 5,42) são evocados da plena vitória de Jesus sobre o monte, na sua ressurreição (Mc 14,28; 16,6; 8,31; 9,9-10; 10,34).¹⁸⁷ Esta conexão torna-se explícita naquilo que Marcos anota imediatamente depois: “E foram tomados de grande espanto. Este termo em grego é semelhante ao que expressa a emoção das mulheres ao sepulcro de Jesus após o anúncio de sua ressurreição (Mc 16,8).”¹⁸⁸

Pode-se perceber ainda uma atitude muito importante de Jesus nesta passagem em que Jesus “mandou que dessem de comer à menina” (Mc 5,43). Ele se preocupa também com o concreto e o material. Isso também faz parte da vida em plenitude que Deus quer dar às pessoas.

Marcos narra duas práticas de Jesus que restituem a saúde, a dignidade e a vida de duas mulheres. “Isso é importante se considerarmos que as mulheres eram marginalizadas dentro da sociedade patriarcal da época.”¹⁸⁹

2.12 A CURA DA MULHER HEMORROÍSA

Aproxima-se timidamente de Jesus uma mulher, cujo nome não é revelado, com a esperança de ser curada de seu mal ao tocar-lhe o seu manto. Esta mulher já havia gastado todo o dinheiro que tinha, com muitos médicos, mas em vez de melhorar, estava cada vez pior (Mc 5,26). Sofrendo de hemorragia, vivia em um estado constante de impureza ritual, era obrigada afastar-se e viver isolada, pois sua doença a tornava impura e fonte de contaminação e maldição para todo aquele que a tocasse. Sozinha, arruinada e sem futuro, ficou sabendo das maravilhas que Jesus realizava, foi ao seu encontro com a única coisa que lhe restava, sua fé. Com coragem, toca o manto de Jesus e se sente curada.

¹⁸⁷ FABRIS, op cit.,, p. 476.

¹⁸⁸ Ibid., loc. cit.

¹⁸⁹ BALANCIN, op. cit., p.78.

Foram momentos de dúvida entre a certeza de que tocar Jesus seria para ela a saúde e o temor de tocá-lo tornando-o impuro; entre a esperança da vida e a angústia de que sua impureza se tornasse pública. Mas venceu a esperança. E assim escondida, tanto quando podia esconder-se entre as pessoas que o seguiam se aproximou de Jesus por trás e conseguiu tocar sua mão com a fé de que bastaria aquilo para curar-se. E aquilo bastou. Com a emoção brotando em lágrimas de seu rosto, sentiu que havia secado a fonte de impureza, de sua morte em vida.¹⁹⁰

Completamente confusa, sente vontade de gritar, mas também de calar-se, sente-se feliz e profundamente grata por tão grande gesto de amor, realizado a ela por Jesus. Com esse gesto, ela buscava apenas uma vida mais digna naquela sociedade que a discriminava.

Jesus não fica indiferente, quer saber quem o tocou, enquanto percebe que uma força de cura saiu dele; os apóstolos respondem de maneira banal, ao passo que Jesus não desiste e continua procurando com o olhar aquela que a tocou de maneira salvífica. Jesus não sente medo de que uma mulher impura o tenha tocado. Aterrorizada e tremendo, ela confessa tudo, caída aos pés de Jesus (Mc 5,33). Com grande afeto e carinho, Cristo a despede assim: “Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz, fique curada desse mal” (Mc 5,33-34). Ela, que buscava alcançar a cura as escondidas, consegue a salvação mediante a sua fé explícita. É a palavra eficaz de Jesus: “A tua fé te salvou”, que transforma o gesto da mulher em fé salvífica (Mc 10,52).¹⁹¹ “Ao mesmo tempo, a mulher curada se torna anúncio vivo do novo trazido por Jesus.”¹⁹² Todos estes elementos podem deixar intuir a mensagem que Marcos pretende comunicar: não é a confiança em um gesto mágico que pode salvar, mas o encontro pessoal com Jesus mediante a fé.¹⁹³ A atuação dessa mulher foi comovente, foi um exemplo de fé que Jesus percebeu ainda não existir entre seus seguidores mais próximos.

¹⁹⁰ GALLARDO, op. cit., p. 56.

¹⁹¹ O gesto da mulher, como também a cura mediante a força taumátúrgica que sai daquele que cura são elementos que se encontram também nos relatos de milagres do paganismo. Mas a atitude medrosa e escondida da mulher lhe pode ser inspirada pela consciência de se encontrar em estado de impureza legal, conforme as normas do Levítico (15,25). Então, à parte as simplificações estilísticas devidas ao gênero literário do relato milagroso, pode-se aceitar que o gesto de Jesus se insere no ambiente cultural de seu tempo. RINALDO, Fabris. **Como ler o Evangelho**. In. Os Evangelhos (I). São Paulo: Loyola, 1990, p. 475. Citação de roda pé.

¹⁹² BALANCIN, op. cit., p. 77.

¹⁹³ RINALDO, op. cit. p. 475.

2.13 A CURA DA FILHA DE UMA MULHER PAGÃ

Na segunda série de milagres, há o encontro de Jesus com uma mulher estrangeira, chamada por Marcos como mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30). O círculo se amplia em nova dimensão: os pagãos. Naquela comunidade primitiva, o fato de situar Jesus em uma terra totalmente pagã, onde realiza, mediante um milagre, sua autoapresentação messiânica, era simplesmente um escândalo: Jesus possibilita a fé nele também aos pagãos.¹⁹⁴ Trata-se de uma mulher helenista de religião e siro-fenícia de raça (Mc 7,26), que procura o Mestre em busca de um milagre, e luta para conseguir inserir os pagãos dentro da comunidade (Mc 7,27-29).

Esta mulher vivia angustiada com o sofrimento da sua filha que não estava só doente e transtornada, mas vivia possuída por um espírito imundo. Desesperada, aproximou-se de Jesus, lançou-se a seus pés e suplicou-lhe repetidamente que expulsasse da sua filha aquele demônio.

No entanto, Jesus lhe responde com uma frieza inesperada. Sente-se enviado às ovelhas perdidas de Israel; não pode dedicar-se agora aos pagãos. 'Espere primeiro que saciem os filhos, pois não fica bem tomar parte do pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos' (Mc 7, 27). Os cachorrinhos não fazem parte da família, não sentam à mesa com os filhos da casa, mas estão embaixo da mesa. A mulher não se ofende; o que ela pede não é injusto; não está buscando nada para si. A única coisa que deseja é ver sua filha liberta de tanto tormento.¹⁹⁵

A mulher, retomando a imagem (cachorrinhos) empregada por Jesus, responde-lhe de maneira sábia, inteligente e confiante: "É verdade Senhor; mas também os "cachorrinhos"¹⁹⁶ comem, debaixo da mesa, as migalhas dos filhos!" (Mc 7,28). A resposta daquela mulher garantiu a cura de sua filha. Sua filha se contentaria apenas com as migalhas do poder do Senhor, pois ela sabia que era o suficiente para libertar a filha da mão do inimigo. Essa mulher pagã colocou Jesus

¹⁹⁴ CALLE, Francisco de la op. cit., p. 81.

¹⁹⁵ PAGOLA, José A. op. cit., p. 268.

¹⁹⁶ Ressalta-se que "[...] a palavra cachorrinhos neste caso (Mt 15,26; Mc 7,27) parece uma comparação muito dura feita por Jesus nos tempos modernos, porém indica um diálogo sapiencial no antigo Oriente Médio" (McKENZIE, op. cit., p. 145-146).

frente a um dilema.¹⁹⁷, haja vista que as palavras dessa mulher pagã foram para Jesus como uma brisa fresca que o tocava sem ser esperada.

Ele buscava refúgio e solidão e encontra compreensão e alento em uma pagã, uma mulher a quem seus conterrâneos, os filhos, designavam cachorrinho. Jesus compreendeu imediatamente que a vontade dessa mulher coincidia com a vontade de Deus, que não quer ver ninguém sofrer, pois encontrou nela uma fé tão grande que ainda não havia visto em sua própria terra. Comovido pela confiança da mulher, disse-lhe: Pelo que disseste, já realizou o milagre; vai: “o demônio saiu da sua filha” (Mc 7, 29). O milagre se encontra a serviço do diálogo e este não pode existir independentemente do relato em que se enquadra.”¹⁹⁸ “O mais surpreendente é que o próprio Jesus deixa-se ensinar e convencer-se por uma mulher. A mulher tem razão: o sofrimento humano não conhece fronteiras, pois está presente em todos os povos e religiões.”¹⁹⁹ Mesmo que a missão de Jesus se limite a Israel, a compaixão de Deus deve ser experimentada por todos.

No Evangelho de Marcos alguns se sentem ofendidos, porque Jesus ainda não assume uma posição igualitária, colocando o povo judeu em primeiro lugar com relação aos estrangeiros se referindo a eles como “cães”.²⁰⁰ Os gentios (pagãos) aos olhos dos judeus eram apenas “cães”.²⁰¹

O cão era considerado um animal impuro na antiga lei hebraica, a eles deveriam ser jogadas as carnes impuras (Ex 22,30). No Oriente Médio, os cães não possuíam donos e viviam de restos de alimentos jogados nas ruas. O substantivo cão era utilizado como insulto:

[...] ‘cão’, ‘cabeça de cão’ e ‘cão morto’ (1Sm 17,43; 2Sm 3,8; 16,19) ou auto humilhação (1Sm 24,15; 2Sm 9,8; 2Rs 8,13). Os cães famintos e abandonados, devoravam até carne humana (Sl 22,17; 59,7.15). Os prostitutas eram chamados de ‘cães’ (Dt 23,19). Jesus adverte para não se dar aos cães o que é santo (Ex 22,30). O termo é usado por Paulo em sua carta aos Filipenses advertindo-os para se manterem longe dos “cães”. (FI

¹⁹⁷ Para quem era o pão: para os filhos (os judeus que o recusavam) ou para os cães (os pagãos que o acolhiam)? [...]. O fato de ser mãe lhe dava uma lucidez e uma tenacidade capazes de superar qualquer dificuldade. Certo, Senhor; mas tu és pão desprezado pelos filhos; és migalha caída da mesa de Israel, e és a parte que pertence aos cães. A mulher soube ler no interior de Jesus a dor do desprezado, do incompreendido, do ameaçado e perseguido. E revelou a Jesus que, mesmo rechaçado pelos seus, continuava sendo vida e dando vida (GALLARDO, op. cit., p. 80).

¹⁹⁸ GNILKA, op. cit., p. 337.

¹⁹⁹ PAGOLA, op. cit., p. 269.

²⁰⁰ BROWN, Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 218.

²⁰¹ **BÍBLIA de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2006, p. 1732, nota de rodapé c.

3,2). Os cães e tantos outros que amam e praticam a mentira, são excluídos da Jerusalém celeste. (Ap 22,15).²⁰²

A palavra cão serve especialmente no evangelho para distinguir as “ovelhas perdidas da casa de Israel” dos “cãezinhos” pagãos (Mt 15,24). O milagre realizado na filha da mulher Cananea é registrado em Marcos como sendo o primeiro a beneficiar uma mulher gentia.

Na seção intermediária do evangelho, as mulheres não estão visivelmente presentes, mas dois ensinamentos as atingem diretamente: sobre o matrimônio e divórcio e sobre a liderança diaconal (Mc 10,1-12. 42-45). Esses ensinamentos visam resguardar esses valores em tempos em que a autoridade patriarcal se degenerava devido às fortes pressões econômicas e sociais.

2.14 A RESSURREIÇÃO DO FILHO DA VIÚVA DE NAIM

Jesus anunciava a Boa Nova do Reino de Deus andando pelas cidades da Galileia. Em uma destas viagens, Ele foi a Naim, uma pequena cidade, localizada perto do Monte Tabor, acompanhado por uma grande multidão de pessoas que o seguia. Ao se aproximar da entrada da cidade, houve o encontro com uma outra enorme multidão de pessoas. Esta multidão carregava a maca com o filho único de uma pobre viúva. No encontro, Jesus olha para a mãe do jovem morto. O texto bíblico diz que Jesus “moveu-se de compaixão” (Lc 7,13). Neste instante, Ele se encheu de misericórdia, tornando-se solidário com a dor e o sofrimento daquela mulher que havia perdido tudo que ainda lhe restava: o único filho. As palavras de Jesus foram dirigidas primeiramente à mãe: Não chores!”. Jesus confortou a mulher e em seguida tocou no caixão e disse àquele que estava morto: “Jovem, eu te ordeno, levanta-te! (Lc 7,11-17). E então o menino sentou-se e começou a falar (Lc 7,15). As palavras de Jesus soam como um raio de luz que toca o coração da mãe aflita, aliviando a sua dor e devolvendo a ela seu único filho com vida. “À categoria ainda mais marginalizada das viúvas, Jesus reserva um tratamento favorável quando, por exemplo, intervém sem ser solicitado, restituindo vivo o filho da viúva de

²⁰² McKENZIE, op. cit., p. 145.

Naím.²⁰³”A atividade libertadora de Jesus mostra, mais uma vez, seu lado afetivo para com os mais pobres e necessitados, comoveu-se diante da dor e do sofrimento de uma mulher.

Jesus não consegue suprir o caráter opressivamente patriarcal daquela sociedade. No entanto, introduz algumas bases novas e uma atitude capaz de despatriarcalizar a sociedade: “[...] ninguém pode em nome de Deus defender ou justificar a prepotência dos varões, nem a submissão das mulheres ao poder patriarcal deles.”²⁰⁴ Essa atitude libertadora de Jesus promove relações baseadas no fato de que todas as pessoas, mulheres e homens, são chamadas a viver como filhas e filhos do Pai com igual dignidade. “Honrava assim, na mulher, a dignidade que ela sempre teve no projeto e no amor de Deus.”²⁰⁵

Para Jesus, não havia distinção no revelar os seus segredos, ele falava abertamente tanto para homens e mulheres que seguiam e aceitavam sua proposta, pois todos são criados e amados por Deus. Jesus Cristo, por meio de sua mensagem, queria abranger as pobres mulheres judias e todas as outras, proclamando os direitos dos pobres e a justiça de Deus. Tirando-as da sombra e da invisibilidade, com seu acolhimento e respeito por elas, vai despertando suas potencialidades, confiantes em Jesus, as mulheres se tornam suas discípulas e testemunhas de sua paixão e ressurreição.

2.15 A MULHER POBRE E VIÚVA

Na última parte do evangelho, as mulheres reaparecem. O evangelista Marcos descreve uma cena comovente²⁰⁶.

Uma pobre viúva aproxima-se silenciosamente de um dos treze cofres de esmolas colocados no recinto do Templo, não longe do pátio das mulheres. Muitos ricos depositam quantias importantes. Quase envergonhada, ela

²⁰³ ORSATTI, Mauro. **Lucas: Evangelho no feminino**. São Paulo: Santuário, 2000, p. 106.

²⁰⁴ PAGOLA, op. cit., p. 269.

²⁰⁵ JOÃO PAULO apud BINGEMER, op. cit., p. 33.

²⁰⁶ Marcos 12,41-44. Historicamente deste tipo encontram-se também na literatura rabínica e em antigos gregos para mostrar que Deus sabe apreciar a generosidade dos pobres. Não há razão para negar totalmente sua historicidade. No episódio não há que destoe do estilo de Jesus (PAGOLA, José A. op. cit., p. 266).

joga no cofre suas duas moedas de cobre, as mais pequenas que circulam em Jerusalém. Mas diante dos cofres está Jesus vendo tudo.²⁰⁷

Somente Jesus observou o gesto daquela mulher viúva. Comovido, chama os discípulos e quer ensiná-los que só se pode apreender de gente pobre. O evangelista elucida a atitude generosa de uma viúva. Em contraposição aos doutores da lei que exploram as viúvas e suas casas. “Esta viúva pobre depositou mais do que qualquer outro [...] porque depositou tudo o que tinha para viver” (Mc 12,41-44) o que pode representar uma religiosidade abnegada como forma de transgressão à lógica de mercado romana.²⁰⁸

A oferta silenciosa e total dessa viúva foi, para Jesus, um exemplo de generosidade e renúncia a todos os bens, que é a primícia das atitudes que Ele pede a quem quiser ser discípulo. O gesto dessa viúva é o exemplo da oferta que Deus o vê. Não é levada em conta a quantidade, mas sim a qualidade; já que as pessoas valem pelo que são e não pelo que têm.

Respectivamente, a atitude da viúva pode ser interpretada como denúncia da exploração econômica existente no templo. Essa cena prepara o discurso escatológico, em (Mc 13), logo depois aparece a narrativa da mulher que unge Jesus.²⁰⁹

2.16 A MULHER QUE UNGIU JESUS

A atividade de Jesus vai levá-lo à morte. Entre a conspiração das autoridades e a decisão que Judas toma de trair Jesus (Mc 14,1-2), aparece o gesto significativo de uma mulher cujo nome não é revelado. “Marcos insere o episódio da unção de Betânia, quebrando a evolução lógica dos acontecimentos.”²¹⁰ A cena acontece na casa de Simão, o leproso, com o qual Jesus está repartindo a refeição.

Porém, a atenção do narrador é polarizada pelo gesto excepcional da mulher, reconhecendo o verdadeiro sentido de Jesus, a mulher irrompe na sala do banquete,

²⁰⁷ Ibid., p. 267.

²⁰⁸ REIMER, op. cit., 2005b, p. 110-113.

²⁰⁹ SCHOTTROFF, Luise. **Mulheres no Novo Testamento**: exegese numa perspectiva feminista. São Paulo: Paulinas, 1995, p.63-64.

²¹⁰ FABRIS, op.cit., p. 585.

onde as mulheres não eram admitidas, senão para servir, trazendo consigo um frasco de alabastro cheio de perfume de nardo²¹¹ puro, caríssimo (Mc, 14,3) quebra-o para ungir a cabeça de Jesus como Messias que vai morrer.

O evangelho registra três interpretações deste gesto. Alguns dos presentes indignavam-se alegando que é um desperdício de perfume (Mc 14, 4), e mais, uma ofensa à pobreza de muitas pessoas. Contudo, para a mulher, trata-se de um gesto de estima e de veneração excepcional.

Para Jesus, é uma ação simbólica, que prefigura a sua morte. “Provavelmente de acordo com Fabris, é esta última interpretação, ligada a uma misteriosa palavra de Jesus, que deu ao episódio notoriedade e valor.”²¹²

A unção pode ser um ato de homenagem²¹³, transgressão pelo desperdício como boa ação²¹⁴ ou um ato profético-sacerdotal que conferiu a Jesus estatus de Messias.²¹⁵ Segundo Jesus, a mulher anônima cumpriu de maneira profética o que era mais urgente: a antecipação de um gesto de piedade para com um morto. Desse modo, a sua ação não se restringe a ser um simples sinal de estima e veneração, mas está contida dentro do anúncio do evangelho, que tem como ponto essencial a morte de Jesus.²¹⁶

No final da narrativa do evangelho de Marcos, diante do perigo político e de vida, todos abandonaram Jesus, três mulheres Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e Salomé que seguiam e serviam a Jesus desde a Galileia, acompanham o Mestre até o local da morte, arriscando suas vidas, foram solidárias com Jesus, observando de longe o evento da cruz e do enterro.

²¹¹ Nardo é óleo aromatizado com extratos de raízes e folhas de uma planta da família do Valeriano e que cresce na Índia. Marcos indica que se trata de um perfume *pistikos*, o que pode significar genuíno, autêntico, mas pode indicar também um tipo de perfume indiano comumente chamado de “costum”, aramaico *qustá*, o que, por sua vez, pode ser traduzido por verdade, fidelidade, e daí pode ter sido traduzido, na fonte grega subjacente ao texto de Mc, por *pistikos*, fiel, autêntico. Pode estimar a preciosidade do perfume a partir da indicação contida em Mc 14,5: poderia ser vendido por 300 denários talvez o salário anual de um operário do campo naquele tempo. FABRIS, op. cit., p.586-587.

²¹² FABRIS, op. cit., p.586.

²¹³ SCHOTTROFF, op. cit. p.63-64.

²¹⁴ REIMER, op. cit., 2005b, p.114-120.

²¹⁵ REIMER, op. cit., 2012a, p. 192-195.

²¹⁶ No evangelho de Marcos, a mulher que derrama o óleo na cabeça de Jesus permanece anônima. Já em João a protagonista da cena é Maria, irmã de Marta e de Lázaro (Jo 12,2; 11,2). A partir do século IV, a tradição identificará esta Maria com a Madalena, provavelmente em consequência de uma confusão com o episódio contado em Lc 7,36-38, em que uma pecadora anônima unge os pés de Jesus na casa de um fariseu chamado Simão. A contaminação entre os dois episódios ou tradições já se pode notar no relato de João, em que a mulher unge com perfume os pés de Jesus e enxuga com o seu cabelo. FABRIS, op. cit. p. 586. Citação de roda pé.

São elas também que, por primeiro, foram ao sepulcro para embalsamar o corpo de Jesus em homenagem ritual, demonstrando coragem naquele contexto de perigo. Elas são as primeiras testemunhas da ressurreição, são 'apóstolas dos apóstolos'. A elas foram dada a honra e a responsabilidade de anunciar aos discípulos a ressurreição de Jesus e avisá-los que retornassem à Galileia, onde tudo começou, dando início a nova fase da expansão do Reino de Deus.

No transcorrer da narrativa do Evangelho de Marcos, o Reino de Deus é apresentado a estas mulheres com um poder de cura, o qual recupera a integridade corporal de mulheres e as insere na comunidade dos que foram alcançados pelo Reino de Deus,²¹⁷ transmitindo-lhes ensinamentos acerca de relações familiares, étnicas, econômicas e sociais.

Com isso, acontece uma profunda ressignificação de suas vidas e do sentido de viver, expresso também na função comunitário-social que se apresentava como resistência ao modelo padrão androcêntrico: elas tornaram-se líderes junto com Jesus.

²¹⁷ THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 245.

3 O TESTEMUNHO DAS MULHERES NA PAIXÃO E RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO EM MARCOS

Neste capítulo, apresenta-se uma análise mais aguçada da perícopé evangélica de Marcos (15,40-16,8), referente à presença e ao testemunho das mulheres na Paixão e na Ressurreição de Cristo. No cenário da paixão, as mulheres aparecem em três cenas relacionadas: na crucificação, elas estão nos arredores; no sepultamento, elas observam de longe e, no sepulcro vazio, elas adentram o espaço. Estes três cenários constituem um elo literário que unirá o relato da crucificação à sepultura e a sepultura à descoberta do túmulo vazio.

3.1 TEXTO DO RELATO DA PAIXÃO (MC 15,40-47)

40 E também estavam ali algumas mulheres, olhando de longe. Entre elas, Maria Magdala, Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de Joset, e Salomé. 41 Elas o seguiam e serviam enquanto esteve na Galileia. E ainda muitas outras que subiram com ele para Jerusalém. 42 E, já chegava a tarde, sendo dia da preparação, isto é, a véspera do sábado, 43 veio José de Arimatéia, ilustre membro do conselho, que também esperava o Reino de Deus. Ousando entrar onde estava Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus. 44 Pilatos ficou admirado de que ele já estivesse morto e, chamando o centurião, perguntou-lhe se fazia muito tempo que morrera. 45 Informando pelo centurião, cedeu o cadáver a José, 46 o qual, tendo comprado um lençol, desceu-o, enrolou-o no lençol e pôs num túmulo que fora talhado na rocha. Em seguida, rolou uma pedra, fechando a entrada do túmulo. 47 Maria de Magdala e Maria, mãe de Joset, observavam onde ele fora posto.²¹⁸

3.2 CONTEXTO

A última parte do evangelho de Marcos retrata o episódio da paixão e ressurreição de Jesus, o que compreende os capítulos (14,1-16,8). A presença das mulheres no relato da paixão se dá no contexto da crucificação, morte e sepultamento de Jesus, especificamente em (Mc 15,40-47).

²¹⁸ **BÍBLIA de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2006, p. 1784.

A partir disso, pode-se dizer que, por um lado, os versículos de (Mc 15,40-41) apresentam uma introdução ao relato do enterro e da ressurreição,²¹⁹ mas também se configuram como uma conclusão da cena da crucificação. As mulheres são o elo entre as cenas. Destas se sabe o nome que levanta a suposição de que elas são conhecidas pelos destinatários do evangelho.²²⁰

Quanto os versículos (Mc 15,42-47), estes se referem a uma narração da cena dos últimos serviços de um judeu piedoso que não era discípulo de Jesus, este julgamento envolve considerável relutância.²²¹

O interesse principal de Marcos não é contar o que aconteceu no passado, mas provocar uma conversão nos cristãos de seu tempo e despertar a esperança, capaz de superar o desânimo e a morte.

Três aspectos devem ser assinalados: (a) O fracasso dos eleitos, os doze discípulos, chamados e eleitos por Jesus (Mc 3,13-19) e por ele enviados em missão (Mc 6,7-13), (b) Traição de Judas, (c) A negação de Pedro e a fuga de outros discípulos.

Observa-se que da fidelidade dos não eleitos aparece a força da fé de outros: a mulher de Betânia que o ungiu; Simão de Cirene, um pai de família, que carrega a cruz até o Calvário; o Centurião romano que reconhece Jesus como Filho de Deus; Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago; Salomé e muitas “outras mulheres que subiram com ele para Jerusalém” (Mc 15,41). Dentre os homens, o evangelista menciona José de Arimateia. Os doze fugiram com medo, mas a continuidade da mensagem do Reino foi garantida pelas mulheres que receberam a ordem de chamar de volta os homens fracassados (Mc 16,7).

O relato da Paixão em Marcos destaca a figura de Jesus que ama a todos: na hora de anunciar a fuga de todos, já avisa que vai esperá-los na Galileia; apesar da traição, negação e fuga, celebra a Eucaristia. Na manhã de Páscoa, mediante as mulheres, manda um recado a Pedro que o negou, aos outros ordena: eles devem ir para a Galileia. Lá, onde tudo começou, é o lugar em que vai recomeçar. O fracasso não romperá a aliança selada no sangue de Jesus.²²²

²¹⁹ TAYLOR, Vicent. **Evangelio Según San Marcos**. Madrid: Huesca, 1979, p. 724.

²²⁰ STANDAERT, B. **Marco**: Vangelo di una notte, vangelo per la vita. Commentario. Bologna: Dehoniane, 2012, p. 847.

²²¹ TAYLOR, op. cit., p. 725.

²²² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, op. cit., 1996, p. 71-83.

Enfim, é neste contexto de fracasso, de decepções, de negação, de fuga, que as mulheres, outrora excluídas, tornaram-se protagonistas do anúncio da ressurreição.

Dessa forma, o tema discutido na seção seguinte dará ênfase ao simbolismo da presença das mulheres junto à cruz, ressaltando a sensibilidade e compaixão femininas neste momento de dor de Jesus.

3.3 INTERPRETAÇÃO DA PRESENÇA DAS MULHERES JUNTO À CRUZ

Além da participação de Judas como delator na captura de Jesus e, também, da repetida negação de Pedro, os evangelhos silenciam sobre a presença de seus homens discípulos no evento da cruz.²²³ Jesus, além de ter vivenciado o “abandono de Deus”, vivenciou também o abandono de seus amigos escolhidos, seus companheiros de caminhada e movimento. Esta história poderia ter terminado assim, se não fosse uma memória subversiva registrada em poucas linhas em (Mc 15,40-41).²²⁴ “A questão aqui mencionada diz respeito à memória das mulheres, a qual deu sustentabilidade histórica aos relatos evangélicos e possibilitou a continuidade do movimento de Jesus.”²²⁵

O evangelista Marcos também relata a presença e a forma de atuação das mulheres num momento crítico na vida de Jesus. “Depois da morte de Jesus (Mc 15,37), depois da ruptura do véu do templo (Mc 15,38), depois da confissão do centurião, que proclama Jesus Filho de Deus (Mc 15,39),”²²⁶ o evangelista relata a presença das mulheres junto ao calvário e na morte de Jesus.

²²³ REIMER, Ivoni R. **Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista**. 2012b, p. 204.

²²⁴ Marcos 15,40-41. Apresenta um resumo da participação e do vital protagonismo o de mulheres no movimento de Jesus, bem como de seu significado no evento da cruz. A estrutura e a dinâmica narrativas do Evangelho de Marcos, em sua perspectiva androcêntrica, já foram analisadas por teólogos e podem ser aqui pressupostos exatamente por causa da narrativa da crucificação, é apenas agora e aqui, no evento horrível da cruz, que Marcos precisa mencionar e nomear as mulheres “que seguiam Jesus, quando estava na Galileia, e o serviam” (Mc 15,41). Os termos aqui utilizados são característicos para discipulado: seguimento e diaconia que as mulheres faziam desde a Galileia (REIMER, op. cit., 2012b, p. 202).

²²⁵ REIMER, 2012b op. cit., p. 202.

²²⁶ TEPEDINO, Ana M. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 86.

Esse episódio abre a possibilidade de leitura desse cenário com atenção na presença das mulheres e seu significado no ministério de Jesus.

A presença das discípulas, na missão de Jesus, é uma realidade clara, explícita e relatada pelos evangelistas com a máxima importância. A presença feminina é também uma ironia com o machismo da sociedade semítica. As mulheres tinham algumas tarefas importantes no âmbito interno da família, mas toda a esfera externa era dos homens. Na pedagogia da inclusão, Jesus inaugura uma nova era religiosa: mulher e homem estão dentro do lar e dentro da comunidade cristã em pé de igualdade.²²⁷

Como se percebe aqui, parte-se do princípio de que o cristianismo nasce com a prática de Jesus que atrai os discípulos. Ele aplicou a pedagogia da inclusão. Na catequese da paixão de Jesus aos discípulos, Marcos quer fazer valer a expressão paulina: “não há judeus nem gregos, não há nem escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28).

Segue-se uma leitura mais detalhada de (Mc 15,40-47).

3.3.1 Olham de longe

O texto de (Mc 15,40) enfatiza que também “estavam ali algumas mulheres olhando de longe. Estavam de olhos abertos, atentos e observando. Entre elas, Maria Madalena²²⁸, Maria²²⁹, mãe de Tiago, o menor e de Joset, e Salomé²³⁰”.

Trata-se de três mulheres que seguiam e serviam a Jesus. Isso indica que elas eram conhecidas e reconhecidas na comunidade e exerciam alguma liderança no movimento cristão na Palestina. Esta atividade das mulheres (Mc 13,33.37) lhes permitiu realizar, após o sábado, parte do ritual funerário judaico.

²²⁷ MAZZAROLO, op. cit., p. 353.

²²⁸ Maria Madalena. Trata-se de Maria de Magdala, lembrada com maior frequência, citada em primeiro lugar, inclusive no Evangelho de Mateus (BROWN, Raymond. E. **A Morte do Messias: comentários das narrativas da paixão nos quatro evangelhos**. São Paulo: Paulinas, 2011. v. 2, p. 339).

²²⁹ Maria. Quase sempre identificada por intermédio dos filhos Tiago e José, entretanto, nesta linha Marcos apresenta três designações para Maria: a certa distancia da cruz, “Maria, de Tiago Menor e de Joset, a mãe”; no sepultamento, “Maria de Joset”; e no túmulo vazio, “Maria de Tiago”. Têm sido apresentadas muitas teorias para explicar como surgiram essas diversidades (BROWN, op. cit., 2011, p. 339-340).

²³⁰ Salomé. Também é citada no Evangelho Secreto de Marcos no momento que Jesus vai a Jericó; menciona-se que ela é subsequentemente lembrada, especialmente em obras gnósticas como uma das quatro discípulas de Jesus (por exemplo, Primeiro Apocalipse de Tiago V, 40,25-26) (BROWN, op. cit., 2011, p. 340).

Foi este primeiro ‘ver’ que proporcionou a elas uma sequência [sic] de outras experiências, através do olhar: elas viram que a pedra do sepulcro estava removida Mc 16,4; dentro do sepulcro, elas viram um jovem sentado vestido de branco Mc 16,5; elas viram o sepulcro vazio Mc 16,6, elas recebem a ordem de anunciar aos demais discípulos que o Jesus ressuscitado os precede para a Galileia, onde”, vós o vereis conforme ele vos disse “Mc 16,7; cf 14,28.²³¹

O movimento do olhar, do presenciar e vivenciar por meio desse “ver” em profundidade é muito forte nesta cena da morte e ressurreição de Jesus, como o é para todo o processo de “abertura dos olhos” (Mc 8- 9). Marcos quer constatar, que o testemunho das mulheres pressupõe o fato de se ter visto o que aconteceu. E, ainda, para ele, apenas as mulheres viram.

Dessa maneira, as mulheres discípulas confirmaram e asseguraram seu seguimento e o da comunidade por meio do observar, do ver, do acompanhar. Com esta atitude, elas demonstraram e testificaram para o seu mestre a sua solidariedade. Não se trata de ação pequena diante da realidade de morte de cruz. Pelo contrário, foi um ato de coragem, pois se tratava de solidariedade e de seguimento, que surgiu em meio uma situação de horror, desespero e de medo. Fica evidente que esta presença incisiva e o ato de observar das mulheres poderiam lhes custar à vida, haja vista estarem permeadas de ameaça por serem amigas do crucificado. “Talvez seja por isso que o texto destaque também outro grupo de palavra: ‘ter medo’ (Mc 16,5-6.8.)”²³²

Uma leitura mais detalhada das três mulheres citadas aponta uma diferença sutil dos nomes. Para Kinukawa, a segunda Maria citada em (Mc 15,40) conhecida como Maria, mãe de Tiago, o menor, e de Joset, a Maria como mãe somente de Joset, mencionada em (Mc 15,47) e a Maria citada em (Mc 16,1) como mãe de Tiago são a mesma pessoa. As modificações de (Mc 15,47 e Mc 16,1) são versões abreviadas da referência de (Mc 15,40). Maria mãe de Tiago, o menor, e de Joset se referem a duas pessoas, “Maria a mãe de Tiago e Maria a mãe de Joset”. Com a qual em vez de três seriam quatro mulheres mencionadas. Contudo, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de Joset pode ser identificada como a Maria, a mãe de Jesus,

²³¹ REIMER, op. cit., p. 204.

²³² “Nesse momento, devemos lembrar que o Evangelho de Marcos originalmente tinha aqui o seu final. O medo ainda fazia parte das experiências de comunidades, porque as atrocidades e a memória destas experiências ainda continuavam sendo realidade. Esta realidade atroz agora se evidenciava nas torturas, mortes, ameaças e perseguições da Grande Guerra judaico-romana, que assolava a vida de pessoas, comunidades e países...” (REIMER, op. cit., p. 204).

cujos irmãos foram nomeados Tiago e Joset (Mc 6,3)²³³. Se ela foi a mãe de Jesus, porque não a menciona Marcos desta forma? Parece haver uma razão. Marcos apresenta a família de Jesus pensando que Ele estava enlouquecido (Mc 3,21.31).

Porém se a mãe de Jesus e seus irmãos se uniram à comunidade de fé depois da morte e ressurreição de Jesus, Marcos poderia querer recuperar sua honra nesta expressão indireta, ou também poderia se mostrar cauteloso sobre a tendência de elevar o status de Maria na comunidade de Jesus. Por outro lado, podia não estar referindo-se à mãe de Jesus se não estar falando de Santiago 'o menor' para distinguir de Santiago, o irmão de Jesus. O, 'o menor' podia ser uma derivação do irmão de Jesus; que durante um período sobressaiu na igreja de Jerusalém Gl 1,19; 2,12; 1Cor 9,5, para mostrar que a família de Jesus não tem nada de especial.²³⁴

Para Fiorenza, da mesma forma que no início do evangelho, Marcos apresenta quatro discípulos homens líderes que ouvem o chamado de Jesus ao discipulado, assim também no final de sua obra ele apresenta quatro discípulas mulheres líderes, chamando-as pelos nomes Maria Madalena, Maria, irmã ou esposa de Tiago o Menor, a mãe de Joset e Salomé são as discípulas mulheres que seguiam Jesus, da mesma forma que Pedro, André, Tiago e João.²³⁵

Embora existam controvérsias sobre quem seriam essas mulheres e o seu papel, é importante observar a ênfase na presença das mulheres que permaneceram fieis até a cruz. Tendo em vista o fato de seguir Jesus, elas são qualificadas como discípulas.²³⁶ Marcos nunca havia mencionado que estas mulheres seguiam Jesus durante o seu ministério. Isso fez com que ele citasse maiores informações biográficas sobre elas, apesar de fazer isso de forma um tanto confusa, dá-se a entender que estas mulheres eram conhecidas pela comunidade.

É de se constatar, também, que, permanecendo fieis, as mulheres não abandonam Jesus e se tornam as testemunhas da execução do mestre. A intenção de Marcos é revelar a abertura do movimento de Jesus para os grupos previamente excluídos e que agora passam a serem incluídos, como as mulheres.

Para Marcos, as mulheres subiram a Jerusalém com Jesus, isto é, não eram mulheres locais que, ao inteirar-se da morte de Jesus Cristo, se reuniram

²³³ KINUKAWA, Hisaco. Las discípulas de Jesús (Mc 15,40-41, 15,47;16,1). In: LEVINE, A. **Una compañera para Marcos**. Bilbao: Desclée De Brouwer, 1994, p. 252.

²³⁴ KINUKAWA op. cit., p. 252.

²³⁵ FIORENZA, Elizabeth S. **As origens Cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 365.

²³⁶ VALDÉS, Ariel. A. **Jesus teve discípulas mulheres?** Disponível em: <http://www.miradaglobal.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1422:ituvo-jesus-discipulas-mujeres&catid=31:temas&Itemid=35&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2011.

espontaneamente para observarem o trágico espetáculo, senão mulheres da Galileia que haviam viajado com Jesus e seus discípulos a Jerusalém (Mc 15,41). Marcos não é o único evangelista a fazer referência aos nomes das mulheres, Mateus, quando relata a morte de Jesus, também diz que havia muitas mulheres olhando de longe (Mt 27,55-56). De fato, tanto Mateus (Mt 27,55) como Marcos (Mc 15,41) falam de muitas mulheres que seguiam Jesus.

O que se pode compreender disso é que a atitude de Jesus e de seu grupo sublinha a dimensão pessoal e comunitária de um projeto de vida nova. Jesus propõe uma experiência de vida diferente do modelo discriminador, hierárquico e excludente vigente no seu tempo.

Isso se justifica na presença dessas mulheres até o último momento da vida de Jesus, contrastando com a ausência dos discípulos. Ratifica-se que, por esse motivo, elas podem ser qualificadas de discípulas.

José faz uma pedra (redonda) que fecha a entrada. Duas mulheres são testemunhas da colocação na tumba e da sepultura. Porém não prestaram ajuda durante o enterro. Com elas se repete a regra de Dt 19,15, ainda que na tradição cristã somente pudesse apresentar mulheres como testemunhas. Juridicamente, as mulheres eram inábeis para prestar testemunho. Seus nomes e seu conhecimento do acontecido estabelecem o laço de união entre a sepultura e a crucificação (Mc 15,40), ainda que o nome da segunda Maria (Mt 27,61) chamada simplesmente de outra Maria é fontes de enigmas, ademais de haver sido transmitido de maneira diversa: Maria, de Santiago, Maria de Joset, Maria de José, Maria de Santiago e Joset, Maria a mãe de Santiago e de Joset [...]. Pode supor que a caracterização próxima familiar havia variações também na tradição oral, especialmente si se tratava de uma pessoa que era desconhecida já na comunidade. A figura destacada no acontecimento da cruz e da sepultura é Maria Magdala.²³⁷

Fica claro que desde o início alegre na Galileia, até o final doloroso, as mulheres acompanharam e serviram Jesus. “Embora os evangelistas nada nos digam de modo direto, todavia do simples fato de que a sua presença é mencionada, pode-se supor a consternação e o luto dessas mulheres pelo acontecido.”²³⁸

Elas estavam diante da cruz; contemplaram o sepultamento de Jesus (Mt 27, 55; Mc 16,41; Lc 23,49); observaram onde foi colocado o corpo de Cristo e também viram o túmulo vazio. “A sepultura e o sepulcro testemunhou a morte de Jesus, sua

²³⁷ GNILKA, Joachim. **El Evangelio según San Marcos**. Salamanca: Sigeme, 2005, p. 391-392.

²³⁸ RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p. 199.

descida à cova, ao *xeol*, ao reino dos mortos.”²³⁹ Essas mulheres ocuparam lugares importantes na vida e missão de Jesus.

Algumas delas tinham um passado pouco recomendável, contudo, quando se tornaram discípulas, ocuparam com perfeição o seu lugar. “Com as mulheres a comunidade está presente, ao menos à distância: testemunha a conclusão da vida de Jesus, mediante o qual se opera a salvação.”²⁴⁰ A presença das discípulas, na morte-ressurreição de Jesus, é uma realidade clara, mencionada e narrada pelos evangelistas com máxima seriedade.

3.3.2 Seguem e servem o Mestre

Marcos vale-se de três verbos para caracterizar o discipulado das mulheres sob a cruz: elas o seguiam na Galileia, elas lhe ministravam e elas subiram com ele a Jerusalém (Mc 15,41). O verbo *akolouthēin* caracteriza o chamado e a decisão para o discipulado (Mc 1,18). Os textos de (Mc 8,34; 10,28) apresentam o ensinamento de Jesus sob uma condição, a de que todo discípulo deve fazer quando aceita seguir a sua proposta, isto é, “tomar a sua cruz”, ou seja, aceitar o perigo de ser executado (Mc 8,34). Quando Pedro diz que os discípulos deixaram tudo para seguir Jesus, ele tem como resposta que sua recompensa é tanto a nova comunidade familiar quanto a perseguição. “As mulheres são, assim, caracterizadas como verdadeiros discípulos de Jesus que deixaram tudo e o seguirem no seu caminho, até o seu amargo fim na cruz.”²⁴¹

O segundo verbo *diakonein* frisa que as discípulas mulheres têm praticado a verdadeira liderança exigida dos seguidores de Jesus. O verbo *diakonein* não está restrito somente ao serviço de mesa, mas vai para além disso, *diakonia* sintetiza todo o ministério de Jesus, que não escraviza as pessoas à maneira dos governantes pagãos (Mc 10,42), mas é o servo sofredor que os liberta e os eleva da escravidão.

²³⁹ **A BÍBLIA do Peregrino**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 2389.

²⁴⁰ LENTZEN-DEIS, Fritzleo. **Comentário do Evangelho de Marcos**: modelo de nova evangelização. São Paulo: Ave Maria, 2003, p. 493.

²⁴¹ FIORENZA, op. cit., p. 366.

Deste modo semelhante, os que exercem lideranças na comunidade devem tomar o último lugar na escala social da comunidade e exercer sua liderança como servidão. Como a sogra de Pedro que, logo após ser curada, colocou-se a servir (Mc 1,31), “as mulheres sob a cruz são caracterizadas como os discípulos que entenderam e praticaram a verdadeira liderança cristã.”²⁴²

O terceiro verbo *synanabainein* refere-se não somente às quatro discípulas mulheres líderes (Mc 16,1-7), de acordo com Fiorenza, diz respeito também a todas as discípulas mulheres que seguiam Jesus desde a Galileia a Jerusalém.²⁴³

Lucas narra o seguimento das mulheres antes da Paixão (Lc 8,1-3). É claro no Evangelho de Marcos que, no cenário global da morte de Jesus, havia espectadoras: mulheres que seguiam (*akolouthein*) e o serviam (*diakonia*), que vinham com ele na caravana para Jerusalém, procedentes da Galileia.

Percebe-se que o verbo “seguir” é muito presente em Marcos, o seguimento é considerado linha mestra da sua teologia. Tal verbo é usado pelos Evangelhos para se referir à vocação dos discípulos de Jesus. Por exemplo, quando Jesus chamou Pedro e André, durante a pesca, eles deixaram as redes e seguiram-no, “E eles, imediatamente, deixaram as redes e o seguiram” (Mc 1,18). “Jesus convidou Levi e somente lhe disse: siga-me e ele seguiu-o” (Mc 2,14). Segundo Marcos, uma das condições que Jesus estabelecera a seus discípulos era a de que o seguissem (Mc 8,34). “O verbo *akolouthein* significa “ir atrás”, “seguir”, “acompanhar”. O verbo *diakonein* significa servir no sentido de prestar serviço, suprir as necessidades, estar “aos pés” para atender.”²⁴⁴

Portanto, a utilização desses termos, respectivamente, o serviço e o seguimento, dão identidade às mulheres como discípulas presentes na paixão e na ressurreição de Jesus. Com efeito, esses termos caracterizam o discipulado. No entanto, Jesus dera a instrução: “Aquele que quiser seguir seja aquele que serve”. Servir é o objetivo do seguimento, não só servir Jesus, mas a comunidade e os pobres. “O que fizeres ao menor de meus irmãos é a mim que o fareis”.

²⁴² Ibid., loc. cit.

²⁴³ Ibid., loc. cit.

²⁴⁴ MAZZAROLO, Ivo. **Evangelho de Marcos**: estar ou não com Jesus. Rio de Janeiro: Mazzarolo, p. 353.

3.3.3 A unção oculta

Em (Mc 15,42-46) fala-se da cena do sepultamento de Jesus. São apresentados novos personagens – Pilatos, José de Arimateia, o Centurião – e um novo tempo narrativo. Surge a necessidade de enterrar Jesus antes do sábado. Receber sepultura em um sepulcro era de muita importância para os israelitas, o não sepultamento era motivo de desgraça e infâmia. O sepultamento é destacado com a morte como parte do querigma da ressurreição.

Marcos apresenta José de Arimateia como membro do Conselho (Sinédrio), portanto, um judeu notável, respeitado e importante. José teve a coragem de aproximar-se de Pilatos e pedir o corpo de Jesus para ser sepultado. Almejava em dar um enterro digno a Jesus, por isso, “[...] comprou um lençol para envolver o corpo de Jesus. Portanto, o lençol é novo certamente uma nota cristã como penhor de respeito por Jesus.”²⁴⁵ Marcos afirma que ele colocou Jesus em um sepulcro talhado na rocha (Mc 15,46). José de Arimatéia “esperava o reinado de Deus” (Mc 15,43). Diante da morte de Jesus se enche de compaixão e quer fazer uma homenagem póstuma a Ele, “[...] completando a ação da mulher anônima porque o texto não diz que José o embalsamou.”²⁴⁶

A mulher anônima é uma referência à passagem de (Mc 14,8) quando diz: “ela fez o que podia: antecipou-se a ungiu o meu corpo para a morte”. Pode-se dizer que “[...] esta mulher anônima aceitou Jesus como o Messias-Servo e, por isso, ungiu-o, antecipando-se assim ao enterro, Jesus a elogiou, ela é modelo para todos.”²⁴⁷

João sinaliza que esta mulher oculta se trata de Maria, irmã de Marta e Lázaro (Jo 12,1). Ao perfume que ela traz consigo pode-se remeter ao livro dos Cânticos 1,3, o qual lembra: “teu nome é como óleo escorrido”. Ali se trata de um jogo poético de aliteração com *shem*, nome, e *shemen*, perfume. Isso quer dizer que o nome do noivo é perfume, ou seja, amor e presentes para todos. Na cruz, Jesus vai quebrar o seu vaso precioso e sua fragrância será exalada em toda a terra. A mulher oculta trazia consigo um alabastro cheio de perfume de nardo puro. O nardo

²⁴⁵ MAINVILLE, Odette. **As cristofanias do Novo Testamento**: historicidade e teologia. São Paulo: Loyola, 2012, p.114.

²⁴⁶ A BÍBLIA..., op. cit., p. 2445.

²⁴⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, op. cit., p. 81.

é uma fragrância oriental precioso. O nardo é puro, em grego, *pistikós*, invoca a palavra fé e meios adaptados para despertar a fé, que é genuína.

Unção, do grego *elaion*, desde muito tempo é entendido como aquilo que pode penetrar profundamente no corpo e dar força, saúde, beleza e até alegria. O ato da mulher oculta em ungir Jesus é interpretado como uma antecipação da unção para honrar o Seu corpo na morte.²⁴⁸

O evento da unção é interpretado por Jesus como um anúncio da sua ressurreição. O perfume da mulher resistiu em seu corpo crucificado e glorioso, uma vez que onde há um amor que dá tudo, já existe vitória sobre a morte.

3.3.4 Observam

O narrador volta a falar, em (Mc 15,47), sobre as mulheres espectadoras, que estavam junto ao túmulo de Jesus como testemunhas. Este versículo se relaciona diretamente ao (v. 41), pois aquelas que seguiam e serviam a Jesus na Galileia agora estão diante do sepulcro, como já estiveram diante da cruz.

A presença delas até o último momento faz delas testemunhas de que Ele foi morto e também sepultado.

Na narrativa de Marcos, elas não puderam cumprir os ritos fúnebres porque todos os que morressem assassinados trariam consigo próprios a maldição e não poderiam ter seus corpos lavados. Elas acompanharam todos os fatos até a sepultura e assim sabiam onde Jesus havia sido sepultado, por isso, no primeiro dia da semana, foram com aromas para realizar a purificação do corpo.²⁴⁹

A presença constante, a diaconia e o serviço revelam um discipulado radical e corajoso diante do cenário do túmulo. Assim, elas rompem com os paradigmas culturais androcêntricos por uma fidelidade e uma afetividade à pessoa de Jesus, peculiar da personalidade feminina.

²⁴⁸ COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2.

²⁴⁹ MAZZAROLO, op. cit.; p. 355.

As mulheres observavam. “Com esse pormenor do olhar das piedosas mulheres fixo no sepulcro, Marcos prepara a narração do descobrimento do túmulo vazio e do anúncio da ressurreição.”²⁵⁰

É importante olhar para este lugar especial, em que a semente é enterrada. De lá, a árvore da vida germinará. Quanto à presença de Jesus no túmulo, assim fala o Catecismo da Igreja Católica:

A permanência do corpo de Cristo no túmulo constitui o laço real entre o estado passível de Cristo antes da Páscoa e o seu estado glorioso atual de ressuscitado. É a mesma pessoa do Vivente que pode dizer: ‘Estive morto e eis-Me vivo pelos séculos dos séculos’ (Ap 1, 18): É este o mistério do desígnio de Deus acerca da morte e da ressurreição dos mortos: se Ele não impediu que a morte separasse a alma do corpo, segundo a ordem necessária da natureza: mas juntou-os de novo um ao outro pela ressurreição, a fim de ser Ele próprio na sua pessoa o ponto de encontro da morte e da vida, suspendendo em Si a decomposição da natureza produzida pela morte e tornando-Se, Ele próprio, princípio de reunião para as partes separadas.²⁵¹

No que concerne à presença das mulheres, é notório perceber que, no momento da paixão, falta Salomé. A ausência de Salomé dá lugar a cada um de nós a uma atitude de contemplação e adoração. Como Simeão, elas cantam na vigília a canção: “Deixai, agora, vosso servo ir em paz, conforme prometestes, ó Senhor. Pois meus olhos viram vossa salvação que preparastes ante a face das nações: uma luz que brilhará para os gentios e para a glória de Israel, o vosso povo” (Lc 2,29-32). Contudo, elas estão ali, observando atentamente, não fogem continuam fiéis até o fim, é deste pequeno grupo que vai nascer a novidade pascal. São elas que acompanharam José de Arimatéia no enterro. Continuam ali perto do sepulcro fechado num sinal de vigília, de espera, com sua sensibilidade feminina própria.

3.4 TEXTO DA RESSURREIÇÃO (Mc 16,1-8)

1 Passado o sábado, Maria de Magdala e Maria, a mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para ir ungir o corpo. 2 De madrugada, no primeiro dia da semana, elas foram ao túmulo ao nascer do sol. 3 E diziam entre si: Quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós? 4 E erguendo os

²⁵⁰ BATTAGLIA, O; URICCHIO, F; LANCELLOTTI, A. **Comentário ao Evangelho de São Marcos**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1988 p. 147.

²⁵¹ CATECISMO da Igreja Católica. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, n. 625

olhos, viram que a pedra já fora removida. Ora, a pedra era muito grande. 5 Tendo entrado no túmulo, elas viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e ficaram cheias de espanto. 6 Ele, porém, lhes disse: “não vos espanteis! Procurais Jesus de Nazaré, o Crucificado. Ressuscitou, não está aqui. Vede o lugar onde o puseram. 7 Mas ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito.” 8 Elas saíram e fugiram do túmulo, pois um temor e um estupor se apossaram delas. E nada contaram a ninguém, pois tinham medo...²⁵²

3.5 CONTEXTO

A mensagem de (Mc 16,1-8) relata a história do encontro do túmulo vazio pelas mulheres. Este fato representa um termo relevante na discussão atual em torno da ressurreição de Jesus, tendo em vista que alguns estudiosos viram nesta passagem uma lenda tardia inventada só depois de aparecerem os relatos sobre as aparições, com o fim de apoiar o fato da ressurreição. Ao passo que outros enxergam a dificuldade que surgiria, pois em Jerusalém se faziam pesquisas sobre o caso, se os primeiros cristãos assomassem com a seguinte mensagem: Jesus, o crucificado, ressurgiu dos mortos. Parece que a polêmica judaica jamais contestou o fato do sepulcro vazio.²⁵³

A descrição do Evangelho de Marcos permite concluir que o sepultamento de Jesus foi apressado, pois já era tarde e véspera do sábado, sem o tempo suficiente para os rituais fúnebres. Por isso, algumas mulheres, após o sábado, ou seja, após o pôr-do-sol, vão ao lugar onde sepultaram Jesus para ungir o corpo dele (Mc 16,1). Era costume dos judeus ungir o corpo com uma mistura de mirra e aloés (Jo 19,39). A unção deveria ser feita antes do sepultamento. Na realidade, não seria possível abrir o túmulo depois de um dia e meio após o sepultamento.

Mal amanheceu o primeiro dia e as mulheres foram ao túmulo. Levavam no coração a preocupação e a angústia: “Quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós?” (Mc 16,3a). No entanto, “viram que a pedra já fora removida” (Mc 16,3b).

²⁵² BÍBLIA de..., op. cit., p. 1784.

²⁵³ SCHNACKENBURG, Rudolf. **O Evangelho segundo Marcos**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 323.

De acordo com a mentalidade bíblica, túmulo é símbolo da morte. Mas a entrada está aberta. Há uma esperança.²⁵⁴

3.6 INTERPRETAÇÃO DA PRESENÇA DAS MULHERES NO SEPULCRO VAZIO

Ao falar da presença das mulheres no sepulcro no episódio da ressurreição, percebe-se que elas vão ao sepulcro para embalsamar Jesus, todavia, não o encontram. Ao verem a pedra rolada e o sepulcro vazio, ficam apavoradas pelo desaparecimento do defunto e, sem poder explicar, calam-se. O medo é a intimidação do sobrenatural.

Marcos vai colocar na boca de um ser celestial o anúncio do ressuscitado. “Não vos espanteis” (Mc 16,6) diz o jovem às mulheres. Com esta frase ele se identifica como porta-voz de Jesus (Mc 5,36; 6,50), em missão de clemência e não de julgamento. O jovem tem a missão de informar que conhece a razão por estarem ali no sepulcro, elas procuram Jesus, o nazareno que foi crucificado. Mas, não o encontraram. “O mensageiro, então, proclama algumas das mais belas palavras jamais ouvidas pelo ser humano: ‘ele ressuscitou, não está aqui; vede o lugar onde o puseram’” (Mc 16,6). A morte não tem a última palavra.”²⁵⁵ As aparições vão explicar e dar sentido ao túmulo vazio. A expressão “o crucificado é o Ressuscitado” (At 2,32) soa como o querigma emergente.

Um jovem vestido com traje branco pede para que todos se dirijam à Galileia, um retorno ao início de tudo para que todos o vejam. Trata-se de um novo começo, pois quem o viu deverá dar testemunho, eis o que as mulheres deveriam ter feito.²⁵⁶ Aqui aparece novamente o verbo que é central para todo o Evangelho e para o grupo de discípulos: ver. Este verbo é característico do Evangelho de Marcos, representa o processo de abrir os olhos e o coração para compreender não só aquilo que Jesus realizou, mas também o que continuou significando para o projeto do Reino de Deus.

²⁵⁴ MARQUES, Maria. A.; NAKANOSE, Shigeyuki.; DIETRICH, Luis. J. **Jesus de Nazaré, crucificado e ressuscitado**: uma leitura de Marcos 16,1-8. Vida Pastoral, São Paulo, n. 53, 2012. Disponível em: <<http://vidapastoral.com.br/ano/2012/jesus-de-nazare-crucificado-e-ressuscitado-uma-leitura-de-marcos-161-8/>>. Acesso em: 10 maio. 2014.

²⁵⁵ MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos**. Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, p. 236.

²⁵⁶ A BÍBLIA..., op. cit., p. 2446.

A finalidade do relato não é apenas contar o fato da ressurreição de Jesus, mas também apresentar um dos momentos em que se proclama o mistério do que aconteceu. Começa com um novo paradigma: as mulheres vão ao sepulcro com um projeto caritativo, preocupadas com a grande pedra e se deparam com o inesperado, a proclamação da ressurreição. Afinal, o querigma pascal se conhece pela revelação de Deus e pela fé.²⁵⁷

3.6.1 Perfumes para ungir

Em (Mc 16,1), percebe-se que as mulheres, numa atitude de ternura, fazem o elo entre a paixão e a ressurreição. Tornam-se interlocutoras da novidade messiânica. Elas são símbolo do discípulo que não abandona o mestre.

Passado o sábado, o final de todos os esforços já acabou. Os cristãos celebram no dia seguinte, ou seja, o domingo, que é o primeiro dia da semana. Agora vivem além do sétimo, o oitavo dia. É uma festa sem fim. Uma vez que Deus descansou no túmulo do homem, o homem alcançou o descanso de Deus.²⁵⁸

Compraram perfumes. Estes perfumes são inúteis como todas as coisas que são compradas e vendidas. O nardo perfumado foi doado ao invés de ser comprado (14,3-9). Não há cheiro de morte a ser coberta, mas o cheiro de vida que se dilata.²⁵⁹

Era comum à época, os judeus ungirem os corpos dos defuntos com óleo, com a finalidade de semiembalsamar o corpo, de tal forma que cheirasse menos em caso de ter que abrir a sepultura novamente. Porém, as mulheres compraram perfumes. Este gesto tem um caráter transcendente como em Betânia (14,3-9) e até mesmo afetivo como no livro dos Cânticos (Ct 4,16;5,1).²⁶⁰

²⁵⁷ CARMONA, Antonio. R. **Evangelio de Marcos**. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2006, p. 150.

²⁵⁸ FAUSTI, Silvano. **Ricorda e Racconta il Vangelo: la catechesi narrativa di Marco**. Milano: Ancora, 1998.p. 549.

²⁵⁹ Ibid., loc. cit.

²⁶⁰ MAZZAROLO, op. cit., p. 357.

3.6.2 Vão ao túmulo ao nascer do sol

A leitura de (Mc 16,2) aponta para o fato de se tratar do amanhecer do oitavo dia que não conhece ocaso. A morte é a memória para que o homem e a mulher retornem ao sepulcro com horror e cheios de piedade. A sua recordação é fundamental. As mulheres que carregam no ventre o dom da vida, indo para o túmulo, boca da morte da mãe terra, alimentam-na com os seus filhos gerados.²⁶¹

O sol é sinal do já ressuscitado. A noite, obscurecida na agonia de Jesus, foi rebaixada para o túmulo com a ressurreição. Surge o novo sol, mas ninguém ainda sabe.²⁶² “Quem sonhava conhecer um sol maior finalmente o conheceu!”²⁶³ Conscientes do amplo horizonte que a fé lhes abria, os cristãos chamaram a Cristo o verdadeiro Sol, ‘cujos raios dão a vida’. À Marta, em lágrimas pela morte do irmão Lázaro, Jesus disse: “Eu não te disse que, se acreditares, verás a glória de Deus?” (Jo 11, 40). Quem acredita, vê; vê com uma luz que ilumina todo o percurso da estrada, porque nos vem de Cristo ressuscitado, estrela da manhã que não tem ocaso.²⁶⁴

Quanto a esta questão, assim fala a *Lumen Fidei*:

A luz da fé é a expressão com que a tradição da Igreja designou o grande dom trazido por Jesus. Eis como Ele Se nos apresenta, no Evangelho de João: ‘Eu vim ao mundo como luz, para que todo o que crê em Mim não fique nas trevas’ (Jo 12, 46). E São Paulo exprime-se nestes termos: ‘Porque o Deus que disse: ‘das trevas brilhe a luz’, foi quem brilhou nos nossos corações’ (2 Cor 4, 6). No mundo pagão, com fome de luz, tinha-se desenvolvido o culto do deus Sol, Sol invictus, invocado na sua aurora. Embora o sol renascesse cada dia, facilmente se percebia que era incapaz de irradiar a sua luz sobre toda a existência do homem. De fato, o sol não ilumina toda a realidade, sendo os seus raios incapazes de chegar até às sombras da morte, onde a vista humana se fecha para a sua luz. Aliás ‘nunca se viu ninguém — afirma o mártir São Justino — pronto a morrer pela sua fé no sol’.²⁶⁵

²⁶¹ FAUSTI, op. cit., p. 550.

²⁶² Ibid., loc. cit.

²⁶³ Pe. Zezinho, ‘Canção para o Sol maior’.

²⁶⁴ FRANCISCO I. **Carta Encíclica *Lumen Fidei***. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei_po.pdf>. Acesso em: 8 out. 2014.

²⁶⁵ Ibid.

3.6.3 Conversam entre si

(Mc 16,3) traz o diálogo das mulheres, preocupadas com quem as ajudaria a rolar a pedra que estava posta na porta do sepulcro, não conseguiriam removê-la. “Nem de longe suspeitam que Jesus tenha ressuscitado e não estão a par das preocupações sinédricas para a custódia do sepulcro (Mt 27,62-66).”²⁶⁶

É interessante ressaltar que naquela época havia dois tipos de sepulturas. Uma, de forma bem simples, era cavada em uma sala e eram colocados vários corpos juntos separados por um lençol, neste caso, a porta era tapada com paus e pedras pequenas. O outro tipo continha um corredor de entrada e no meio deste uma grande pedra que, para ser removida, carecia de muita força, era pesada com vistas a evitar roubos e saques. “Historicamente falando há dúvidas se as mulheres foram com esse intuito para a sepultura, pois se não pudessem abrir o que fariam com os perfumes?”²⁶⁷

3.6.4 Veem a pedra removida

O evangelista Marcos, em 16,4, sinaliza que elas ergueram os olhos primeiramente. Para quem olha para cima, o selo da morte é quebrado, é como um pedido de uma iluminação divina para decifrar os acontecimentos. Desvela-se um olhar de súplica, um pedido de ajuda do Alto para entender o sentido, é um pedido de piedade daquelas que clamam assim como o salmista “Elevo os meus olhos para os montes; de onde me vem o socorro?” (Sl 121,1).

Observaram que o sepulcro estava aberto e a pedra estava afastada, esta foi a primeira surpresa das mulheres. Toda a preocupação de outrora sobre como acessariam o túmulo foi suprimida por outra indagação: quem rolou a pedra?²⁶⁸

A pedra era muito grande, grande o suficiente para abranger tudo e a todos. Metaforicamente, pode-se dizer que a expressão usada é uma analogia quanto à

²⁶⁶ BATTAGLIA, op. cit., p. 148.

²⁶⁷ MAZZAROLO, op. cit., p. 357.

²⁶⁸ Ibid., p. 358

cegueira dos discípulos e, aqui, no caso das mulheres, em não entender os sinais da ressurreição. A pedra tapa a visão, diante da morte se tornam míopes, existe uma barreira que separa a visão da morte da visão gloriosa.

3.6.5 Ficam cheias de espanto

No versículo (v.5), fala-se da entrada das mulheres no sepulcro. A entrada no sepulcro é convite para que todos também façam a experiência de entrar com elas no túmulo. É justamente lá, e não em outro lugar, que, primeiramente, ressoa o anúncio do ressuscitado. A salvação não é a morte, mas ela passa pela morte.

No quadro dos acontecimentos da Páscoa, o primeiro elemento que o Evangelho nos oferece é o sepulcro vazio. Isso não é, em si, uma prova direta. A ausência do corpo de Cristo do sepulcro poderia explicar-se doutro modo. Apesar disso, o sepulcro vazio constitui, para todos, um sinal essencial. A descoberta do fato pelos discípulos foi o primeiro passo para o reconhecimento do fato da ressurreição.²⁶⁹

Na cruz e no enterro, elas observavam, agora elas veem. É interessante essa mudança de palavras feita por Marcos. Observa-se, também, que os dois últimos milagres de Jesus são sobre o dom da visão (Mc 8,22-26; Mc 10,46-51), em ambos há toda a segunda parte do evangelho que anuncia a morte e ressurreição de Jesus²⁷⁰. É na escuta da palavra que os olhos se abrem (Lc 24,13-35).

O jovem retratado nesta cena, para alguns autores, está relacionado com a passagem de (Mc 14,51): “Seguiam-no também um jovem, vestido apenas com um lençol”. Estes veem coincidências nestas duas descrições, outros, apenas conjecturas.²⁷¹

O jovem apresenta-se como um ser angelical (Lc 24,4; Mt 28,2; Jo 20,12), o “anjo de Deus (Tb 4,5-10); (2Mac 3,26), está representando uma embaixada de Deus para manifestar seu Filho (Sl 110,1).”²⁷²

²⁶⁹ CATECISMO..., op. cit., n. 544.

²⁷⁰ FAUSTI, op. cit., p. 550.

²⁷¹ A BÍBLIA..., op. cit., p. 2441.

²⁷² MAZZAROLO, op. cit., p. 358.

Ele está envolto em um manto branco (Ap 7,9.13). Já não é envolto em uma mortalha ou despido, como alguém que está dormindo ou como um perdedor, ele é coberto com a luz, com o manto branco da vitória, como o Senhor transfigurado (Mc 9,3). Este jovem é uma figura de quem anuncia o Cristo ressuscitado, e do próprio ressuscitado, presente na palavra que se anuncia.^{273]}

Está sentado à direita. Não se trata de um fugitivo impotente. Ele está sentado à direita no esplendor da glória de Deus. “A tradição veterotestamentária consagra um sentido especial ao lado direito, o lado da autoridade”²⁷⁴. Faz-se aqui uma necessária menção ao fato de que Jesus é aquele que se senta à direita do Pai (Mc 10,37.40; 12,36; 14,62; Rm 8,34; Ef 1,20; Cl 3,1).

As mulheres ‘viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e ficaram cheias de espanto’ Mc 16,5. A palavra grega *ekthambeo* só é utilizada nesse evangelho e pode ser traduzida por pavor ou espanto. Ela também é utilizada no contexto da oração de Jesus no Getsêmani para descrever o seu estado de ânimo: ele ‘começou a apavorar-se’ Mc 14,33. No túmulo, o jovem encontra-se à direita; a tradição acreditava que essa era a posição do próprio Cristo: ‘vereis o Filho do homem sentado à direita do Poderoso e vindo com as nuvens do céu’ (Mc 14,62); (cf. Mc 12,36). A descrição do encontro entre o jovem e as mulheres tem características de relato de anúncio: o jovem é identificado com um anjo cf. 2Mc 3,26, as vestes brancas indicam o mundo divino, sua posição simboliza dignidade, palavras de encorajamento são dirigidas às mulheres diante do medo e é feita a promessa.²⁷⁵

Ficaram espantadas. A expressão espanto, do grego *thauma*, quer dizer “admiração, perplexidade, assombro”²⁷⁶. Em Gênesis (Gn 3,10) se lê a expressão: “eu te vi no jardim, fiquei com medo [...], e me escondi”, trata-se da primeira reação ao medo do homem diante de Deus, mas agora na ressurreição, eis o pedido: não tenha medo.

Presenciar o jovem em pé à direita e não ver o corpo de Jesus provoca tremendo espanto. “Não é o horror do vazio, mas o terror da plenitude transbordante, a excessividade do divino. É a surpresa de uma vida nova, jovial e

²⁷³ FAUSTI, op. cit., p. 550.

²⁷⁴ MAZZAROLO, op. cit., p. 358

²⁷⁵ MARQUES, et al., op. cit..

²⁷⁶ Na Filosofia, Platão e Aristóteles indicaram com precisão a experiência que, segundo eles, dá origem ao pensar filosófico. É aquilo que os gregos chamaram *thauma* (espanto, admiração, perplexidade). Dizem eles que a Filosofia começa quando algo desperta nossa admiração, espanta-nos, capta nossa atenção (que é isso? Por que é assim? Como é possível que seja assim?), interroga-nos insistentemente, exige uma explicação. Espantar-se diante das coisas, interrogá-las, é próprio da condição humana.

brilhante.”²⁷⁷ No lugar da sombra da morte, onde deveriam estar os corpos dos falecidos, a vida ressurgiu, a semente ali plantada floresce, desabrocha e nos olhares daquelas mulheres brota a esperança.

3.6.6 Ouvem o querigma

Mc (16,6) é o centro do relato da ressurreição. As mulheres que entraram no sepulcro, no vácuo de morte, receberam o anúncio da vida.

O jovem pede para que não tenham medo.²⁷⁸ Trata-se de um pedido de confiança, de esperança, de coragem, não ter medo de amar, de se entregar à extraordinária obra de Deus, é um pedido de confiança, porque o medo paralisa, fecham-se às relações e impede viver. Imediatamente após o pedido, segue-se a grande proclamação que faz dar todo o sentido à vida e à missão de Jesus.

Jesus Nazareno, o crucificado, ressuscitou. Estas são as palavras do querigma. Trata-se da palavra chave da fé cristã: “[...] anúncio de que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus que se fez homem, morreu e ressuscitou para a salvação de todos.”²⁷⁹ É importante cada palavra desta fala: o homem ressuscitado é o próprio Jesus, é o carpinteiro de Nazaré, é o crucificado.²⁸⁰

As palavras do anjo contêm a afirmação de fé das primeiras comunidades cristãs: “Procurais a Jesus de Nazaré, o crucificado. Ele ressuscitou, não está aqui” (Mc 16,6; At 2,23-24; 3,15; 4,10; 5,30; 10,40; 13,28-30). No grego, está na voz passiva: “ele foi levantado” (*egerthê*, traduzido por ressuscitado). O mesmo verbo é utilizado nos relatos de milagre nos quais Jesus levanta os marginalizados, libertando-os para participarem da vida social (Mc 1,31; 2,9) etc.. A ressurreição é a vida. O verbo traduzido para o português como “ressuscitou” é, no grego, *egerthê*, que significa “foi levantado”. A comunidade das seguidoras e seguidores de Jesus usa o mesmo verbo para falar tanto da sua ressurreição, de como foi levantado de

²⁷⁷ FAUSTI, op. cit., p. 550.

²⁷⁸ Por 366 vezes se repete na Bíblia esta expressão. Uma para cada dia do ano, incluindo os bissextos. Foi dita a Moisés e a outros profetas. Foi dita ao povo, foi dita a Zacarias, a Maria, a José e agora as mulheres.

²⁷⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Anúncio querigmático e evangelização fundamental**. Brasília: CNBB. 2009, p. 15.

²⁸⁰ FAUSTI, op. cit., p. 551.

entre os mortos, quanto da ação dele entre as pessoas que com ele conviviam. Principalmente entre aquelas que estavam recaídas nas camas, paralíticas, atrofiadas, sem vontade de viver, atormentadas por espíritos impuros e cegas, entre aqueles e aquelas que estavam como que “mortos” para a vida.

A ação de Jesus junto a essas pessoas foi levá-las, fazer que se levantassem para a vida de novo, novamente participassem da vida, recomeçassem a viver.²⁸¹

De fato, a expressão ressuscitou é a grande proclamação, nenhuma outra se compara, em grandeza de significação, a esta grandiosa afirmação. Esta declaração levou o espanto e a alegria às seguidoras de Jesus. Tornou-se a proclamação central da pregação apostólica. Afinal, cada ponto do evangelho gira em torno da ressurreição vitoriosa de Jesus Cristo.

Observa-se que, primeiramente, as mulheres são colocadas diante do fato da ressurreição, e só depois alude para a ausência do corpo. A afirmação de que ele “não está aqui” é de grande importância, pois é, também, uma chave de leitura para justificar a ressurreição.

O sepulcro é o lugar para o qual todos estão destinados, é onde terminam todas as expectativas. Porém, a promessa de Deus nega a certeza mais objetiva. O intuito aqui é uma observação da ressurreição, trata-se, na verdade, de uma ausência inexplicável. Se fosse explicado seria o mais recente golpe, ou até mesmo o pior (Mt 27,64). Além disso, se o corpo estava no sepulcro, a morte não teria sido vencida e não haveria o evangelho da salvação. Haveria apenas uma doutrina sobre como Jesus viveu e morreu piedosamente. Mas a ausência do corpo muda toda a realidade.²⁸²

Vede o lugar onde o colocaram. Como elas haviam acompanhado o sepultamento, confirmaram a demonstração do jovem. “Marcos não dá detalhes sobre os panos de linho que ficaram na sepultura, dados trazidos por (Lc 24,12; Jo 20,3-10).”²⁸³

Para compreender a proclamação da Páscoa, é preciso um confronto honesto, sem trapaças, com a morte – o primeiro tabu do homem – pois entrar no sepulcro significa entrar em contato com a verdade interior, é fazer um profundo e

²⁸¹MARQUES et al., op. cit.

²⁸²FAUSTI, op. cit., p. 551.

²⁸³MAZZAROLO, op. cit., p. 359.

sincero exame de consciência, só assim é possível perceber e ver o sentido da existência. Em nível espiritual, as mulheres, assim como cada cristão por meio do Batismo²⁸⁴, fazem o processo de morte, ou seja, entram no sepulcro, morrem com Jesus e ressuscitam com Ele para uma vida nova. Da mesma forma como Paulo fala: “Fomos sepultados com Ele, pelo Batismo, na sua morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6, 4).

3.6.7 São enviadas para anunciar

(Mc 16,7) fala de uma missão confiada às mulheres: ide dizer. A expressão ‘ide dizer’ tem paralelos nas ordens missionárias relatadas nos outros Evangelhos e em (At 1,8). A frase referente (Mc 16,7) “ele vai adiante de vós” (*proagei*) é um termo para o trabalho do pastor de ovelhas.²⁸⁵ As mulheres são enviadas para proclamar o Senhor ressuscitado aos seus discípulos. Elas são apóstolas, ou seja, enviadas aos apóstolos. Então, elas se tornam super-apóstolas.²⁸⁶ Elas são as primeiras enviadas a anunciar o ressuscitado.²⁸⁷

Como previsto, diante do escândalo da negação de Pedro, Jesus ressuscitado reitera sua lealdade prometida (Mc 14,28) e, em particular para Pedro,

²⁸⁴ Os padres da Igreja, entre estes, São Cirilo de Jerusalém chamam a pia batismal *de* tumulo e ventre materno: “[...] o túmulo sepulta o pecado e do ventre nasce a vida, no mesmo instante, morrestes e na mesma água salutar tornou-se para vós sepulcro e mãe. Fostes submersos três vezes na água, levantando-vos também três vezes. Também nisso significastes em imagem e simbolicamente a sepultura de Cristo por três dias. Pois, assim como nosso Salvador passou três dias e três noites no seio da terra (cf. Mateus 12, 40), também vós imitastes o primeiro dia que Cristo passou no sepulcro ao levantar-vos da água pela primeira vez e, com a imersão, a primeira noite, pois do mesmo modo que o que está na noite já não vê, e o que se move no dia caminha na luz, vós, ao submergir-vos, como na noite, deixastes de ver, mas, ao sair, fostes postos como no dia. No mesmo momento haveis morrido e haveis nascido, e aquela água chegou a ser para vós sepulcro e mãe... Para vós... o tempo de morrer coincidiu com o tempo de nascer. E um tempo único consegui ambas coisas, pois com vossa morte coincidiu vosso nascimento” (CIRILO DE JERUSALÉM. **Segunda Catequese Mistagógica**, 4).

²⁸⁵ MULHOLLAND, op. cit., p.237.

²⁸⁶ FAUSTI, op. cit., p. 551.

²⁸⁷ Aqui vale lembrar da célebre frase do Documento de Aparecida n. 18: “Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor, ao nos chamar e nos eleger, nos confiou. Com os olhos iluminados pela luz de Jesus Cristo ressuscitado podemos e queremos contemplar o mundo, a história, os nossos povos da América Latina e do Caribe e cada um de seus habitantes” (CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA E DO CARIBE. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulus. 2007, p. 17).

mesmo depois de sua negação. Onde estaria Pedro? Por que não estava junto com as outras testemunhas? Depois de negar Jesus, parece estar longe e separado do grupo (Mc 14,53-54). Pedro, no evangelho de Marcos, não recebe nenhuma chance de remissão. Marcos deixa Pedro meditando solitário, retirado e distante dos últimos acontecimentos, em contraste com a posição das mulheres, que sabem, inclusive, onde Jesus foi sepultado.²⁸⁸

A menção a Pedro (Mc 16,7), no evangelho de Marcos, acena para o perdão da negação e a confirmação de Pedro como o primeiro, o cabeça do colégio apostólico.²⁸⁹ Será, no entanto, o evangelho de Mateus a afirmar a autoridade do apóstolo mediante a promessa explícita em (Mt 16,18).

É necessário retornar para lá, para a Galileia. Jesus irá à frente deles. Como pastor ressurreto e continuará conduzindo seus discípulos. O Senhor vai adiante do seu povo, como fez no deserto (Ex 13,21). A promessa que Jesus fez a caminho do Getsêmani (Mc 14,28) está próxima de ser cumprida: Jesus ressuscitado reúne as ovelhas dispersas (Mc 14,27). “Como o chamado inicial de Jesus, a promessa “lá o vereis” aqui é condicional. Só se eles exercitarem sua fé indo eles o verão.”²⁹⁰ O jovem repete as promessas de Jesus (Mc 14,28), acentuando o fato de que na Galileia os discípulos o verão. O corpo de Jesus ressuscitado se assemelha com o corpo velho, paradoxalmente, é diferente, pois foi elevado ao um novo nível de existência.

A Galileia é o lugar da primeira pregação de Jesus e do primeiro encontro com os discípulos. Voltar ao início para refazer todo o processo de interpretação e entender tudo o que Jesus fez e falou. Assim, é preciso voltar para a Galileia, ao ponto de partida, onde tudo começou. É o lugar do chamado, dos primeiros sinais e ensinamentos (Mc 1,14-15). A dispersão durante a prisão precisava de um momento de recomeço, de retorno ao ponto de partida, e, por isso, segundo Marcos, desde a Galileia outra vez.²⁹¹

A Galileia é o espaço familiar de Jesus, ao passo que Jerusalém é o lugar do sagrado vinculado à Lei, à hierarquia, ao puro e impuro, é o lugar da exclusão, de tudo o que significa a rejeição ao projeto de Jesus. É preciso distanciar-se de Jerusalém e reencontrar Jesus na Galileia, no meio dos gentios. Provavelmente, é a mesma razão que levou o Evangelho de

²⁸⁸ MAZZAROLO, op. cit., p. 359.

²⁸⁹ BATTAGLIA, op. cit., p. 148.

²⁹⁰ MULHOLLAND, op. cit., p.236.

²⁹¹ MAZZAROLO, op. cit., p. 359.

Marcos a ser o único que utiliza o título 'Jesus de Nazaré' no relato da ressurreição Mc 16,6. A comunidade, que se situava na Galileia e estava enfrentando conflitos, por volta do ano (70 d.C.), deu ênfase ao local do ministério de Jesus. Ele era um nazareno; viveu, testemunhou e implantou seu projeto de amor e de solidariedade na sua terra. Chamar 'Jesus de Nazaré' e voltar à 'Galileia' são apelos fortes para retomar a missão de Jesus, o servo sofredor.²⁹²

O pedido é para ir à Galileia. Ou seja, é fazer o caminho do discipulado. É preciso sempre voltar à Galileia, que, em Marcos, tem uma relevância especial. Em Cafarnaum, Jesus escolheu seus primeiros discípulos e ali estabeleceu sua estadia e a sua casa. Eis o convite, voltar para casa e reler os fatos à luz da ressurreição.

Lá o verão, como lhes havia dito. Refere-se à citação de (Mc 14,28): “Mas quando ressuscitar, irei diante de vós para a Galileia”. Cada passo da história de Jesus torna-se agora um (re) encontro de salvação a partir do que Ele disse e fez. Contudo, os discípulos irão experimentar a ressurreição, refazendo a caminhada do discipulado.

3.6.8 Não contam a ninguém

O evangelista Marcos em (16,8) assim termina seu evangelho: “saíram fugindo do sepulcro, tremendo e fora de si e por puro medo, nada disseram a ninguém”. Diante da boa notícia, a primeira reação das mulheres, semelhante à de todos, é a resistência: desobediência e fuga em vez de discipulado. Na verdade, elas são tomadas pelo tremor de um susto enorme, que sacode os ossos e as faz sair de si. Em vez de fé, prevalece o medo, sinal de incredulidade²⁹³, conforme se vê em Marcos (Mc 4,40). “Marcos apresenta a complexidade de emoções manifestadas pelas mulheres com: *tromos* (“tremendo”); *ektasis* (“atônicas”; Mc 5,42) e *phobeo* (“temor”); nos vv. 5s (cf 9,15; 14.33), *exethambethesan* (“alarmadas”).²⁹⁴

O medo ainda estava muito presente nas experiências de comunidades, pois as atrocidades e a memória destas experiências ainda continuavam sendo realidade. Esta realidade desumana se evidenciava nas torturas, mortes, ameaças e

²⁹² MARQUES et al., op. cit.

²⁹³ FAUSTI, op. cit., p. 552.

²⁹⁴ MULHOLLAND, op. cit., p.237.

perseguições da Grande Guerra judaico-romana, que assolava a vida das pessoas e as comunidades.

Deve-se reiterar o medo delas. O anúncio que caiu no lamaçal da descrença é perturbador. Eis a encruzilhada: ouvir seus medos e ir embora, mesmo que perturbado pela boa notícia, ou ouvir o desejo que ele colocou no coração de cada um? Porém, o coração delas está aparentemente petrificado, mas a Palavra é uma semente, colocada no solo e na oportunidade de uma rachadura ela cresce e quebra até a pedra.²⁹⁵

Diante das curas e milagres, a ordem é silenciar, e as pessoas falam (Mc 1,44); agora, acontece o contrário: a ordem é falar, e as mulheres silenciam.²⁹⁶

Não querem ser tachadas de loucas e visionárias: Os discípulos tomaram o relato por um delírio e não se fiaram nelas (Lc 24,11). Em vez do anúncio, o silêncio. Antes de emergir a fé, manifestam-se todas as reações negativas do coração diante do querigma.²⁹⁷

A história se repete, como os discípulos, as mulheres também fugiram (14,50). Porém, o silêncio delas, o medo e a fuga são diferentes. São sentimentos e reações diante do seguimento de Jesus: voltar para a Galileia – à prática de Jesus. Seguir Jesus de Nazaré implica assumir o seu projeto, que provoca conflitos, perseguições e até a morte. Isso significa deixar as seguranças! Mas a esperança está aí na ressurreição. Jesus ressuscitado continua presente entre aqueles e aquelas que prosseguem o seu caminho: 'Ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito' (Mc 16,7).²⁹⁸

E o evangelho de Marcos termina assim na expressão “nada contaram a ninguém”, eis que não pode ser o fechamento de um evangelho.

O anúncio está dilatado. Espalhou-se amplamente no ar e não pode ser fechado. O evangelho é de fato agora aberto para sempre, mesmo que jogado fora ele não termina aqui, mas refere-se ao início, para terminar no ouvido e no coração do ouvinte: é o evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus (1,1). O Cristo ressuscitado, assim como anunciado, é o locutor do anúncio (1,14).²⁹⁹

²⁹⁵ FAUSTI, op. cit., p. 553.

²⁹⁶ MARQUES et al., op. cit.

²⁹⁷ Lembra-se aqui que na liturgia dominical antes de se entoar o Glória e de ouvir a Palavra, faz-se o rito penitencial.

²⁹⁸ MARQUES et al., op. cit.

²⁹⁹ FAUSTI, op. cit., p. 553.

Por isso, surgiu a necessidade de se acoplar um epílogo ao relato (Mc 16,9-20). Percebe-se que, entre os (vs. 16,8 e 16,9), existe solução de continuidade. Além disso, é difícil admitir que o segundo evangelho, na sua redação, terminasse bruscamente no versículo (v. 8), ainda que haja a suposição de que o final primitivo desapareceu por alguma causa desconhecida e de que o atual fecho foi escrito para preencher a lacuna. O final que hoje se conhece já era versado no século II por Taciano e santo Irineu, e teve guarida na imensa maioria dos manuscritos gregos e outros. Se não se pode provar ter sido Marcos o seu autor, permanece o fato de que ele constitui, nas palavras de Swete, “[...] uma autêntica relíquia da primeira geração cristã.”³⁰⁰ Depois dos estudos de Hort, Swete e Lagrange não é necessário examinar detalhadamente a conclusão, aceita aqui universalmente, de que (Mc 16,9-20) não pertence originalmente ao evangelho de Marcos.³⁰¹

Alguns leitores consideram Marcos como incompleto (Mc 16,8), porque ele não inclui aparições do Jesus ressuscitado, como nos outros Evangelhos. Também querem um final positivo, com medo se transformando em alegria e silêncio, em proclamação.

Porém, para Marcos não há necessidade de repetir o que os leitores já conhecem. Ele revelou que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, assim sendo, a identidade messiânica não é mais nenhum segredo, pois o leitor sabe quem é Jesus, de onde veio e para onde vai. Nem se sente impelido a oferecer evidências da ressurreição, tais como: “ver para crer”, conforme (Mc 15,32). “Marcos não nos induz a pensar que as mulheres não entregaram a mensagem. Se o silêncio delas tivesse sido permanente, ninguém teria ouvido falar de sua experiência.”³⁰² Com esses últimos versículos, o autor busca tratar o discipulado como seguir ao Jesus ressuscitado e convida seus leitores para ir e dizer com toda coragem a Boa Nova de Jesus Cristo. No princípio do Evangelho, a ordem de Jesus para que o sigam (Mc 1,16-20) é acompanhada da promessa: “eu vos farei pescadores de homens.”³⁰³

³⁰⁰ A BÍBLIA..., op. cit., p. 1785.

³⁰¹ TAYLOR, op. cit., p. 739.

³⁰² MULHOLLAND, op. cit., p.239.

³⁰³ Aquele era o começo do discipulado; (Mc 16,1-8) constituem o fim do começo. Através de todo seu ministério, Jesus está “pescando homens”, e ao mesmo tempo, fazendo seus discípulos “pescadores de homens” também. E mesmo agora, os discípulos não vão sozinhos, pois Jesus vai adiante deles (16,7). Embora Marcos tenha completado seu ensino, este é só o começo do discipulado, não o seu cumprimento. O futuro dos discipulado permanece incerto, pois depende de se os homens e mulheres que seguem Jesus continuarem o trabalho começado (MULHOLLAND, op. cit., p. 239).

Marcos encerra sua narrativa com *gar* ('porque', 'pois') para enfatizar que o Evangelho começou mas ainda não terminou. Não terminou com a ressurreição de Jesus. Continua mesmo hoje, quando seus seguidores proclamam sua morte e ressurreição. Esse é uma boa maneira de encerrar a narrativa do começo do evangelho.³⁰⁴

Portanto, fica a cargo da interpretação do leitor a continuação da história. A resposta está nas entrelinhas, vendo os resultados, o cristão deduz o que aconteceu, vendo o que aconteceu pós-calvário, desvela a ressurreição. O cristão, observando a comunidade, vivendo em comunidade, sente o ressuscitado. Percebe-se que o silêncio repentino e logo é quebrado, transborda e se expande para todo o mundo.

O texto de Marcos (Mc 16,9-20) não faz parte original do Evangelho de Marcos. O texto dessa parte não é harmônico e indica uma série de incorporações e cortes. Recorta tradições conhecidas pelos Evangelhos de Mateus, Lucas e de João. São três as aparições, a que se referem:

- a) Maria Madalena, de quem havia expulsado sete demônios. Ela foi anunciá-lo àqueles que haviam estado em companhia dele, os quais estavam aflitos e choravam. Ela é dependente de João (Jo 20,11-18);
- b) A aparição aos dois discípulos, enquanto caminhavam para o campo, lembra a aparição de Jesus aos dois discípulos de Emaús no Evangelho de Lucas (Lc 24,13-35);
- c) Aos onze discípulos que caminharam para a Galileia ao encontro com o Senhor ressuscitado, soa como o fim do Evangelho de Mateus: "Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura" (Mt 28,16-20). "Seja como for, a própria conclusão de Marcos pressupõe a descoberta do sepulcro vazio pelas mulheres, o anúncio da ressurreição, o conhecimento das aparições a Pedro e aos doze."³⁰⁵

³⁰⁴ MULHOLLAND, op. cit., p. 240.

³⁰⁵ RATZINGER, op. cit., p. 235.

3.7 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS DO TESTEMUNHO DAS MULHERES NA PAIXÃO E RESSURREIÇÃO DE JESUS NOS SINÓTICOS

Os Evangelhos sinóticos descrevem os acontecimentos do dia da Paixão e da Ressurreição de Jesus. Cada evangelista apresenta uma versão diferente dos fatos, de acordo com suas tradições e visão teológica.

Entretanto, certos elementos são comuns: o episódio do túmulo vazio, a presença das mulheres como testemunhas; com algumas diferenças quanto ao seu número e identidade.

Por meio de três quadros sinóticos sobre o relato da presença das mulheres na Paixão e na Ressurreição de Jesus Cristo, apresentados a seguir, serão mais facilmente visualizadas as semelhanças e diferenças.

O primeiro quadro apresenta as mulheres diante da crucificação de Jesus, o segundo, a visita delas ao sepulcro de Jesus e o terceiro quadro, as aparições do Ressuscitado às mulheres.

Quadro 1 – Textos Sinóticos do testemunho das mulheres na Paixão de Jesus Cristo

Mt 27,55-56	Mc 15,40-41	Lc 23,49
<p>v. 55: Estavam ali muitas mulheres, olhando de longe. Haviam acompanhado Jesus desde a Galileia, a servi-lo.</p> <p>v. 56: Entre elas Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.</p>	<p>v. 40: E também estavam ali algumas mulheres olhando de longe. Entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor e de Joset, e Salomé.</p> <p>v. 41: Elas o seguiam e serviam enquanto esteve na Galileia. E ainda muitas outras que subiram com ele para Jerusalém.</p>	<p>v. 49: Todos os seus amigos, bem como as mulheres permaneciam à distância haviam acompanhado desde a Galileia observando essas coisas.</p>

Fonte: A autora, 2014. Bíblia de Jerusalém. Sinopse Johan Konings

3.7.1 Mulheres diante da cruz

Lê-se nos Evangelhos que as mulheres seguiam e serviam a Jesus desde a Galileia até Jerusalém. Em momentos importantes, como na crucificação e na ressurreição, em contraste com os discípulos homens, que trataram de negar o destino de Jesus fugindo e não enfrentando a realidade, estas mulheres contemplam a crucificação de Jesus (Mc 15,40) e observam seu túmulo ao ser enterrado (Mc 15,47).

O evangelista Mateus utiliza como fonte de informação o Evangelho de Marcos e Lucas (Lc 23,49; 8,2-3) ao relatar sobre as mulheres discípulas que seguiam a Jesus, e que, de longe, assistiam à cena da cruz (Mc 15,40). Lucas acrescenta que havia ali também muitos outros amigos e ou conhecidos de Jesus. Essas mulheres, explicitadas pelo Evangelista Lucas, serviam a Jesus, não só provendo alimentos, mas se preocupavam também com a hospitalidade, queriam, desta forma, oferecer ao mestre que as acolheu com tanto carinho e respeito o necessário para sua missão. Como discípulas, elas faziam o que Jesus veio fazer: “O Filho do Homem veio não para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos” (Mt 20,28). Ao contrário dos discípulos, elas não fugiram (Mt 26,56). A frase de longe as une com Pedro, que também segue Jesus de longe ao pátio, em (Mt 25,58). Mas enquanto ele nega Jesus e vai embora, as mulheres permanecem fiéis, percorrendo o caminho da cruz.

Para Marcos, as mulheres mencionadas pelo nome e que assistem de longe à crucificação de Jesus têm significado próprio: aparecem como representante da comunidade dos fiéis. Essas mulheres, cujo nome o autor declina, já seguiam e serviam a Jesus na Galileia e são lembradas ainda outras que com ele subiam a Jerusalém. As três mulheres citadas nominalmente surgem uma vez mais no relato do sepulcro (Mc 16,1) e na mesma ordem: Maria Madalena ou de Magdala, outra Maria, apresentada como a mãe de Tiago, o menor, e de Joset, e Salomé. “Maria Madalena é citada em toda a história referente ao sepulcro, e tem ali o seu lugar

perene.”³⁰⁶ A outra Maria³⁰⁷ é provavelmente, segundo Schnackenburg, a mãe de dois irmãos do Senhor, tanto assim que seus filhos se identificam com Tiago e Joset referidos em (Mc 6,3)³⁰⁸.

A menção a essas mulheres diante da cruz, embora à distância, como na madrugada da Páscoa, resulta uma tradição que, pela visita delas ao sepulcro vazio, estabelece a ligação entre Paixão e Ressurreição de Jesus.³⁰⁹ Na cultura judaica, as mulheres não tinham o direito de participarem como testemunhas; mesmo assim, a Igreja primitiva as apresentava como testemunhas do encontro com o sepulcro vazio. Na perspectiva marcana, são as mulheres que acompanham Jesus em todos seus caminhos: na Galileia, na subida para Jerusalém e desde a cruz à sepultura, até que, na madrugada da Páscoa, ressoa esta notícia: “Ele ressuscitou, não está aqui” (Mc16,6), as mulheres aparecem como testemunhas mudas, mas eloquentes para a fé, daquele evento único e memorável³¹⁰.

Lucas tirou do texto de Marcos que havia galileias, observando a certa distância a crucificação de Jesus, nove de dezoito palavras deste versículo (Lc 24,49) encontram-se em (Mc 15,40-41). O evangelista Lucas cita essas mulheres e todos os seus amigos ou conhecidos) “estando de pé de longe”, expressão composta do verbo estar de pé, verbo que (Mc 15,39) usou em forma composta para o centurião, e a frase de longe, que (Mc 15,40) empregou para as mulheres que observavam.

Como Lucas já havia utilizado a expressão observar (*theorein*) para se referir às multidões, cuja presença ele introduziu entre o centurião e as mulheres, aqui ele exemplifica alternância estilística voltando a ver (*horan*) o verbo que ele usou para o centurião. O evangelista Lucas insiste na ideia de que contemplar é ter conhecimento, é saber e ter inteligência do mistério. Esta ênfase no ver qualifica as mulheres como discípulas e testemunhas autorizadas que presenciaram sua morte e irão testemunhar a ressurreição³¹¹.

³⁰⁶ SCHNACKENBURG, op. cit., p. 318.

³⁰⁷ Não há prova de que essa Maria era a mulher de Cléofas ou, segundo notícia mais recente, a esposa do pai dos irmãos do Senhor, Simão e Judas Jo 19,25; possivelmente era o marido dela um parente mais próximo de Jesus. Em Mc 16,1 é citada de forma abreviada de Tiago, certamente porque fora apresentada em Mc 15,40. Nos termos de Mt 27,56, era Salomé com certeza a mãe dos filhos de Zebedeu porque no caso presente é designada assim no mesmo lugar, embora sem indicação de nome (Ibid., p.318).

³⁰⁸ Ibid., p.318.

³⁰⁹ Ibid., p.318 -319.

³¹⁰ Ibid., loc. cit.

³¹¹ TEPEDINO, op. cit., p.24.

3.8 AS MULHERES APÓS O SEPULTAMENTO DE JESUS COMEÇARAM A AGIR

Esta seção designa-se a observar, em primeiro lugar, as diferentes versões do relato da visita das mulheres ao sepulcro, postulando que, dos sinóticos, Marcos contém a versão escrita mais antiga, que Mateus e Lucas nela se inspiram³¹². Diante do quadro apresentado abaixo, verifica-se uma cronologia citada pelos três evangelistas: após o sábado, passado o sábado, no primeiro dia da semana, destacando a atuação das mulheres. Contêm três partes bem definidas, marcadas pelo participio feminino plural do verbo “ir” ou de seus derivados.

³¹² MAINVILLE, op. cit., p.114.

Quadro 2 – Sepulcro Vazio

Mt 28,1-7	Mc 16,1-7	Lc 24,1-8
<p>v. 1: Após o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria vieram ver o sepulcro.</p> <p>v. 2: E eis que houve um grande terremoto: pois, o Anjo do Senhor, descendo do céu e aproximando-se, removeu a pedra e sentou-se sobre ela.</p> <p>v.3:O seu aspecto era como relâmpago e a sua roupa, alva como a neve.</p> <p>v.4:Os guardas tremeram de medo diante dele e ficaram como mortos</p> <p>v. 5: Mas o Anjo, dirigindo-se às mulheres, disse-lhes: “Não temas! Sei que estais procurando Jesus, o crucificado.</p> <p>v. 6: Ele não está aqui, pois ressuscitou, conforme havia dito. Vinde ver o lugar onde ele jazia</p> <p>v. 7: Ide dizer aos discípulos: Ele ressuscitou de entre os mortos, e eis que vos precede na Galileia; e Lá o vereis</p>	<p>v. 1: Passado o sábado, Maria de Magdala e Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para ir ungir o corpo.</p> <p>v. 2: De madrugada, no primeiro dia da semana, elas foram ao túmulo ao nascer do sol.</p> <p>v. 3: E diziam entre si: “Quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós?</p> <p>v. 4: E erguendo os olhos, viram que a pedra já fora removida. Ora, a pedra era muito grande.</p> <p>v. 5: Tendo entrado no túmulo, elas viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e ficaram cheias de espanto.</p> <p>v. 6: Ele, porém, lhes disse: “Não vos espantes! Procurais Jesus de Nazaré, o Crucificado. Ressuscitou, não está aqui. Vede o lugar onde o puseram</p> <p>v. 7: Mas ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que: Ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito.</p>	<p>v. 1: No primeiro dia da semana, muito cedo ainda, elas foram ao sepulcro, levando os aromas que tinham preparado.</p> <p>v. 2: Encontraram a pedra do túmulo removida,</p> <p>v. 3: mas, ao entrar, não encontraram o corpo do Senhor Jesus.</p> <p>v. 4: E aconteceu que, estando perplexas com isso, dois homens se postaram diante delas, com vestes fulgurantes.</p> <p>v. 5: cheios de medo, inclinaram com o rosto para o chão; eles, porém, disseram: Por que procurais entre os mortos aquele que vive?</p> <p>v. 6: Ele não está aqui; ressuscitou. Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galileia:</p> <p>v.7:É preciso que o Filho do Homem seja entregue às mãos dos pecadores, seja crucificado,e ressuscite ao terceiro dia.</p> <p>v.8:E elas se lembraram de suas palavras</p>

Fonte: A autora, 2014. Bíblia de Jerusalém. Sinopse de Johan Konings.

O essencial do relato nas três versões consiste na visita das mulheres ao sepulcro no domingo pela manhã. Porém, as divergências de detalhes temporais, a

providência tendo sido tomada bem cedo, no fim da noite, deixam ver certa flutuação no modo de relatar os fatos.³¹³

Na visão de Mateus as mulheres, Maria Madalena com a outra Maria, vieram ver o sepulcro (Mt 28,1), para Marcos, as mulheres Maria de Madalena, Maria, Mãe de Tiago e Salomé foram ao sepulcro para ungir o corpo de Jesus (Mc 16,1); Lucas, explicita que eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago, e outras mulheres foram ao sepulcro, levando aromas que tinham preparado (Lc 24,9-10). “Pode-se tirar disso a conclusão de que as mulheres tinham lugar muito importante entre o grupo dos discípulos de Jesus, e que elas eram mais fiéis do que os homens, seguindo Jesus até a cruz e além dela!”³¹⁴

Marcos destaca claramente a unção. As mulheres que subiram com Jesus da Galileia para Jerusalém, duas delas Maria Madalena e Maria mãe de Joset (Mc 16,40-41; Mt 28, 55-56), são citadas nominalmente, segundo Marcos e Mateus, como testemunhas do lugar onde o corpo de Jesus foi depositado, graças a José de Arimatéia. Lucas não cita o nome das mulheres, apenas relata que elas observavam de longe o túmulo e como o corpo de Jesus foi depositado ali (Lc 23,49.55-56).

José de Arimateia é um membro importante do Sinédrio, um crente que espera o Reino de Deus. Não se diz que ele seja um discípulo (Mt 27,57). Sua posição lhe permite a audácia de pedir a Pilatos o corpo de Jesus para dar-lhe um sepultamento conveniente antes que, com o fim do dia, comece o sábado. Os discípulos estão ausentes e as mulheres que conhecem Jesus não têm nenhum papel ativo no sepultamento: elas olham.³¹⁵

Mateus, assim como Marcos, refere-se ao nome de três mulheres. Somente muda o nome da terceira mulher. Enquanto Marcos refere-se à Salomé (Mc 16,1), Mateus cita a mãe dos filhos de Zebedeu. A mãe dos Zebedeus esteve seguindo Jesus durante sua vida (Mt 27,55); de fato, ela é mencionada em uma cena.³¹⁶ De qualquer forma, Mateus fala do mesmo fato que Marcos: seguiam o Senhor e o serviam (Mt 27,55).

³¹³ MAINVILLE, op. cit., p.127.

³¹⁴ VALDÉS, Ariel. A. **Quem descobriu o túmulo vazio?** Disponível em: <http://www.capuchinhos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1534:quem-descobriu-o-tumulo-vazio-de-jesus&catid=127:a-biblia-responde&Itemid=482>. Acesso em 10 jul. 2014.

³¹⁵ DELORME, J. **Leitura do Evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 136-137.

³¹⁶ Mateus 20,20-21. Então a mãe dos filhos de Zebedeu, juntamente com seus filhos, dirigiu-se a ele (Jesus) prostando-se, para fazer-lhe um pedido. Ele (Jesus) perguntou: “Que queres”? Ao que ela respondeu: “Dize que estes meus dois filhos se assentem um à tua direita e o outro à tua esquerda no teu Reino” Mt 20,20-21.

Lucas também alude às mulheres discípulas no final da vida de Jesus (Lc 23, 49; 23, 55). No entanto, este autor revela uma surpresa, pois as cita como acompanhantes de Jesus “durante” sua vida pública. No grupo de Jesus, as mulheres se sentiam valorizadas e amadas como filhas de Deus. (Lucas 8,1-3) apresenta que as pessoas seguidoras de Jesus não eram apenas os doze homens, mas também mulheres.

Elas são nomeadas no texto contra uma prática de colocar as mulheres como anônimas; são elas Maria Madalena, de quem foram expulsos sete demônios; Joana, mulher do funcionário romano Cusa, administrador de Herodes Agripa, governador da Judéia, e, Suzana, além de muitas outras, que não só seguia Jesus, mas ainda ajudavam financeiramente o movimento.³¹⁷

Observa-se o modo com o qual evangelista Lucas coloca tanto os doze como as mulheres em um mesmo nível, já que une os dois grupos. Também relata que eram mulheres de boa posição econômica, pois ajudavam economicamente o movimento de Jesus com seu próprio dinheiro (Lc 8,1-3). “O fato de mencionar algumas delas pelo nome indica que se trata de um grupo muito real, como o que representam os Doze; por outro lado, o número três (três nomes próprios indica uma totalidade.”³¹⁸

A narrativa do evangelista Mateus (Mt 28,1) apresenta o nome de duas mulheres, Maria Madalena e a outra Maria, estavam sentadas diante do sepulcro enquanto José de Arimateia realizava o sepultamento de Jesus (Mt 27,61).

A expressão após o sábado em Mateus (Mt 28,1) indica um novo dia, segundo a cultura judaica, começava com o aparecimento das três primeiras estrelas da tarde, ao cair da noite. Portanto, é lícito caminhar e trabalhar. O sábado era considerado pelos judeus como dia santo, dia do repouso sabático. Este dia correspondia ao primeiro dia da semana, o domingo, que mais tarde foi designado na linguagem cristã como Dia do Senhor, dia da ressurreição de Cristo. Mateus faz algumas alterações para adaptar melhor a sua mensagem à mentalidade judaica, pois seus leitores eram de origem judia. Comparando com o Evangelho de Marcos, sua última fonte, Mateus oferece diversas peculiaridades dignas de destaque.

³¹⁷ TEPEDINO, op. cit., p. 170-172.

³¹⁸ CAMPS, Rius. J. **O Evangelho de Lucas**: o êxodo do homem livre. São Paulo: Paulus, 1995, p. 125.

As mulheres, Maria Madalena e a outra Maria, provavelmente a mãe de Tiago e de Josét (Mt 27,56.61), são chamadas de “santas mulheres”. Elas vão de manhã, após o sábado ao sepulcro, não para ungir com perfumes o corpo de Jesus (como apresenta Marcos e Lucas, costume na tradição judaica) mas, para ver o sepulcro, conforme o uso judaico de peregrinar até os túmulos (Mc 16,1; Lc 24,1).

Marcos retrata que, logo cedo no primeiro dia da semana, três mulheres, Maria, Maria Madalena, entre as quais Salomé, mencionada pela primeira vez, compraram aromas e se dirigiram ao sepulcro, com a intenção de ungir o corpo de Jesus; com óleos aromáticos comprados por elas (Mc 16,1). Uma intenção que se entende bem na composição desse Evangelho dada a ausência de embalsamento por José de Arimateia. “Os aromas podem ter um caráter transcendente como na unção em Betânia (Mc 14,3-9) e mesmo afetivo (Ct 4,16; 5,1).”³¹⁹ Isto é estranho, pois é preciso supor que uma unção, como essa, dificilmente era possível depois da decomposição ocorrida no decurso do dia³²⁰, pois já era o terceiro dia posterior à morte de Jesus. A unção era uma tentativa para deter a morte, para tirar o cadáver do apodrecimento. Porém, trata-se de um esforço inútil: a unção pode conservar o defunto apenas como defunto, não pode restitui-lhe a vida.

Ao amanhecer do primeiro dia, as mulheres verão que a sua solicitude pelo defunto e pela sua conservação foi uma solicitude demasiada humana. Verão que Jesus não deve ser conservado na morte, mas que Ele está vivo novamente e só agora vive verdadeiramente. Verão que Deus, de modo definitivo e só a Ele é possível, O subtraiu da corrupção e, desse modo, do poder da morte.³²¹

Entretanto, fica claro que, de acordo com o uso de sua cultura, as mulheres pretendiam expressar a Jesus Cristo morto sua veneração e seu amor, e isso se preanunciava na madrugada da ressurreição. No plano de Marcos, o sábado é o dia da treva, do silêncio e da morte e o primeiro dia da semana é o dia da vida e da ressurreição.

Lucas prolonga o relato de embalsamento introduzindo simplesmente as mulheres com o pronome “elas”, vão ao sepulcro com aromas que tinham preparado na véspera de sábado (Lc 24,1). As mulheres, apesar de serem as únicas dentre os discípulos que acompanharam a distância os últimos acontecimentos da vida de

³¹⁹ BARBAGLIO et al., op. cit., p.369.

³²⁰ LENTZEN-DEIS, op. cit., p. 499.

³²¹ RATZINGER, op. cit., p. 207.

Jesus, continuam presas na instituição da lei e vão tributar culto a um morto, como de costume em toda religião.

A pedra que José de Arimateia usou para selar o túmulo de Jesus após o seu sepultamento é mencionada pelos sinóticos. Todavia, com algumas alterações quanto ao tamanho dela. Mateus especifica que a pedra era grande (Mt 27,60), enquanto Marcos explica que era muito grande (Mc 16,4). Já em Lucas não há referência alguma sobre o tamanho da pedra. Os três sinóticos usam uma forma ou formas do verbo “rolar” (*proskyliein, apokyliein, anakyliein*). Em Marcos e Mateus, José rola a pedra; (Mt 27,59-60; Mc15,43), Lucas não identifica o agente (Lc 24,50-54).

Os relatos nas três versões também contêm palavras-chave que vão dando forma aos textos:

O *túmulo*: (a) é a meta a ser alcançada, tem semelhanças nos sinóticos (Mc 16,2); (Mt 28,11; Lc 24,1); (b) parece-lhes inacessível; (c) onde entra e se encontram com o inesperado, em Marcos é um jovem (Mc 16,5); em Mateus, um anjo (Mt 28,5); Lucas declara que são dois homens (Lc 24,4); (d) onde não encontram o esperado tanto Mateus como Marcos, e Lucas diz: Ele não está aqui ressuscitou (Mt 28,6; Mc 16,6; Lc 24,6); (e) O evangelista Marcos diz que as mulheres são convidadas a ver o túmulo vazio (Mc 16,6) assustadas saem correndo (Mc 16,8); Mateus relata o medo, mas também a alegria (Mt 28,8); em Lucas as mulheres ficaram perplexas (Lc 24,4).

A matriz geradora que no campo verbal vai dando forma à narrativa é: “Ressuscitou, não está aqui! Aí está o centro de tudo. Em função dessa frase estão o verbo ver, falar, ir, espantar-se e as frequentes menções do túmulo.”³²²

3.9 A MANIFESTAÇÃO DO ANJO ÀS MULHERES

A manifestação do anjo está relacionada a uma série de sinais teofânicos, que Mateus relaciona com a morte de Jesus: escuridão, terremoto; movimento de pedras; túmulos que se abrem; mortos que ressuscitam (Mt 27,47-53). Essa era uma maneira de descrever aos leitores que a morte de Jesus Cristo dava início a um

³²² PALLARES, C. L. **Um pobre chamado Jesus**: releitura do evangelho de Marcos. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 151.

novo tempo. Por isso, quando Jesus ressuscita, Mateus volta a contar que sucederam cinco fenômenos: escuridão, terremoto, movimentos de pedras, um túmulo que se abre e um morto que ressuscita, para recordar que uma nova era começava.³²³

A morte e a ressurreição de Jesus são narradas em um gênero apocalíptico. Isso é caracterizado na manifestação vitoriosa do anjo, o qual desce do céu e remove a pedra, aparece sobre os olhares das mulheres e senta sobre a pedra. Ele cobria todo o sepulcro de Jesus. Suas vestes resplandecem como as de Jesus no momento da transfiguração (Mt 17,2). Mateus relaciona esses acontecimentos para mostrar tanto “[...] a morte e a ressurreição de Jesus Cristo como a plenitude da história da salvação.”³²⁴ O mundo celeste da vida se faz operativamente presente no lugar do triunfo da morte, e aí se instala vitorioso. O terremoto é um dos elementos teofânicos.

O anjo do Senhor descendo do céu é alguém que age (Mt 28,2) e fala com a mesma autoridade do Senhor (Mt 28,5). As mulheres, Maria Madalena e a outra Maria, vão fazer uma visita ao túmulo e se deparam com um anjo que se dirige a elas e anuncia a ressurreição de Jesus. Essa atitude de afeto e de inspeção fê-las testemunhas de que o sepulcro foi um simples lugar de passagem. As mulheres cheias de medo, mas, ao mesmo tempo com grande alegria, “[...] são confortadas pelo anjo, a lhes anunciarem a ressurreição e as convidarem a olhar dentro do sepulcro.”³²⁵

A mensagem do anjo contém advertência aos discípulos. Eles estão espalhados, pois no momento da crucificação de Jesus eles se dispersaram e agora devem ser reunidos novamente. A fé dos discípulos estava esfacelada e precisava ser reerguida pela palavra.

Nota-se que não se fala cruamente da ressurreição. Os textos dos Evangelhos são muito sóbrios: o túmulo está aberto e vazio e Jesus não está morto. Esses efeitos de Deus estarão para sempre mergulhados nos arcanos do mistério divino, que não são dados a ver a homem algum.

³²³ VALDÉS, A. A. **Jesus teve discípulas mulheres?** Disponível em: <http://www.miradaglobal.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1422:ituvo-jesus-discipulas-mujeres&catid=31:temas&Itemid=35&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2011

³²⁴ OPORTO, G. S.; GARCIA S. M. **Comentário ao Novo Testamento**. São Paulo: Ave Maria, 2006, p. 118.

³²⁵ BARBAGLIO et al., op. cit, p. 414.

A narração do evangelista passa em silêncio, dizendo apenas que a pedra fora removida. As mulheres constataam o fato da remoção da pedra, mas não sabem explicá-lo, pois não pensam na ressurreição.

Mateus evita a inquietação marcana de saber quem rolará a pedra e a eventual especulação de saber como a pedra foi retirada. “Tudo se passa claramente sobre os olhares das mulheres, no quadro de uma teofania”.³²⁶ A retirada da pedra, sob a pena de Mateus, adquire, portanto, um caráter grandioso. A magnificência de sua encenação é mais que qualquer outra versão evangélica uma preparação para a importância da revelação vindoura.³²⁷

Para a fé dos discípulos e do evangelista, basta saberem que também os anjos do céu estiveram presentes ao grande acontecimento. Anjos revelaram a José o segredo do Messias infante, anjos acompanharão o Filho do homem, quando vier como juiz. Anjos tiveram a seu serviço após a tentação no deserto e ao surgir glorioso da sepultura. “Se Jesus dispensou a ajuda dos espíritos celestes na hora de sua prisão, aceita-lhes o serviço após consumada a obediência.”³²⁸

O que a sepultura vazia e a pedra retirada anunciavam sem palavras, proclamou o anjo às mulheres: “Ele não está aqui, porque ressuscitou, conforme havia dito” (Mt 27,6). A construção passiva, pois ressuscitou é palavra de confirmação divina, da parte de Deus anunciado ao homem. A referência para as palavras de Jesus, conforme havia dito, recorda suas predições sobre sua ressurreição, fazendo referência aos três anúncios da Paixão (Mt 16,21; 17,22-23; 20,19).³²⁹ O anúncio do anjo é uma revelação, interpretação do túmulo vazio e do corpo desaparecido.

Ele recomenda que depressa avisem os discípulos, mas não faz menção a Pedro; e repete que Jesus ressuscitou dos mortos e os precede na Galileia. Contudo, as mulheres não são somente as ouvintes, receptoras e da mensagem da ressurreição por meio do mensageiro divino, mas também são as primeiras a ver Jesus ressuscitado.³³⁰ Mateus relata que as mulheres reconhecem Jesus no mesmo instante de o ver e ouvir.

³²⁶ MAINVILLE, op. cit., p. 128.

³²⁷ Ibid., loc. cit.

³²⁸ TRILLING, W. **O Evangelho segundo Mateus**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 328.

³²⁹ CARTER, Warren. **O Evangelho de São Mateus**. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2000, p. 672.

³³⁰ Um relato de aparição confirma a interpretação do anjo do túmulo vazio. De repente/E eis que (ver Mt 28,2) Jesus as encontra e disse: “Alegrai-vos”! Jesus ressuscitado se revela a elas enquanto

Elas se aproximaram dele (um verbo de aproximação respeitosa; Mt 8,2), seguraram e pegaram seus pés e o adoraram. O verbo seguraram e pegaram indica que ele não é um fantasma. Além disso, em Mt 21,46; 26,4.48.50.55.57, este verbo, traduzido como 'prender', denota o que a elite religiosa e o traidor de Jesus fizeram a Ele.³³¹

Porém, a intenção dessas mulheres contrasta com a atitude da elite religiosa, seguram Jesus, aquele que as acolheu, restituindo sua dignidade, não para trair, prender e matá-lo, mas sim, prostando-se aos seus pés para adorá-lo.

Em (Mt 28,9), o ressuscitado apresenta-se graciosamente às mulheres. “Vem ao encontro” daquelas que estão procurando seu cadáver. Contudo, nesta perícopes, é Jesus quem toma a iniciativa e se fez ver dado por Deus (Mt 13,11). As primeiras palavras proclamadas pela boca de Cristo ressuscitado são “Alegrai-vos” (Mt 29,9). “Jesus quer partilhar com suas amigas sua plena alegria de Filho amado por Deus, que praticou as Bem Aventuranças e que viveu o amor radical do Reino”³³². Jesus tem pressa em colocar as coisas em andamento. Ele envia as mulheres a dizer aos seus irmãos a mesma mensagem que o anjo lhes havia dito (Mt 28,6).

O evangelista Marcos relata que o mensageiro da ressurreição de Jesus é um jovem vestido com um traje branco (Mc 16,5). As mulheres, Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, quando chegaram ao túmulo onde haviam depositado o corpo de Jesus, encontraram a pedra rolada e o sepulcro vazio. Um fato inesperado, maravilhoso, aconteceu, pois diziam as mulheres no caminho uma às outras: Quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós?

Quanto à presença da pedra, ela certamente se tornou um problema desde que se começou a conhecer em José um simpatizante que velava para colocar o corpo de Jesus em um sepulcro respeitável, pois um sepulcro como aquele implicava ser fechado e protegido de contaminação. Porém, se havia uma pedra, ela precisaria ser removida para se constatar o vazio. Cada evangelista coloca sua criatividade (Mc 16,4-5). “Isso sublinha e caracteriza, de certo modo, o horizonte

obedecem ao anjo. Detalhes de local, sua aproximação, aparição, roupa, gestos ou qualquer outra circunstância estão ausentes. O verbo pouco comum encontrar acrescenta pouca informação específica (usado por demônios hostis em Mt 8,28, por sabedoria em Sb 6,16; Eclo 15,2; e pelo mal em Eclo 12,7). Jesus, entretanto, exemplifica seu próprio ensino, não só sendo ressuscitado, como disse (Mt 16,21; 17,22-23; 20,17-19), mas também suportando até o fim, é salvo Mt 10,22, perdendo sua vida, ele a acha (Mt 16,24) (CARTER, op. cit., p. 673).

³³¹ CARTER, op. cit., p. 673.

³³² COLAVECCHIO, Ronaldo L. **Perfeito no seu amor**: o itinerário de Jesus Cristo diante do Pai no evangelho de Mateus. Aparecida: Santuário, 2002, p.103

hermenêutico daquelas que acompanhavam Jesus³³³. Ao entrarem no túmulo, constatavam um quadro surpreendente. Os contornos da situação eram diversos daqueles esperados. Todavia, quando as mulheres viram a pedra removida toda inquietação com o acesso à sepultura tinha desaparecido.

Essas mulheres enfrentaram um problema terreno, a pedra era um obstáculo, por isso, desejavam fervorosamente que fosse removida (Mc 16,3). Mas, agora, veio outro problema: quem afastou a pedra? Marcos não diz quem rolou a pedra. Entrando na sepultura, as mulheres não viram o corpo de Jesus, mas olharam para o lado direito da sepultura e viram um jovem trajado de branco e o susto aumentou (Mc 16,5). “O homem está vestido com sinais de transcendência, vestes reluzentes e indica a presença de um anjo junto à porta da sepultura.”³³⁴ O túmulo vazio significa ausência, não serve como lugar de encontro com Jesus, pois, para encontrá-lo, para vê-lo, é necessário sair: “Agora vocês devem ir...”.

Em Marcos, o encontro do anjo com as mulheres é narrado nos moldes de tal cena de anunciação: As mulheres pasmam ao verem esse mensageiro vindo de outro mundo, e ele as acalma: Não vos assusteis! Segue o anuncio; a primeira frase pode ser uma sentença afirmativa ou interrogativa: ‘Buscai a Jesus Nazareno (Mc 10,47; 114,67), o crucificado? Ressuscitou não está aqui.’³³⁵

O sepulcro vazio não é um argumento direto e inequívoco em favor da ressurreição de Jesus; mas a palavra do anjo torna-o testemunho eloquente quando convida as mulheres a “olhar o lugar onde o puseram” (Mc 16,6). Não foi a pedra morta, mas o Jesus vivo, que engendrou a fé pascal; o sepulcro é documento terreno do evento não-terreno³³⁶.

O jovem muda o objetivo pelo qual as mulheres vieram ao túmulo, a saber: embalsamar o corpo de Jesus. Como tarefa, foram incumbidas a uma missão, transmitir a notícia aos outros e também a Pedro. Contudo, o morto, ausente no túmulo, está vivo e presente na Galileia: “Lá vocês o verão” (Mc 16,6-7).

Na narrativa de Lucas, são dois homens em trajes resplandecentes (Lc 24,4) a transmitirem a mensagem da ressurreição de Jesus Cristo, a Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago. Evoca-se aqui, talvez, o texto do livro do

³³³ AZEVEDO, WALMOR O. de. **Comunidade e missão no Evangelho de Marcos**. São Paulo: Loyola, 1995, p. 21.

³³⁴ MAZZAROLO, op. cit., p. 370.

³³⁵ SCHNACKENBURG, op. cit., p. 326.

³³⁶ Ibid.; p. 327.

Deuteronômio (19,15), em que se diz: “[...] são necessário ao menos duas testemunhas para que um testemunho seja válido.”³³⁷

Dois homens com vestes brilhantes estão de pé do lado de fora, junto das mulheres, que, cheias de medo, inclinam o rosto para o chão (Lc 24,5). Aqui a mensagem desses personagens celestes transforma a versão marcana. Eles falam de quem está vivo e que não deve ser procurado entre os mortos; depois retoma a versão de Marcos para dizer que ele não está aqui, pois ressuscitou (Lc 24,6)³³⁸. Não manda mensagem alguma para os discípulos, mas convida as mulheres a se lembrar do que Jesus havia anunciado quando ainda estava na Galileia a respeito de sua morte e ressurreição. “É preciso que o Filho do Homem seja entregue às mãos dos pecadores, seja crucificado e Ressuscitado ao terceiro dia. Elas se lembraram” (Lc 24,8).

Lembrar é, segundo Lucas, equivalente a compreender algo que até o momento não se compreendia. “Os discípulos terão necessidade de que Jesus em pessoa revele, uma e outra vez (Lc 24, 25-27.31-32.44-46), o sentido profundo das Escrituras sobre o fracasso total do Messias e sua vitória sobre a morte.”³³⁹ Ainda que os personagens celestes não tenham comunicado missão alguma aos discípulos, as mulheres vão, contudo, relatar aos onze e a todos os outros o que souberam; “[...] entretanto, sem grande sucesso, pois suas palavras pareciam-lhes delírio.”³⁴⁰

O evangelista Lucas deixa claro que as primeiras a anunciar o Evangelho da ressurreição são as mulheres, porque, conforme a narrativa do texto, são elas as que se preocuparam em primeiro lugar em ir ao túmulo para ungir o corpo de Jesus; e encontram a pedra rolada (Lc 24,1-2). Não há menção alguma, sobre o fato de que uma pedra teria sido colocada diante do sepulcro no momento do sepultamento. “É graças a este cuidado que elas são as primeiras a testemunhar o centro da fé, que é a passagem da morte para a vida.”³⁴¹

Em Lucas, as observações dos anjos, aparecem completamente modificadas. Porém, o papel das mulheres não passa despercebido, ou seja, é igualmente valorizado, pois mesmo sem que sejam mencionadas, sabe-se que se trata de

³³⁷ OPORTO; GARCIA, op. cit., p. 24.

³³⁸ MAINVILLE, op. cit. p.126.

³³⁹ CAMPS, op. cit., p. 350.

³⁴⁰ MAINVILLE, op. cit., p.133.

³⁴¹ STORNILO, Ivo. **Como ler o Evangelho de Lucas: os pobres constroem a nova história**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1992, p. 208.

mulheres que haviam seguido Jesus desde a Galileia (Lc 23,55), portanto, mulheres discípulas

Jesus, neste Evangelho, é citado pelo título oficial “Senhor Jesus” (Lc 24,2), expressão única em Lucas, que indica, com este nome, a nova condição de Jesus ressuscitado. A pergunta às mulheres contém uma proclamação implícita de fé e, com significado múltiplo, é dirigida também aos leitores da história: por que procurais o Vivente entre os mortos? (Lc 24,5). O verbete “o Vivente” é uma referência evocadora do Deus do Antigo Testamento (Js 3,10); (Jz 8,19); (1Sm 14,39); (Ex 3,14), é atribuído a Jesus (Ap 1,18). “Ao apresentar as mulheres como primeiras testemunhas da mensagem pascal, Lucas ressalta, como em outras vezes, a sua função na Igreja e no mundo, enquanto os apóstolos aparecem num primeiro momento como incrédulos.”³⁴²

Lucas conservou a tradição do sepulcro estritamente para falar da ressurreição de Jesus. De acordo com Odette, a organização que ele contava fazer dos acontecimentos pascais de Jesus não exigia que fizesse qualquer anúncio da cristofania no sepulcro.³⁴³

O estudo sobre a angelofania nos sinóticos permite tirar algumas conclusões. *A priori*, percebe-se que sua evolução teológica, ainda que tenha a mesma roupagem tradicional, não é linear. Porém, corresponde à necessidade particular de cada evangelista em função da organização das cristofanias. Os conteúdos verbais de acordo com as versões sinóticas, apesar de suas consideráveis divergências, condensam em todas as três os elementos querigmáticos. Essa atribuição a um ou dois mensageiros celeste da proclamação querigmática lhe confere um caráter apologético, experimentando os cristãos a necessidade de convencer da autenticidade da catequese.³⁴⁴

Os apóstolos não acreditaram no testemunho das mulheres. Levando em consideração a sua condição feminina no ambiente judaico, não deram crédito à veracidade de suas palavras. “Chama atenção o fato que os evangelistas relacionam unanimemente o descobrimento do túmulo vazio com essas mulheres.”³⁴⁵ Pedro, o chefe dos doze, foi testemunha do túmulo vazio, viu apenas os lençóis (Lc 24,12), no entanto, a ausência da mensagem ou o encontro com o Ressuscitado somente

³⁴² OPORTO; GARCIA, op. cit., p. 24.

³⁴³ MAINVILLE, op. cit., p.133.

³⁴⁴ Ibid., p. 133 .

³⁴⁵ STORNILO, op. cit., p. 27.

produz espanto e não a fé pascal. Pedro, em um primeiro momento, não consegue crer.

O túmulo vazio³⁴⁶ era uma prova da ressurreição, mas colocava uma interrogação que obterá sua resposta na experiência do encontro com o ressuscitado. O sepulcro simboliza a morte, Deus pelo seu anjo anunciou à comunidade Cristo ressuscitado dos mortos. Assim sendo, a perspectiva dominante é cultural, e visa mostrar a fé da comunidade que acreditou que o crucificado é o ressuscitado. Os textos descritos referentes ao túmulo vazio são textos escritos a partir da fé e não para provar a fé:

Na origem [...] os relatos não pretendiam que alguém viu o sepulcro vazio e depois acreditou no Ressuscitado; mostram que a fé na ressurreição não nasceu do achado do sepulcro vazio, mas da mensagem celeste; seu objetivo não é propriamente biográfico, mas teológico.³⁴⁷

Os relatos sobre o sepulcro vazio não estão escritos para comprovar a ressurreição, mas sim, a partir da fé já existente no Ressuscitado, para mostrar a fé da comunidade que venera o sepulcro vazio. “Sobretudo considerações teológicas conferem grande probabilidade de que o julgamento da paixão acabou ao encontrarem a tumba vazia.”³⁴⁸ Portanto, jamais a morte de Jesus foi narrada sem incluir simultaneamente sua sepultura. O relato de Marcos, como de resto, as outras narrativas pascais, inicia com alguns dados cronológicos: Passado o sábado... de madrugada, no primeiro dia da semana. Estes dados não determinam a cronologia da ressurreição, mas a visita das mulheres ao túmulo.³⁴⁹

3.9.1 Jesus Cristo aparece às mulheres e as envia em missão

No quadro de comparações que se apresenta a seguir, nota-se que Mateus, Marcos e Lucas narram o encontro das mulheres com o Ressuscitado. Contudo, no

³⁴⁶ Parece que a polêmica judaica jamais contestou o fato do sepulcro vazio. Recorria-se a outras saídas: os discípulos de Jesus roubaram-lhe o cadáver (Mt 28,15; Mc 27,64; 28,13), ou: O jardineiro levou-o, de boa fé, a um outro lugar (Jo 20,15) (SCHNACKENBURG, op. cit.; p. 323).

³⁴⁷ FERRARO, Benedito. **Cristologia**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 151.

³⁴⁸ GNILKA, op. cit., p. 398-399.

³⁴⁹ BARABAGLIO et al., op. cit., p. 617.

que se refere à reação das mulheres, há divergências entre os evangelistas (Mt 28,8); (Mc 16,8); (Lc 24,9).

Quadro 3 – Aparição do ressuscitado às mulheres segundo os sinóticos

Mt 28,9-10	Mc 16, 8	Lc 24, 9-11
<p>v. 8: Elas,partindo depressa do túmulo,comovidas e com grande alegria, correram a anunciá-lo aos seus discípulos.</p> <p>v. 9: E eis que Jesus veio ao seu encontro e lhes disse: “Alegrai-vos”. Elas aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, prostrando-se diante dele.</p> <p>v. 10: Então Jesus disse: “Não temais! Ide anunciar a meus irmãos que se dirigem para a Galileia; lá me verão”.</p>	<p>v.8:Elas saíram e fugiram do túmulo, pois um temor e um estupor se apossaram delas. E nada contaram a ninguém, pois tinham medo.</p>	<p>v. 9: Ao voltarem do túmulo, anunciaram tudo isso aos Onze, bem como a todos os outros.</p> <p>v. 10: Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago. As outras mulheres que estavam com elas disseram-não também aos apóstolos;</p> <p>v. 11: essas palavras, porém lhes parece desvario, e não lhes deram crédito.</p>

Fonte: a autora, 2014. Bíblia de Jerusalém. Sinopse de Johan Koning

As mulheres foram as primeiras a receber a notícia da ressurreição de Jesus, assim como as primeiras agraciadas com uma manifestação do Ressuscitado.

Na versão mateana, as mulheres fazem exatamente aquilo que o anjo lhes ordena. Ele disse: “depressa”; ora, “com medo e com grande alegria, correram para anunciá-lo aos discípulos” (Mt 28,8). Na versão de Mateus, o dilema do silêncio das mulheres é quebrado, ele alude afirmando que as mulheres não se intimidaram e foram dar a notícia de que Jesus havia ressuscitado. Mateus também cita o medo, mas percebe a grande alegria nos corações daquelas mulheres, associada ao temor perante a manifestação divina, e o cumprimento do encargo recebido, porque Mateus sinaliza que os onze discípulos partiram para a Galileia para ver o Senhor (Mt 28,10), fato não mencionado por Marcos. O anúncio do anjo às mulheres que haviam acreditado, agora se transforma palpavelmente no encontro com Jesus.

Elas respondem à alegre saudação de Jesus com um gesto de adoração e reconhecimento. O Senhor pessoalmente lhes recomenda agora mesmo que o anjo lhes havia pedido: Transmitir aos discípulos a Boa Notícia que

Jesus os espera na Galileia, como ele havia predito já durante a sua paixão, quando anunciou que eles o abandonariam (Mt 26,32).³⁵⁰

As mulheres se encontram com aquele que defendeu sua dignidade e as acolheu em sua companhia. Jesus saiu ao encontro das mulheres, comprovando a mensagem com sua presença, dissipando o medo com sua saudação: Alegrai-vos! (Mt 28,9). Elas o viram, tocaram-no, abraçando-lhes os pés e se prostraram (Mt 28,9), como os magos (Mt 2,1-12) ou o leproso (Mt 8,2), num gesto respeitoso de adoração, não a um fantasma, mas ao Ressuscitado, a uma pessoa concreta.

O contato físico com o Ressuscitado é frisado em (Lc 24,39; Jo 20,27). É preciso identificá-lo e dar aos discípulos o título de irmãos (Mt 28,10). Em Marcos, o leitor é confrontado com este final que dá lugar a todas hipóteses possíveis concernentes à fuga das mulheres que “não disseram nada a ninguém” (Mc 16,8). Marcos escreve uma reação semelhante à ressurreição da filha de Jairo: “As pessoas encheram-se de grande espanto” (Mc 5,42). O êxtase que desencanta um *misterium tremendum*: um evento sobrenatural deixa as pessoas fora de si. Assim, ao menos deve tê-lo.³⁵¹ Lucas é o único a referir-se à perplexidade das mulheres e o fato de não terem encontrado o corpo do Senhor, antes da mensagem do anjo (Lc 24,3).

De acordo com os sinóticos, as mulheres recebem nessa hora e ali mesmo o anúncio e o encargo de uma missão por meio de uma voz celestial. Seu medo é intimidação diante do sobrenatural. Seu silêncio reflete a ambiguidade das atitudes diante da mensagem central da ressurreição (1Cor 15,12). Nos planos psicológico e histórico, a reação das mulheres parece desproporcional, porém, na ótica de Marcos, ela é o comentário mais eficaz da novidade transtornante da experiência pascal. Diante da manifestação da realidade de Deus, a reação humana é de medo e perturbação.³⁵² Depois da visão e do encontro com um ser misterioso e estranho, mas celeste, portador da mensagem da ressurreição de Jesus de Nazaré, o comportamento destas mulheres foi de fuga, medo e silêncio.

³⁵⁰ OPORTO; GARCIA, op. cit., p. 27.

³⁵¹ MAINVILLE, op. cit. p. 329.

³⁵² Esta reação se enquadra bem na lógica da narrativa, que destaca o susto delas e o caráter divino do acontecimento. Deus fez o que elas não esperavam. [...]. Por outro lado, o silêncio das mulheres faz com que o reagrupamento dos discípulos na Galileia e o novo início do Evangelho depois da ressurreição não sejam devido às mulheres, mas á iniciativa do Ressuscitado: Depois que eu ressurgir, eu vos precederei na Galileia (Mc 14,28) (BARBAGLIO et al., op. cit., p. 619).

O silêncio das mulheres tem uma dupla função no texto de Marcos. De um lado mostra até que ponto elas se assustaram: esqueceram-se completamente de transmitir a mensagem do anjo.³⁵³ Foi desta forma que as mulheres, Maria de Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, responderam à notícia maravilhosa da ressurreição de Jesus Cristo e também é dessa maneira que Marcos termina seu Evangelho. Todavia, o silêncio das mulheres tem um significado:

O livro de Marcos é apenas o começo da Boa Nova (Mc1,1). O autor deixa claro, portanto, que sua obra não é completa e que, para chegar ao fim, supõe que o leitor tome sua posição: continuar o livro através de sua própria vida, tornando-se discípulo de Jesus. Como discípulo, o leitor deve agora chegar a uma decisão, isto é, reconhecer Jesus como Messias que leva à plenitude da vida (Mc 8,29; 15,39), e seguir o ressuscitado indo atrás dele na Galileia (Mc 16,7). Não se trata simplesmente de voltar a ler o Evangelho (Mc1,14), e sim de continuar no tempo presente a atividade concreta de Jesus, através de prática que faça renascer continuamente a esperança da vinda do Reino.³⁵⁴

Na Galileia, onde tudo começou, é lá que vai recomeçar tudo novamente. “É Jesus que convida (Mc 16,7). Ele não desiste, nem mesmo diante da desistência dos discípulos! Chama de novo! Chama para sempre!”³⁵⁵ Jesus dá mais uma chance, os discípulos precisam aprender a ser discípulo novamente, continuar a atividade concreta de Jesus, através da prática que faça renascer continuamente a esperança da vinda do Reino.³⁵⁶

A palavra precede é a mesma usada em Marcos (Mc 10,42), quando no caminho subindo para Jerusalém,

Jesus os precedia e os discípulos seguiam, apreensivos e apavorados. Jesus precedeu os discípulos na morte e na vida que o Pai lhe deu. Precederá a eles na Galileia, lá onde o seguiam e o viam trabalhar; onde se perguntavam: Quem é este homem?³⁵⁷

A mensagem do anjo, narrada pelo evangelista Marcos, dirige-se, sobretudo, aos leitores. Aquele que anuncia às mulheres ajuda a interpretar a experiência do

³⁵³ DELORME, J. **Leitura do Evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 138.

³⁵⁴ BÍBLIA: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990, p. 1280.

³⁵⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, op. cit., 1996, p. 80.

³⁵⁶ O jovem através das mulheres envia a mensagem aos seus discípulos e a Pedro Mc 16,6. Para estes nenhuma recriminação. Jesus é o Filho de Deus que se mostrou fiel ao seu amor por Israel. Fiel as suas promessas, como quando Israel foi infiel a ele Ex 34,6; Jr 2,2; 31,2-7; Is 54,10. Jesus também é fiel ao seu amor por estes homens que escolheu para o núcleo do novo povo de Deus. Assim, a mensagem é enviada: “Ele vos precede na Galileia. Lá, o vereis como vos tinha dito” Mc 16,7 (COLAVECCHIO, op. cit., p. 228).

³⁵⁷ Ibid., p. 228-229.

túmulo vazio de Jesus e, ao mesmo tempo, chama atenção dos leitores pelo fato maravilhoso informado pelo precursor divino, a mensagem da Páscoa.

Tal mensagem declara: a cruz de Jesus não é o fim, Deus interferiu e ressuscitou Jesus, o crucificado. Como as mulheres, Marcos deseja que os leitores creiam na ressurreição e que Jesus é o Messias e Filho de Deus. A ressurreição de Cristo deve ser entendida mais como um princípio de ação, não só como final alegre depois do infortúnio da paixão.

Há diferenças também sobre a mensagem que elas devem transmitir aos apóstolos, o relato de Mateus omite as significativas palavras "... e a Pedro... e diz meus irmãos" (Mt 28,10), ao passo que Marcos, além de mencionar a palavra discípulos, inclui a palavra Pedro (Mc 16,7). Segundo Mateus e Marcos, diz-lhes que Jesus ressuscitou e que os discípulos devem ir à Galileia para o verem (Mt 28,10; Mc 16,7). E a narrativa de Lucas deixa de fora a ordem para irem para a Galileia, mas os discípulos devem permanecer em Jerusalém.

Há alteração quanto ao número de mulheres que se encontraram com o Ressuscitado, para Mateus foram duas, Maria Madalena e a outra Maria (Mt 28,1); em Marcos somente a Maria Madalena (Mc 16,9); Lucas explicita que eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago e outras mulheres (Lc 24,10). A manifestação de Jesus às mulheres, Maria Madalena e a outra Maria, apresentada na narrativa de Mateus (Mt 28,1), é uma recompensa por terem permanecido fiéis durante o desenrolar da paixão (Mt 26, 56.61; 28,1).

Os relatos das "[...] aparições fazem parte de um gênero literário próprio."³⁵⁸ Eles são apresentados e, como em todo processo de revelação, devem ser acolhidos por uma adesão pessoal, que aceita o testemunho de quem anuncia e vive em consequência. A fé depende dos primeiros seguidores de Jesus, homens e mulheres que, aceitando a proposta, acreditaram na presença viva de Jesus. "É o encontro com o Ressuscitado que fundamenta a fé dos discípulos e discipulas."³⁵⁹

Jesus cumpriu sua promessa de estar sempre presente em sua comunidade, especialmente como companheiro de caminhada daqueles que anunciam o Evangelho (Mt 10,40; 28,20). As mulheres, confiantes nas palavras de Cristo Ressuscitado e externadas de alegria, vão dar a Boa Notícia aos discípulos. O encontro com Jesus Ressuscitado é um dom. Os discípulos não fazem nada para

³⁵⁸ FERRARO, op. cit., p. 149.

³⁵⁹ Ibid., loc. cit.

provocá-lo. Os relatos insistem que é Jesus quem toma a iniciativa e se impõe a eles cheio de vida, obrigando-os a sair da perplexidade e incredulidade.

Os discípulos vêem-se [*sic*] surpreendidos quando Jesus se deixa ver no centro do grupo de homens atemorizados. Maria Madalena está à procura de um cadáver quando Jesus a chama. Ninguém está esperando Jesus ressuscitado. É ele quem se faz presente em sua vida ultrapassado todas as suas expectativas. Aquilo é uma graça de Deus, como dizia Paulo.³⁶⁰

De acordo com os relatos, o encontro com o Ressuscitado transforma a vida dos discípulos. Jesus lhes oferece novamente mais uma oportunidade, sua confiança. Por meio de uma experiência pacificadora, Jesus perdoa-lhes a infidelidade, presenteando-os com a paz e a bênção de Deus (Jo 20). Assim, eles podem iniciar uma nova vida, pois os discípulos estão cientes de que O abandonaram, a dor que sentia em seu coração não é só de tristeza pela morte de Jesus; entretanto, é também a tristeza do sentimento de culpa.

A situação prévia dos discípulos foi de abatimento. A atitude posterior é de incredulidade e dureza de coração. Inábeis de seguir Jesus até o calvário, refugiam-se no pranto. Incapazes de entender o seu encontro com o ressuscitado se fecham na incredulidade (Mc 16,14).

Dessa maneira, verifica-se que Jesus incentivou-os a rejeitar os preconceitos do passado e caminharem à luz de Seu Reino, no qual todos são iguais.

3.10 DISCIPULADO E MISSAÕ DAS MULHERES

A incumbência do anjo dada às mulheres de levarem aos discípulos o anúncio da Boa Notícia faz parte da mensagem pascal, porque preanuncia as aparições do ressuscitado.

Depois da revelação da ressurreição de Jesus, Marcos diz que o anjo confia às mulheres uma missão, tendo como destinatários os discípulos e a Pedro: a de lhes comunicar que o Ressuscitado vos precede na Galileia, onde o vereis (Mc 16,7). “Ao longo do desenvolvimento catequético vinculado ao sepulcro, quase não havia outra escolha senão atribuir ao mensageiro divino a ordem aos discípulos de ir

³⁶⁰ FERRARO, Benedito. **Cristologia**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 506.

para a Galileia e ali encontrar o Ressuscitado.”³⁶¹ Essa ordem faz a ponte entre dois fatos consumados: a) no momento da prisão, os discípulos fugiram para a Galileia para salvar a pele; b) as cristofanias a Pedro e aos doze, pela força das coisas, se deram ali onde se encontravam na Galileia.³⁶²

O evangelista já havia colocado nos lábios de Jesus, anteriormente, que depois da ceia pascal: “Depois que eu for ressuscitado, Jesus disse: vos procederei na Galileia” (Mc 14,28). A Galileia era o lugar geográfico e teológico onde Jesus passou sua vida ensinando e preparando seus discípulos, é lá que os discípulos, segundo a mensagem, dirigida às mulheres por meio de um ser celestial, devem retornar para o encontro com o Ressuscitado para ser suas testemunhas.

O texto de (Mc 15, 40-41) deixa claro que o seguimento das mulheres faz referência à gênese desde a Galileia e é relacionado com os termos “seguimento e serviço”, incluídos no acesso ao grupo ou círculo íntimo de ensinamento ou do segredo do Reino de Deus (Mc 4,11). No Evangelho de Marcos, *diakonéo* tem um significado que vai além de servir à mesa, atividade designada somente às mulheres, seu significado varia de acordo com o contexto, pode significar também o serviço à comunidade. O servir à mesa aparece mais claramente em (Mc 1,31) na cura da sogra de Pedro, que tendo sido curada, levantou-se e pôs a servi-los. Tradicionalmente houve uma interpretação redutora para o papel das mulheres que é apresentado nesta passagem. Não se pode enquadrar as mulheres no âmbito da domesticidade, pois a cena ocorre numa área pública e elas estão associadas a Jesus e sua missão³⁶³.

O Texto referente a (Mc 15,40-41), compreende-se que os versículos evidenciam o discipulado da mulher, pois as apresentam como seguidoras e servidoras, termos técnicos utilizados para designar o discípulo. O texto também narra que as mulheres o seguiam desde a Galiléia, desde o início da missão, chegando a Jerusalém, até a cruz. Dessa forma, não só estiveram perto dele como acompanharam seu itinerário de sofrimento, permanecem fiéis e corajosas, mesmo quando os discípulos fogem, e são testemunhas da tortura e da morte do mestre³⁶⁴.

Como discípulas fiéis, as mulheres, além de serem testemunhas da morte de Jesus, são também as anunciadoras da vida nova. As mulheres que observavam de

³⁶¹ MAINVILLE, op. cit. p. 131.

³⁶² Ibid., loc. cit.

³⁶³ TEPEDINO, op. cit., p. 24.

³⁶⁴ Ibid., loc. cit.

longe a crucificação de Jesus (Mt 27,55-56; Mc 15,40; Lc 23,49), foram contundentes para o anúncio da Boa Nova. “Os termos *orao* e *theoreo*, que são repetidos ao longo dos evangelhos, são atitudes que se referem ao discipulado e, mais uma vez, as mulheres, ao observarem, contemplam e adentram no mistério.”³⁶⁵ Ver é uma maneira de perceber a revelação. O crente é aquele que viu, portanto, o evangelista está valorizando a fé das mulheres.

As aparições de Jesus aos discípulos são narradas pelos Evangelistas como sendo a segunda etapa do anúncio do ressuscitado. A primeira fase pertenceu às mulheres; elas que, além de um compromisso de diaconia e discipulado tinham também uma proximidade afetiva (Mc 16,14).³⁶⁶

As mulheres não foram somente as primeiras receptoras da mais importante mensagem do cristianismo, mas também as primeiras a proclamá-la. Essas aparições tinham a finalidade de inspirar a Igreja missionária primitiva a ir pelo mundo inteiro proclamar o Evangelho a todas as criaturas (Mc 16,15), pois os missionários nada tinham a temer, o Senhor que foi levado ao céu (Mc 16, 19) permaneceu com eles em sua pregação (Mc 16,20) e confirmou sua mensagem com sinais especiais.

Os nomes das mulheres divergem nas listas dos Evangelhos sinóticos, mas o nome de Maria Madalena ocupa um lugar proeminente, porque é citada quase sempre em primeiro lugar, como o de Pedro entre os homens. Há um grupo de três mulheres que, ao que parece, são as mais próximas de Jesus: Maria de Madalena, Maria, mãe de Tiago menor e de Josét, e Salomé, da mesma forma que entre os varões há três que gozam de uma amizade especial: Pedro, Tiago e João³⁶⁷.

Marcos informa que, além das mulheres citadas, havia muitas outras que subiram com Jesus a Jerusalém (Mc 15,41). As mulheres que acompanharam Jesus até Jerusalém tiveram uma presença muito significativa durante os últimos dias de sua vida. No texto grego, a terceira mulher é chamada simplesmente Maria de Tiago, a comparação com (Mc 15,40) identifica-a de como mãe de Tiago, não sua mulher.”³⁶⁸

³⁶⁵ Ibid., loc. cit.

³⁶⁶ MAZZAROLO, op. cit., p. 373.

³⁶⁷ PAGOLA, op. cit., p. 276.

³⁶⁸ BERGANT, Dianne.; KARRIS, Robert.J. **Comentário bíblico**. São Paulo: Loyola, 1999. v. 3, p. 107.

A presença das mulheres no grupo dos discípulos não é secundária. Elas são modelo do verdadeiro discipulado para os homens. É digna de nota a entrega dessas mulheres “sua atitude de serviço e sua fidelidade total a Jesus até o fim, sem traí-lo, negá-lo nem abandoná-lo.”³⁶⁹

A versão de Mateus relativa à ordem do personagem celeste vai além de Marcos, com toques redacionais seletos. Primeiramente, o anjo do Senhor tem “pressa”, urge as mulheres a irem ter com os discípulos. Ele repete, em consideração aos discípulos, o que acaba de lhes revelar: “Ele ressuscitou”, depois introduz a fórmula solene “e eis”. Porém, em vez de retomar a fórmula Marcana “como ele vos disse” (Mc 16,7), Mateus coloca na boca do anjo do Senhor a seguinte afirmação: “Eis que eu vos disse” (Mt 28,9).³⁷⁰ A fórmula não remete, portanto, a um prenúncio de Jesus, mas cita antes uma responsabilidade desempenhada pelo anjo do Senhor. Essa modificação (Mt 28,9-10) deixa espaço para o próprio Ressuscitado dizer o que deve ser dito, nesse estágio.

Em Lucas não existe missão alguma em relação aos discípulos, mas somente uma lembrança dos anúncios da paixão e da ressurreição feita pelo próprio Jesus quando ainda estava na Galileia. “Essas modificações redacionais maiores de Lucas, que excluem qualquer cristofania na Galileia, serviam as suas intenções de colocá-las todas no mesmo local, Jerusalém, no mesmo dia, no domingo.”³⁷¹

Os relatos evangélicos, escritos em contexto patriarcal, não conseguem ofuscar o fato da presença³⁷² e atuação das mulheres no movimento de Jesus.

Para Jesus, as mulheres estavam aptas para serem suas discípulas, pois para ser discípulo de Jesus era necessário “[...] chamado, desejo de seguir, serviço, visão, escuta e missão.”³⁷³ As mulheres preencheram esses requisitos e se inseriram nessa missão, desde a Galileia até Jerusalém (Mc 15,40-41). O termo discípula em grego só ocorre uma vez em At 9,36, *Tábita* é chamada discípula.

Em outros textos [...] nunca essas mulheres foram chamadas discípulas, pela simples razão de que não existia em aramaico uma palavra para nomeá-las assim (At 3). Por isso também os Evangelhos gregos não falam

³⁶⁹ Ibid., p. 278.

³⁷⁰ MAINVILLE, op. cit., p. 132.

³⁷¹ Ibid., p. 131.

³⁷² A presença das mulheres no movimento itinerante de Jesus aparece em todos os Evangelhos, que também apontam para outro aspecto de seu movimento: Suas casas são lugares de reunião da comunidade cristã, como a casa de Marta, Maria e Lázaro de Betânia (Jo 11,1-42; 12,1-8; Lc 12,38-40) (TEPEDINO, op. cit., p. 171).

³⁷³ CASONATTO; VIERBRANTZ, op. cit.

de discípulas. O fenômeno de mulheres integradas no grupo de discípulos de Jesus era tão novo que ainda não existia uma linguagem para expressá-lo. Não são chamadas discípulas, mas Jesus as vê e as trata como tais.³⁷⁴

Os prosseguidores (as) do grupo de Jesus, ao fazerem uma experiência de mudança de vida, de humanização tão densa, não se calaram. Foram espalhar e irradiar a novidade de vida para fora da Palestina, tornando-a um movimento missionário, um movimento alternativo diante do controle hegemônico do Império Romano.

Para as mulheres era importantíssimo enfatizar a continuidade do movimento cristão fora da Palestina, pois é aí onde este movimento intensifica sua força libertadora diante da opressão patriarcal do Império Romano e das práticas tradicionais do judaísmo. Esta força continua presente nas primeiras comunidades cristãs em meados do século I.³⁷⁵

O movimento cristão dentro e fora da Palestina fez com que as mulheres fossem consideradas pessoas dignas e com competência para participarem nas comunidades em igualdade de condições como os homens. A desigualdade foi erigida socialmente, feito que não era natural, e, portanto, foi preciso ter ações concretas para desconstruir essa desigualdade entre mulheres e homens, buscando articular novas relações inter-humanas.

A Igreja, na sua estrutura jurídica, encontra-se fundamentada sobre Pedro e os 12 apóstolos. “Este número simbólico aponta para o povo judeu, formado por doze tribos que, segundo a tradição, descendiam dos doze filhos varões de Jacó.”³⁷⁶ Porém, na forma concreta da “[...] vida eclesial, são sempre de novo as mulheres que abrem a porta ao Senhor, O acompanham até a cruz e assim podem encontrá-Lo também como Ressuscitado.”³⁷⁷

³⁷⁴ PAGOLA, op. cit., p. 278-279.

³⁷⁵ TEPEDINO, op. cit., p. 173.

³⁷⁶ PAGOLA, op. cit., p. 278-279.

³⁷⁷ RATZINGER, op. cit., p. 235-236.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir esta pesquisa, deseja-se tecer algumas considerações que permitem uma visão sobre o testemunho das mulheres, bem como sobre o olhar que Jesus designou a elas em seu tempo. Destaca-se, para os textos evangélicos da cruz e ressurreição de Jesus, especialmente em Marcos, o protagonismo da presença e testemunho das mulheres desde o início na Galileia até o novo recomeço, em que elas se destacaram como seguidoras e discípulas de Jesus.

No decorrer da pesquisa, notou-se que as mulheres da cultura judaica realizaram uma experiência de plenitude de vida, experimentaram o Reino de Deus em suas vidas, porque ousaram desafiar as estruturas de uma sociedade patriarcal, não se conformando com a própria situação. Aproximaram-se de Jesus com a esperança de que seu projeto modificaria suas vidas. Contrariando as expectativas contemporâneas, “Jesus deu as boas-vindas às mulheres em seu círculo íntimo de discipulado (Lc 8,1-3).”³⁷⁸ Jesus não iniciou uma revolução aberta contra o sistema que colocava as mulheres em uma posição de submissão. Não se encontra, em nenhuma de suas ações, seus sermões ou parábolas, qualquer depreciação alusiva às mulheres. Pelo contrário, Jesus foi formando uma comunidade nova, a partir daqueles que são marginalizados pela sociedade de seu tempo, como eram as mulheres.

Elas, a partir do momento em que são vistas e acolhidas por Jesus, adquirem confiança e vão rompendo os paradigmas da exclusão, a ocupar seu espaço na sociedade e na evangelização. Jesus olhava as mulheres de maneira diferente, notava-as entre seus ouvintes, cobertas com o véu. Considerava-as dignas de ouvir a Boa Nova de Deus e comunicá-la a outras mulheres que não se atreveram a sair de casa. Com uma sensibilidade nada comum numa sociedade patriarcal, Jesus falava explicitamente das mulheres, tornando-as visíveis e relevando sua atuação.

Desde a Galileia, Cristo as acolheu com respeito e com o amor, os quais somente Ele designa aos seres humanos, criação de Deus. A cultura judaica não permitia às mulheres participar da sociedade e a elas somente cabia cuidar da

³⁷⁸ NÚÑEZ, MIGUEL. A. A atitude de Jesus para com as mulheres. **Diálogo Universitário**, v. 19, n. 2, p. 15-17, 2007. Disponível em: <http://dialogue.adventist.org/articles/19_2_nunez_p.htm>. Acesso em: 22 set. 2013.

família e dos trabalhos domésticos. Aquelas que não formavam família, mas se relacionavam com homens, como as prostitutas, eram excluídas e vistas como 'sujas' pela sociedade. Jesus, porém, em sua infinita misericórdia, deixa registrada a lição de que não se deve julgar, acolhe uma mulher e a perdoa de seus pecados.

Jesus sempre agiu à contramão da sociedade, acolhendo as mulheres e reconhecendo-as como seres humanos sensíveis e dignos de respeito. Também é preciso destacar que as mulheres demonstram, desde o início da missão de Cristo, uma sensibilidade maior para perceber o poder de Deus, cita-se, a exemplo, o ato da mulher que, somente ao tocar as vestes de Cristo, foi curada.

Marcos utiliza o mesmo termo que costuma aplicar também aos discípulos homens. As mulheres têm o mesmo direito de serem chamadas de discípulas e seguidoras (Mc 15,41). Dentro desse grupo, Marcos destaca nominalmente três mulheres (Maria Madalena, Maria, a mãe de Tiago, o menor, e de Joset, e Salomé). Estas correspondem aos três discípulos que Jesus levou consigo ao Getsêmani, Pedro, Tiago e João (Mc 14,37-40), que vencidos pelo cansaço, adormeceram. Não encontraram forças e como cegos não abriram os olhos para afrontar a realidade. As mulheres, pelo contrário, estavam bem atentas. Vigiavam. Não fugiram, ficaram por perto. Mostraram firmeza. Marcos quer constatar que o testemunho das mulheres pressupõe o fato de se ter visto o que aconteceu. Ainda, para ele, apenas as mulheres viram.

Dessa maneira, as mulheres discípulas confirmaram e asseguraram seu seguimento e o da comunidade por meio do observar, do ver, do acompanhar.

Diante do crucificado, elas não observaram apenas exteriormente a morte de Jesus, olhando, reconheceram o verdadeiro ser de Jesus. Contemplaram Jesus. E assim passaram a entender o mistério desse homem. Viram que o próprio Deus estava atuando nele, enxergaram Deus dentro dele. Marcos informa que essas mulheres tinham seguido Jesus desde a Galiléia e o serviam. Vê-se, portanto, que havia, desde o início, também mulheres seguindo Jesus.

Uma participação mais eficaz das mulheres se revela não somente no momento da crucificação de Jesus Cristo, mas também na ressurreição, pois segundo Marcos, foi uma mulher a primeira a ver Jesus ressuscitado, Maria Madalena Mc 16,9. Ainda que os escritos apostólicos enfatizem muito mais o papel de discípulos e apóstolos do que o das mulheres, uma atenção especial precisa ser

dada às passagens que tratam das mulheres em diálogo com Jesus, pois nisso consiste também o agir de Deus na Terra, por meio de Jesus.

As mulheres são enviadas para proclamar o Senhor Ressuscitado aos seus discípulos. Elas são apóstolas, ou seja, enviadas aos apóstolos. Então, elas se tornam super-apóstolas.³⁷⁹ Elas são as primeiras enviadas a anunciar o ressuscitado.³⁸⁰

As mulheres não foram as primeiras a levarem a mensagem da ressurreição ao público, pois não era permitido a elas ler a Palavra de Deus, tampouco falar em público. “A primeira pessoa a partilhar a mensagem da ressurreição publicamente foi Pedro, no dia de Pentecostes (At 2,29-32; Lc 24,44-47).”³⁸¹ Apesar disso, a bênção de ser a primeira pessoa a anunciar esse majestoso acontecimento foi dada às mulheres que tinham servido a Jesus com tanta disposição e generosidade, durante o Seu ministério pessoal.

Os relatos evangélicos, escritos em contexto patriarcal, não conseguem ofuscar o fato da presença e atuação das mulheres no movimento de Jesus. A presença delas no movimento itinerante de Jesus aparece em todos os Evangelhos, que também aponta para outro aspecto de seu movimento: “Suas casas são lugares de reunião da comunidade cristã, como a casa de Marta, Maria e Lázaro de Betânia (Jo 11,1-42; 12,1-8; Lc 12,38-40).”³⁸²

O evangelista Marcos deixa transparecer, em seu Evangelho, a atitude sempre amistosa de Jesus para com todos, especialmente às mulheres. Nas mãos de Jesus, no grupo de Jesus, na escola de Jesus, todos são importantes e necessários. daquelas mulheres, que a sociedade patriarcal da época não valorizava, Jesus soube extrair enormes riquezas e descobrir um potencial impressionante. Para Jesus, eram as suas seguidoras, portadoras de sua mensagem como o eram os homens. Ninguém era excluído. As mulheres tinham a mesma dignidade, categoria e direitos que o homem. Para Marcos, a presença das discípulas, na ressurreição de Jesus, é uma realidade clara, mencionada e narrada também pelos evangelistas com máxima seriedade.

³⁷⁹ FAUSTI, op. cit., p. 551.

³⁸⁰ Aqui vale lembrar da célebre frase do Documento de Aparecida n. 18: “Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor, ao nos chamar e nos eleger, nos confiou. Com os olhos iluminados pela luz de Jesus Cristo ressuscitado podemos e queremos contemplar o mundo, a história, os nossos povos da América Latina e do Caribe e cada um de seus habitantes”.

³⁸¹ NÚÑEZ, op. cit.

³⁸² TEPEDINO, op. cit., p. 171.

Morte e ressurreição formam as duas faces do mesmo mistério. Todavia, além disso, a presença das mulheres na cruz e no sepulcro revela a importância delas nos Evangelhos sinóticos, reflete possivelmente o papel que estas tiveram na comunidade pagão-cristã. “A ressurreição é testemunhada por aqueles que não contam: as mulheres [...]. O fato de os pobres e fracos testemunharem é a maior prova da força transformadora da fé cristã.”³⁸³ Portanto, é o testemunho em si que derrota a arrogância dos poderosos e opressores.

Estes relatos mostram o protagonismo das mulheres nos acontecimentos pascais. “Essas mulheres que estiveram junto ao túmulo, a quem se anuncia a ressurreição e às quais Jesus Cristo aparece, são as mesmas que tinham acompanhado Jesus desde a Galileia.”³⁸⁴ Jesus não só revalorizou a existência das mulheres em uma sociedade patriarcal, mas as inseriu em seu grupo.

Os relatos das aparições buscam passar o querigma da comunidade. Não são relatos históricos, mas procuram mostrar a nova forma de presença do ressuscitado, somente por meio da fé que se pode ter um encontro com o ressuscitado. A fé dessas mulheres tornou-as capazes de seguir a mesma trilha até a glória.

Nenhum dos evangelistas descreve a própria ressurreição de Jesus: esta é um processo que se desenrolou no segredo de Deus entre Jesus e o Pai, um processo impossível de ilustrar para nós e que, por sua natureza, se subtrai à experiência humana.³⁸⁵

Diante deste acontecimento decisivo, percebe-se que as mulheres reconhecidas pelos evangelistas sinóticos têm função mediadora importantíssima no nascimento do testemunho cristão em favor de Cristo ressuscitado. “Ninguém pode testemunhá-lo, nem mesmo os guardas, pois desmaiaram de medo.”³⁸⁶ Confiantes no mensageiro divino, essas mulheres se tornaram testemunhas fidedignas do Ressuscitado.

Graças ao testemunho delas, milhões de cristãos acreditam na ressurreição do Senhor. É o que o mundo espera da Igreja: que seja credível como aquelas mulheres o foram, para que, no meio de tanta mentira e de notícias enganadoras, o mundo aceite a Boa Notícia de Jesus.

³⁸³ STORNILO, op. cit., p. 209.

³⁸⁴ Ibid., p. 152.

³⁸⁵ RATZINGER, op. cit., p. 234.

³⁸⁶ TRILLING, op. cit., p. 328.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA do Peregrino. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

ARTUSO, Vicente. **Evangelho de Marcos.** Londrina: [s. n.], 2010. Apostila.

ASLAN, Reza. **Zelota:** a vida e a época de Jesus de Nazaré. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

AUNEAU. J.; BOVON F.; GOURGUES M. ; CHARPENTIER, E. ; RADERMAKERS, J. **Evangelhos sinóticos e Atos dos apóstolos.** São Paulo: Paulinas, 1986.

AZEVEDO, Walmor Oliveira de. A. **Comunidade e missão no Evangelho de Marcos.** São Paulo: Loyola, 1995.

BALANCIN, Euclides. M. **Como ler o evangelho de Marcos:** quem é Jesus? São Paulo: Paulus, 2005.

BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos (I).** São Paulo: Loyola, 1990.

BATTAGLIA, O.; URICCHIO, F.; LANCELLOTTI, A. **Comentário ao Evangelho de São Marcos.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

BENTHO, Esdras. C. **Carpideiras:** a profissional do luto! Disponível em: <http://teologiaegraca.blogspot.com/2011/03/apressem-se-e-levantem-sobre-nos-o-seu.html>>. Acesso em: 10 jul. 2014).

BENTO XVI. **Marcos:** o primeiro evangelista. Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/evangelizadores/2009/03/26/marcos-o-primeiro-evangelista/>>. Acesso em: 10 fev 2011.

BERGANT, Dianne.; KARRIS, Robert.G. **Comentário bíblico.** São Paulo: Loyola, 1999. v. 3.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

BÍBLIA: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BINGEMER, Maria. C. L. A mulher na Igreja hoje e a partir do Concílio Vaticano II. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 66, n. 249, p. 23-46, jan. 2003

BOFF, Leonardo. **Paixão de Cristo paixão do mundo:** os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BONNIN, P. I. Jesus e a Mulher: uma novidade radical. In: **Grande Sinal**, Petrópolis, v. 43, p. 475-483, 1994.

BROWN, Raymond. E. **A Morte do Messias**: comentários das narrativas da paixão nos quatro evangelhos. São Paulo: Paulinas, 2011. v. 2.

_____. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004.

CALLE, Francisco. de la. **A Teologia de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1984.

CAMPS, Josep R. **O Evangelho de Lucas**: o êxodo do homem livre. São Paulo: Paulus, 1995.

CARMONA, Antonio R. **Evangelio de Marcos**. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2006.

CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CARTER, W. **O Evangelho de São Mateus**. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2000.

CASONATTO, Odalberto D.; VIERBRANTZ, Rosalir. **Jesus e as mulheres**: a mulher nos evangelhos sinóticos. 6 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=autor=1623&idautor=66&idutente=&caso=artigo>>. Acesso em: 10 set. 2014.

CESÁREIA, Eusébio. **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2000.

CLEMENTES, R. E. **O mundo do Antigo Israel**: perspectivas sociológicas, antropológicas. São Paulo: Paulus, 1995.

COENEN, Lothar.; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2.

COLAVECCHIO, Ronaodo. L. **Perfeito no seu amor**: o itinerário de Jesus Cristo diante do Pai no evangelho de Mateus. Aparecida: Santuário, 2002.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Dei Verbum***. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Anúncio querigmático e evangelização fundamental**. Brasília: CNBB. 2009.

_____. **Caminhamos na estrada de Jesus**: o evangelho de Marcos. São Paulo: Paulinas, 1996.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA E DO CARIBE. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulus. 2007.

DELORME, J. **Leitura do Evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1982.

FABRIS, Rinaldo. O evangelho de Marcos. In: **Os Evangelhos**. São Paulo: Loyola, 1990.

FAUSTI, Silvano. **Ricorda e Racconta il Vangelo: la catechesi narrativa di Marco**. Milano: Ancora, 1998.

FERRARO, Benedito. **Cristologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FIORENZA, Elisabethi. S. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992.

FRANCISCO I. **Carta Encíclica *Lumen Fidei***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei_po.pdf>. Acesso em: 8 out. 2014.

FRAZÃO, Lopes Cristina Andréia. **A Palestina no século I d.C**. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/palestina.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

GALLARDO, Carlos. B. **Galileia ano 30: para ler o Evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1996.

GALIZZI, Mario. **Evangelho segundo Marcos**. São Paulo: Salesiana, Dom Bosco, 1986.

GNILKA, Joachim. **El Evangelio según San Marcos**. Salamanca: Sígueme, 2005.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HENDRIKSEN, Guilherme **El Evangelio Según San Marcos**. Grand Rapids: SLC, 1987.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e o Império: o Reino de Deus e a nova desordem mundial**. São Paulo: Paulus, 2004.

HORSLEY, Richard. A.; HANSON John. S. **Bandidos profetas e messias: movimentos populares nos tempos de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2005.

JOÃO MARCOS, o evangelista. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/SaoMarco.html>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem***. 15 ago. 1988. Disponível em: <http://212.77.1.247/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_15081988_mulieris-dignitatem_po.html>. Acesso em: 10 jul. 2014.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao novo testamento: história, cultura e religião do período helenístico**. v.1. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2012.

KONINGS, Johan. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas “Fonte Q”** São Paulo: 2005.

KINUKAWA, Hisako. Las discípulas de Jesús (Mc 15,40-41, 15,47;16,1). In: LEVINE, A. **Una compañera para Marcos**. Bilbao: Desclée De Brouwer, 1994, p. 252.

LENTZEN-DEIS, F. **Comentário do Evangelho de Marcos: modelo de nova evangelização**. São Paulo: Ave-Maria, 2003.

LEVIRATO. In: Wikipedia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Levirato>>. Acesso em: 5 jul. 2014.

LOES, João. As mulheres da vida de Jesus. **Istoé**, São Paulo, n. 2146, 29 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br/reportagens/116637as+mulheres+da-vida+de+Jesus+parte+1>>. Acesso em: 12 set 2011.

MAINVILLE, Odette. **As cristofanias do Novo Testamento: historicidade e teologia**. São Paulo: Loyola, 2012.

MARGUERAT, Daniel. **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

MARQUES, Maria. A. **No caminho de Jesus: uma leitura do evangelho de Marcos**. Vida Pastoral n. 286, 2012.

MAZZAROLO, Isidoro. **Evangelho de Marcos: estar ou não com Jesus**. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004.

McKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1983.

MESTERS, Carlos.; LOPES, Mercedes. **Caminhando com Jesus: círculos bíblicos do Evangelho de Marcos**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

MORACHO, Félix. **Como ler os Evangelhos**. São Paulo: Paulus, 1994.

MOSCONI, Pe. Luís. **Atos dos Apóstolos: como ser igreja no início do Terceiro Milênio?** São Paulo: Paulinas, 2001.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992.

MULHOLLAND, Dewey. M. **Marcos : introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

NÚÑEZ, Miguel. A. A atitude de Jesus para com as mulheres. In: **Diálogo Universitário**, v. 19, n. 2, p. 15-17, 2007. Disponível em: <http://dialogue.adventist.org/articles/19_2_nunez_p.htm>. Acesso em: 22 set. 2013.

OPORTO, G. S.; GARCIA S. M. **Comentário ao Novo Testamento**. São Paulo: Ave Maria, 2006.

ORSATTI, Mauro. **Lucas: Evangelho no feminino**. São Paulo: Santuário, 2000.

PAGOLA, Jose. A. **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PALLARES, José C. **Um pobre chamado Jesus: releitura do evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1988.

PÁPIAS. **Padres apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

PERONDI, Ildo. **A fé que realiza sonhos: história de João Marcos, discípulo de Pedro e autor do segundo Evangelho**. São Paulo: Palavra & Prece, 2010b.

POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos: comentário esperança**. Curitiba: Evang. Esperança, 1998.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

REIMER, Ivoni R. **Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista**. São Paulo: Paulinas, 2005b, p.69-70.

_____. **Compaixão, cruz e esperança: teologia de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 2012a.

_____. (Org.). **Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos**. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2006.

SÃO MARCOS, evangelista. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/portal/canais/liturgia/santo/index.php?dia=25&mes=4>>. Acesso em: 24 fev. 2011.

SÃO MARCOS. Disponível em: <http://www.cademeusanto.com.br/sao_marcos.htm>. Acesso em: 14 fev. 2014.

SAULNIER, Christiane.; ROLLAND, Bernard. **A Palestina no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2002.

SCHIAVO, Luis; SILVA, Valmor. **Jesus milagreiro e exorcista**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **O Evangelho segundo Marcos**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

SCHOTTROFF, Luise. **Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista**. São Paulo: Paulinas, 1995.

SILVA, Orione.; CARMO, Solange. M. **Jesus, nosso salvador: encontros com crianças de 8 a 11 anos**. São Paulo: Paulus, 2009.

SLOYAN, Gerard. S. **Evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1975.

SOARES, Sebastião. A. G.; CORREIA, João. J. L. **Evangelho de Marcos: refazer a casa**. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 1.

STANDAERT, Benoît. **Marco: Vangelo di una notte, vangelo per la vita**. Commentario. Bologna: Dehoniane, 2012.

STORNILO, Ivo. **Como ler o Evangelho de Lucas: os pobres constroem a nova história**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1992.

TAYLOR Vicent. **Evangelio Según San Marcos**. Madrid: Huesca, 1979.

TENNEY, Merrill. C. **O Novo Testamento: sua origem e análise**. São Paulo: Shedd, 2008.

TEPEDINO, Maria. A. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1990.

TILLESSE, Caetano. M. de. Evangelho segundo Marcos: estruturada, análise estrutural e teológica. In: **Revista Bíblica Brasileira**. Fortaleza, 1992. V 9, n.1-2. p. 1-240. TORAH. Disponível em: <<http://www.fisemg.com.br/?pg2=paginas&id=38>>. Acesso em: 9 jul. 2014.

THEISSEN Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 245.

TRILLING, W. **O Evangelho segundo Mateus**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

VAAGE, Leif. E. Que o leitor tenha cuidado! O Evangelho de Marcos e os cristianismos originários da Síria-Palestina. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**. Petrópolis, v.1, n.29, p.11-31, 1988.

VALDÉS, Ariel A. **Jesus teve discípulas mulheres?** Disponível em: <http://www.miradaglobal.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1422:ituvo-jesus-discipulas-mujeres&catid=31:temas&Itemid=35&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2011.

_____. **Quem descobriu o túmulo vazio?** Disponível em: <http://www.capuchinhos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1534:quem-descobriu-o-tumulo-vazio-de-jesus&catid=127:a-biblia-responde&Itemid=482>. Acesso em 10 jul. 2014.

VIELHAUER, Philipp. **História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos e aos pais apostólicos**. Santo André: São Paulo: Academia Cristã, 2005.

XAVIER, Léon. D. **Os Evangelhos e a história de Jesus**. São Paulo: Paulinas 1972.